



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
www.uab.pt

**Ser gibraltarino**

**Estudo exploratório sobre a cultura e identidade dos residentes em Gibraltar**

**Sandra Regina Borges Gilotay**

**Departamento de Ciências Sociais e Gestão**

**Mestrado em Relações Interculturais**

**Orientação científica: Professora Doutora Olga Magano**

**Lisboa, 2018**



**Ser gibraltarinu**

**Estudo exploratório sobre a cultura e identidade dos residentes em Gibraltar**

**Sandra Regina Borges Gilotay**

**Departamento de Ciências Sociais e Gestão  
Mestrado em Relações Interculturais**

**Orientação científica: Professora Doutora Olga Magano**

**Lisboa, 2018**

*“Uma vida de escrita ensinou-me a desconfiar das palavras. As que parecem mais límpidas são muitas vezes as mais traidoras. Um destes falsos amigos é precisamente a palavra “identidade”. Acreditamos saber tudo o que ela quer dizer, e continuamos a confiar nela mesmo quando, insidiosamente, ela se põe a dizer o contrário.” (Maalouf, 2015: 17)*

**Resumo**

Este estudo de investigação foi desenvolvido no intuito de conhecer a complexidade cultural, a construção e a afirmação identitária dos residentes de Gibraltar. Devido à sua diversidade cultural, social, linguística e religiosa, e por ser um território de pequena dimensão com uma localização geográfica estratégica, Gibraltar usufrui hoje de excelentes condições económicas e sociais.

Tratando-se de um território dentro do continente europeu, onde ainda prevalecem certos vínculos coloniais, com um passado de conquistas e disputas de soberania (entre Espanha e Inglaterra), que ainda são perceptíveis através da sua fronteira, despertou-nos a atenção o modo como os seus habitantes interagem e conjugam as suas múltiplas pertenças.

No desenvolvimento teórico, procuramos retratar alguns dos eixos pertinentes para esta análise, nomeadamente as conceções de cultura, as interações sociais, as fronteiras sociais e culturais, formas de mestiçagem e hibridismo, a pluralidade cultural, a identidade e a integração social, para tentar perceber em que consiste a identidade dos residentes de Gibraltar e a conceção do ser gibraltarinu.

Em termos metodológicos, optámos por um estudo exploratório, devido à falta de trabalhos publicados anteriormente e concernentes à identidade gibraltarina, de carácter qualitativo, através da realização de entrevistas semi-estruturadas a diferentes perfis de entrevistados/as residentes ou que trabalham em Gibraltar.

Os resultados apontam para a importância que a diversidade cultural assume na construção da identidade gibraltarina. Considerando a imposição histórica das duas culturas, tanto a inglesa como a espanhola, e a influência das demais culturas dos residentes em Gibraltar, o gibraltarinu encontrou uma forma particular de se integrar diante a sua própria diversidade cultural. Quanto mais diversificou a sua cultura mais complexificaram as formas identitárias, provocando, para além um sentimento comum entre os seus residentes, também um sentimento de partilha, de integração e tolerância, despreendendo também um sentimento de orgulho da sua própria diversidade. O ser gibraltarinu é o resultado final das suas múltiplas pertenças que certamente continuarão a fazer parte da sua complexa forma de ser.

**Palavras-chave:** identidade, Gibraltar, cultura, diversidade, mestiçagem

**Abstract**

This research study was developed in order to know the cultural complexity, construction and identity of the residents of Gibraltar. Due to its cultural, social, linguistic and religious diversity, and because it is a small territory with a strategic geographical location, Gibraltar now enjoys an excellent economic and social conditions.

In the case of a territory within the European continent where certain colonial claims still prevail, with a history of conquests and sovereignty disputes (between Spain and England), which are still noticeable across its frontier, it calls to our attention by the way its residents interact and meld their multiple backgrounds.

In the theoretical development, we have tried to describe some of the relevant axes for this analysis, such as, culture conceptions, social interactions, social and cultural borders, forms of mixture, cultural plurality, identity and social integration, to try to understand the identity of the residents of Gibraltar and the design of the Gibraltarian identity.

In methodological terms, due to the lack of previously published works concerning the qualitative Gibraltarian identity, we opted for an exploratory study, through semi-structured interviews with residents of different backgrounds and workers in Gibraltar.

The results point to the importance of cultural diversity in the construction of the Gibraltarian identity. Considering the historical imposition of both British and Spanish cultures plus the influence of the other cultures of the residents of Gibraltar, the Gibraltarian has found a particular way of integrating itself in the face of its own cultural diversity. The more they diversified their culture, the more complex the identity forms, in addition to a common feeling among their residents of a sense of sharing, integration and tolerance, giving a feeling of pride in their own diversity. The modern day Gibraltarian is the result of multiple backgrounds and cultures that will certainly continue to be part of a complex way of being.

**Keywords: identity, Gibraltar, culture, diversity, mixture.**

## **Resumen**

Este estudio de investigación fue desarrollado con el fin de conocer la complejidad cultural, la construcción y la afirmación identitaria de los residentes de Gibraltar. Debido a su diversidad cultural, social, lingüística y religiosa, y por ser un territorio de pequeña dimensión con una ubicación geográfica estratégica, Gibraltar goza hoy de excelentes condiciones económicas y sociales.

Tratándose de un territorio dentro del continente europeo donde aún prevalecen ciertos vínculos coloniales, con un pasado de conquistas y disputas de soberanía (entre España e Inglaterra), que aún son perceptibles a través de su frontera, nos ha despertado la atención el modo como sus habitantes interactúan y conjugan sus múltiples pertenencias.

En el desarrollo teórico hemos intentado retratar algunos de los ejes pertinentes para este análisis, tales como las concepciones de cultura, las interacciones sociales, las fronteras sociales y culturales, formas de mestizaje e hibridismo, la pluralidad cultural, la identidad y la integración social, para intentar percibir en qué consiste la identidad de los residentes de Gibraltar y la concepción del ser gibraltareño.

En términos metodológicos, optamos por un estudio exploratorio, debido a la falta de trabajos publicados anteriormente y concernientes a la identidad gibraltareña, de carácter cualitativo, a través de la realización de entrevistas semi estructuradas a diferentes perfiles de entrevistados/as residentes o que trabajan en Gibraltar.

Los resultados apuntan a la importancia que la diversidad cultural asume en la construcción de la identidad gibraltareña. Considerando la imposición histórica de las dos culturas, tanto la inglesa como la española, además de la influencia de las otras culturas de los residentes en Gibraltar, el gibraltareño encontró una forma particular de integrarse frente a su propia diversidad cultural. Conforme más diversificó su cultura, más complejas lo hacían las formas identitarias, provocando, además de un sentimiento común entre sus residentes, también un sentimiento de compartir, de integración y tolerancia, desprendiendo un sentimiento también de orgullo de su propia diversidad. El ser gibraltareño es el resultado final de sus múltiples pertenencias que seguramente seguirán formando parte de su compleja forma de ser.

**Palabras clave:** identidad, Gibraltar, cultura, diversidad, mestizaje

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho a duas pessoas que já não se encontram mais nesta dimensão da existência, mas que foram fontes de inspiração no meu caminho.

Uma delas é meu pai, que partiu um pouco antes do término deste trabalho e que certamente estaria imensamente feliz por partilhar este momento tão especial comigo.

Outra é minha avó Maria, o meu maior exemplo de pessoa.

## **Agradecimentos**

Este trabalho não poderia ter sido concretizado sem ajuda de muitas pessoas, às quais deixo aqui expressa a minha mais profunda gratidão.

À minha Orientadora Professora Doutora Olga Magano, sou imensamente grata, pela sua dedicação, paciência e experiência, e sobretudo, pela confiança depositada em mim, sem ela todas as dificuldades e limitações encontradas não poderiam ter sido superadas.

Aos meus professores de mestrado, pelo enriquecimento académico, e aos meus colegas de que fizeram com que esta dissertação não tenha sido um percurso tão solitário, o meu especial agradecimento aos colegas Carlos, Manuela, Vera e Ana Cristina.

Agradeço às pessoas de Gibraltar que me ajudaram neste projeto, como a Doutora Jennifer Ballantine, diretora da biblioteca Garrison, por suas orientações bibliográficas e históricas, bem como aos senhores William, Tito e Wallace, com dicas e conselhos.

Aos meus familiares que, embora a distância, sempre estiveram presentes de alguma forma, e um especial agradecimento à minha família espanhola pelo imenso apoio e incentivo que tive de todos eles.

Por último, o meu especial agradecimento às duas pessoas com quem mais partilho a minha vida, pois sem elas o meu caminho não seria tão iluminado, Frédéric, a minha melhor escolha, o meu cúmplice de caminhada, e Nicole Marie, por me permitir ser o que há de mais valioso na vida, ser mãe.

## Índice

Resumo .....	iii
Abstract .....	iv
Resumen.....	v
Dedicatória.....	vii
Agradecimentos .....	viii
Índice.....	ix
<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
1. Apresentação do tema.....	1
2. O território de Gibraltar .....	2
3. Propósitos e objetivos .....	6
4. A escolha da metodologia .....	7
5. A estruturação do trabalho .....	8
<b>Capítulo 1 – A dinâmica dos processos identitários .....</b>	<b>14</b>
1. O dinamismo dos processos identitários e o papel da cultura.....	14
2. A teorização no processo construtivo identitário em contexto de modernidade.....	17
<b>Capítulo 2 – Relações culturais e sociais: a complexidade do processo de construção identitária em Gibraltar .....</b>	<b>23</b>
1. As interações sociais como processo de construção identitário.....	23
1.1 A integração social em contextos de múltiplas identidades.....	25
2. Gibraltar: território de múltiplas culturas .....	27
2.1 A influência colonial na cultura gibraltarina .....	29
2.2 A questão fronteiriça: o caso da fronteira de Gibraltar .....	31
<b>Capítulo 3 – Sociedade gibraltarina: pluralidade cultural, linguística e religiosa em Gibraltar .....</b>	<b>34</b>
1. A sociedade gibraltarina .....	34
2. Pluralidade cultural em Gibraltar .....	37
2.1 Mestiçagem e Hibridismo .....	38

2.2 A diversidade das influências dos residentes de Gibraltar.....	41
3. A diversidade religiosa no território de Gibraltar .....	45
4. O bilinguismo e o yanito (llanito) .....	47
5. O desempenho económico de Gibraltar.....	50
<b>Capítulo 4 – Percurso metodológico: desafios de investigação em território de múltiplas identidades .....</b>	<b>54</b>
1. Os desafios teóricos e metodológicos ao longo do percurso .....	54
2. O contexto da investigação: Gibraltar .....	57
3. Da construção do guião e da realização das entrevistas .....	59
4. Da seleção ao perfil dos entrevistados .....	62
5. Sistematização de dados e análise de conteúdo .....	67
<b>Capítulo 5 - Apresentação e análise dos resultados .....</b>	<b>69</b>
1. Caracterização sociodemográfica dos entrevistados.....	69
2. Razões para viver em Gibraltar.....	72
3. Contacto e convívio social .....	85
4. Sobre a convivência cultural e formas de integração .....	89
5. Gibraltar: sociedade em constante transformação .....	95
6. A particularidade do Yanito: entre o espanhol e o inglês.....	98
6.1 O ser yanito .....	104
7. Influências culturais gibraltarinhas: miscigenação entre a cultura espanhola e britânica .....	107
8. Perspetiva sobre o futuro de Gibraltar .....	110
8.1 A questão da fronteira .....	114
8.2 As condições económicas de Gibraltar .....	118
8.3 Impacto do Brexit: o que mudará? .....	124
9. Sentimentos de identificação com Gibraltar: orgulho em ser gibraltarinho.....	127
<b>Capítulo 6 - Discussão final .....</b>	<b>135</b>
Conclusão .....	144
<b>Bibliografia.....</b>	<b>147</b>

**Índice: mapas, gráficos, imagens e grelha**

Mapa 1 - Localização geográfica de Gibraltar.....	2
Imagem 1 - Vista panorâmica de Gibraltar.....	5
Gráfico 1 - Censo da população de Gibraltar.....	42
Gráfico 2 - Dados económicos.....	53
Grelha 1 - Grelha sociodemográfica.....	71

**Anexos**

Anexo 1- Guião de entrevistas em português.....	158
Anexo 2 - Guião de entrevista em espanhol.....	162
Anexo 3 - Guião de entrevista em francês.....	165
Anexo 4 - Guião de entrevista em inglês.....	168
Anexo 5 - Ficha de registo de realização das entrevistas.....	171
Anexo 6 - Excerto utilizado para a análise de conteúdo.....	175
Anexo 7 – Excerto utilizado para a análise das entrevistas: transcrições.....	176

## **Introdução**

### **1. Apresentação do tema**

A decisão de realizar esta investigação surgiu após a aproximação física e geográfica num determinado período de convívio pessoal com o território de Gibraltar que, apesar de se encontrar na Península Ibérica, mais especificamente, no sul de Espanha, é de concessão britânica. Na aproximação à região, avista-se logo a imposição geológica do Rochedo com seus 426 metros de altura, dividindo geograficamente o continente europeu e africano, caracterizando-se, assim, fisicamente o limite fronteiriço deste atrativo território.

Ao efetuar a travessia da fronteira entre Gibraltar e Espanha percebe-se um grande fluxo de pessoas, desde turistas, comerciantes e, sobretudo, trabalhadores procedentes de diferentes partes de Espanha e de outros países da Europa, que cruzam diariamente em busca do cumprimento das suas jornadas laborais. São os trabalhadores fronteiriços, assim considerados pelo próprio governo de Gibraltar. Devido a esta grande frequência de pessoas de diferentes lugares e culturas, alude o interesse e a curiosidade por este território de pequenas dimensões, mas como um intenso intercâmbio cultural, social e económico.

Diante desta expectativa, decidiu-se investigar como é que essas distintas culturas se relacionam entre si. Optou-se pela realização de um estudo de carácter exploratório sobre a cultura e a identidade dos residentes de Gibraltar, com o propósito de analisar a pluralidade cultural e o ponto confluyente das diversas culturas que construíram e amoldaram a identidade de seus habitantes.

Esta investigação procura centrar-se no sentimento de pertença a uma identidade comum, para além das especificidades culturais e sociais, que ao longo do tempo foram compondo esta sociedade mestiçada.

## 2. O território de Gibraltar

As sociedades costumam materializar os seus saberes através do conhecimento, do património cultural e da memória social, os quais são representados pela sua própria identidade histórica, mediante as suas construções sociais de significados coletivos, que vão sendo partilhadas ao longo do tempo (Rodrigues, n.d). Logo, “*para compreender os fenómenos sociais é preciso conhecer a sociedade em que os indivíduos se movimentam*” (Magano, 2010:21).

Nesta introdução, pretende-se retratar as principais características físicas, geográficas e históricas deste território tão singular. Gibraltar distingue-se por ser uma pequena península rodeada por uma estreita faixa de água localizada entre os continentes africano e europeu. Situado no extremo meridional da Península Ibérica, Gibraltar é constituído por uma superfície de 6,8 km<sup>2</sup>, possui uma população de 33.573 mil habitantes, conforme os dados do censo de 2015 (HM *Government of Gibraltar*<sup>1</sup>).

**Mapa 1 - Localização geográfica de Gibraltar**



Fonte: Rock-of-gibraltarnortfacecommns

Para além da enorme concentração de residentes numa área bastante limitada, o que equivale a 5.165 habitantes por km<sup>2</sup>, Gibraltar ao longo da sua história tem sido um ponto de encontro de distintas comunidades culturais, linguísticas e religiosas, que no decorrer do

<sup>1</sup> Informação disponível em: <https://www.gibraltar.gov.gi/new/key>

<sup>2</sup> Informação disponível em: <https://www.gibraltar.gov.gi/new/key-indicators-1>

tempo, foram formando a história cultural dos seus residentes. Este pequeno território ultramar de possessão britânica desde a sua invasão em 1704, já foi de domínio espanhol, árabe, além de outros povos antigos, desde fenícios, gregos e romanos. Devido à sua posição geográfica e sua localização estratégica, não somente Gibraltar, mas o próprio “Estreito de Gibraltar”, assim nomeado, foi sempre um cruzamento de passagem de vários povos e culturas, que ao longo dos séculos, foi palco de atividade humana ininterrupta, por pelo menos meio milhão de anos até ao presente momento. Há evidências arqueológicas de assentamentos humanos que remontam há milhares de anos (Constantine, 2009). Esta estreita faixa de água, de apenas catorze quilómetros de extensão, separando Europa e África é o único elo de ligação entre o Mar Mediterrâneo e o Oceano Atlântico.

Segundo Acher (2006), Gibraltar ou *The Rock* (O Rochedo), como os ingleses sempre o nomearam, é particularmente único, tratando-se das suas características físicas. É o resultado de um acidente geológico, quando o Mediterrâneo se criou e fechou pelo oeste, através de forças tectónicas entre a África e a Península Ibérica que originaram a sua colisão (Jackson, 1987). Desde o tempo dos Neandertais, o Estreito de Gibraltar era considerado como uma barreira para qualquer movimento para o sul que, com o passar do tempo, começou a ocorrer em ambas direções. Grande parte dessa atividade esteve intimamente ligada à geografia do canal (Finlayson, *apud* Acher, 2006). Os ricos recursos minerais e biológicos das áreas tornaram o local atrativo para muitos povos, juntamente com a disponibilidade de grandes baías. Gregos e fenícios abrigavam-se das águas potencialmente traiçoeiras. Para aqueles homens do mar do mundo antigo, Gibraltar deve ter sido muito mais do que um marco, conforme conta a lenda clássica dos Pilares de Hércules, que ali deixaram as suas oferendas aos seus deuses nas cavernas, na esperança de uma passagem segura em direção aos seus destinos.

À medida que estes visitantes marítimos aumentaram, a região do Estreito ampliou-se com seus colonos e colonizadores, e a atividade comercial passou a institucionalizar-se. Gibraltar possui um contexto histórico bastante militar devido a sua posição geográfica, que também favoreceu estrategicamente para o domínio de forças militares. O acesso ao Mediterrâneo e o controlo entre dois continentes permitiram a capacidade de monitorização e a dominação do comércio, o que explica o desejo de disputa deste território nestes últimos séculos (Archer, 2006).

Outro aspeto atrativo de Gibraltar é a sua economia, que é tão específica e peculiar quanto seu próprio território, pois sempre esteve voltada para a captação de mão-de-obra estrangeira até os dias de hoje, um fator que acabou sendo determinante para o seu aspeto cultural e social. A estreita relação com o comércio e a sua característica particular de porto marítimo militar e mercantil foram a porta de entrada para não só comerciantes mas para a mão-de-obra vinda de outros lugares, assim como deu lugar a diversas ondas migratórias.

Segundo Constantine (2009), as fortificações militares, aonde quer que estejam necessitam de uma população civil para fornecer e abastecer as suas necessidades, como mão-de-obra e serviços pessoais. Gibraltar britânico não foi diferente, e por isso, necessitava de se repovoar depois de uma expressiva evasão de habitantes locais devido ao conflito militar. A oportunidade da chegada de populações de outros lugares foi oportuna. Eram mercantes de distintas origens, que vinham fazer comércio e acabavam por se instalar no território, desde os antigos judeus, antes da expulsão moura, genoveses que faziam comércio marítimo, espanhóis devido a proximidade física, árabes vindo do norte da África, mas certamente a maior influência foi sem dúvida foi a força da presença militar após a conquista dos ingleses.

Hoje, devido a uma política de imposto distinta e específica, como a redução de certos tributos comparando com outros países membros da União Europeia, Gibraltar acabou por atrair muitas empresas e investidores, destacando-se em vários setores da sua economia, desde turismo, comércio, prestação de serviços financeiros e de comunicações, e atividades marítimas, o que reflete na sua reduzida taxa de desemprego de apenas 0.49%, segundo fontes do próprio governo (HM *Government of Gibraltar*, 2016)<sup>3</sup>. Este impacto económico repercute não somente em seu próprio território como toda a zona de nomeada “Campo de Gibraltar”, sem contar com a adesão de trabalhadores de outras regiões, considerados transfronteiriços, na sua maioria originários de Espanha, países da UE ou outras zonas do mundo. Esta diversificada movimentação diária de pessoas no território de Gibraltar, para além das suas origens geográficas dos residentes, reflete a realidade da diversidade cultural

---

Disponível em: <http://chronicle.gi/2016/09/govt-trumpets-low-unemployment-record/>

dos residentes de Gibraltar que, de forma progressiva, buscam a necessidade de encontrar sua própria identidade social (Archer, 2006).

**Imagem 1 - Vista panorâmica de Gibraltar**



Fonte: Disponível em: <https://www.ccn.com/world-first-gibraltar-plans-regulate-legalize-initial-coin-offerings/>

Outra particularidade de Gibraltar é a questão linguística. O idioma oficial é o inglês, por ser território britânico. Porém, devido à proximidade fronteiriça com Espanha e à influência geográfica e histórica e, sobretudo, cultural, o espanhol também passou a ser um idioma frequentemente utilizado, o que acabou por gerar um bilinguismo. Devido à concorrência frequente dos dois idiomas, surgiu um fenômeno linguístico, nominado, o *yanito* ou *llanito* que segundo Háskóli (2016) classifica como uma diglossia, correspondendo, desta forma, à utilização de dois idiomas ao mesmo tempo, decorrente da situação. Por outro lado, a palavra *yanito* pode ser também atribuída à população nativa de Gibraltar como uma pertença cultural, ou uma forma de identificação, não apenas pela diferenciação entre ambos idiomas, o inglês e o espanhol, mas entre as distintas situações culturais e sociais, considerando-se como uma forma própria de ser.

### **3. Propósitos e objetivos**

Partindo para uma reflexão metodológica mais detalhada, nesta investigação, decidimos delinear os propósitos e objetivos com a pretensão de explorar o sentimento do ser Gibraltarino por parte dos residentes em Gibraltar, independentemente das suas origens geográficas, sociais e culturais, considerando quais são as comunidades residentes e os seus confrontos culturais. Quais os seus sentimentos de pertença e como conjugam as várias pertenças? E como se sentiriam se fossem uma nação autónoma?

Este território encontra-se atualmente sob domínio britânico, mas até que ponto há uma identificação com o sentimento de ser britânico? Qual a importância e a influência que a fronteira com a Espanha teve na cultura e na identidade dos seus residentes? Até que ponto, a condição de colónia influenciou a sociedade gibraltarina? De que modo o fator económico tem sido uma componente relevante na identidade gibraltarina?

Pretende-se também atingir uma reflexão crítica e científica sobre a questão da identidade dos residentes de Gibraltar, articulando a relação do eu com o outro e as suas formas de mestiçagem cultural e como se sentem ao partilhar um pequeno território.

Assim, o objetivo deste trabalho consiste em compreender a dinâmica da construção da identidade destes habitantes, que se identificam como britânicos, embora reconheçam as suas distintas origens e tenham a consciência de suas diferenças culturais e, ao mesmo tempo, partilham essa diversidade cultural, desprendendo um sentimento comum.

#### **4. A escolha da metodologia**

Não obstante que a trajetória dos factos e o modo de vida dos habitantes de Gibraltar já tenham traçado trezentos anos de história há, no entanto, poucos relatos e estudos disponíveis sobre a questão da identidade gibraltarina. Neste sentido, decidimos desenvolver um estudo exploratório como metodologia, devido à falta de artigos publicados e bibliografia específica sobre a cultura e a identidade gibraltarina. Considerando essa escassez de conhecimento científico sobre a temática, o estudo como pesquisa exploratória procura uma maior profundidade no assunto, tornando-o mais claro no sentido de construir questões importantes para a condução da pesquisa (Raupp & Beuren, 2006).

Tendo em conta o objetivo de conhecer o processo de construção identitária do gibraltarino, foi feita a opção pela metodologia qualitativa, uma vez que esta permite uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. O método qualitativo permite ser mais aberto, flexível e emergente, como também permite a utilização de múltiplas técnicas e métodos, uma vez que a complexidade das sociedades contemporâneas é cada vez mais perceptível, o que conclui que os estudos tendem a ser feitos com maior acuidade (Bravo & Catalán 1993 *apud* Brito, 2010).

Nesse sentido, realizaram-se entrevistas semi-estruturadas, considerando que uma entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver de forma intuitiva uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo (Cardoso, Teixeira, Spilker, Silva & Oliveira 2011).

## 5. A estruturação do trabalho

Para atender uma melhor adequação científica, delineámos o percurso da dissertação em uma introdução e seis capítulos incluindo o percurso teórico e metodológico deste estudo.

Na parte introdutória, incluímos a apresentação do tema, descrevendo os motivos que levaram à realização deste projeto; uma introdução das principais características físicas, geográficas e históricas do território de Gibraltar; os propósitos e objetivos do estudo, destacando-se a pretensão de explorar o sentimento do ser gibraltarinu por parte dos residentes de Gibraltar, independentemente das suas origens geográficas, sociais e culturais; uma breve descrição da metodologia utilizada e os métodos a serem utilizados neste trabalho e, por último a descrição da estruturação do trabalho.

No primeiro capítulo, tratamos da dinâmica dos processos identitários que diferem em dois pontos principais. No primeiro ponto, relacionamos o dinamismo dos processos identitários e o papel da cultura no processo de construção das identidades, sendo que, as culturas moldam e dão sentidos as identidades através das suas relações sociais no seu meio cultural, formando um processo de identificação cultural (Enmes & Marcon, 2014).

Neste sentido, as identidades estão diretamente relacionadas com a cultura (Cuche, 2004) e, ao mesmo tempo, transmitem um sentimento de pertencimento daquilo que afirmamos ou de quem somos, ou ao grupo a que pertencemos (Santos, 2011).

No segundo ponto, tratamos da teorização no processo construtivo identitário em contexto de modernidade. Ao mesmo tempo que a modernidade trouxe importantes transformações no campo das relações sociais, (Giddens, 1990), esta possibilitou uma maior mobilidade de escolhas (Santos, 2014), permitindo, assim, uma maior diversidade de abordagens na conceituação das identidades, passando a serem consideradas cada vez mais globalizadas e menos localizadas (Giddens, 2008). Sendo assim, a compreensão e a definição das identidades são um processo complexo, não somente pelas possibilidades de escolhas que ela própria dimensiona, mas pelo seu próprio aspeto plural e dinâmico, que permite uma certa fluidez no seu meio social, associado às experiências individuais e coletivas, que se exteriorizam pela complexa fragmentação do próprio sujeito e sobretudo, que não existe nenhuma identidade do “eu” sem a identidade do “nós” (Santos, 2014).

No mesmo ponto, também relacionamos a identidade e a cultura com a questão do termo etnicidade que vem sendo colocada em desuso ao tentar relacioná-la com características biológicas ou origens geográficas, ou ainda a substituição da palavra raça (Luvizotto, 2009).

No segundo capítulo, abordamos as relações culturais e sociais: a complexidade do processo de construção identitária de Gibraltar. Este capítulo divide-se em dois subcapítulos. No primeiro, focamos as interações sociais como estruturas nos processos de construção identitária, considerando, assim, as interações sociais como produtoras de identidades (Strauss, 1999), que ao serem dimensionadas pelos sujeitos utilizam-se das estratégias identitárias para encontrar melhores posições nos contextos sociais em que são importantes para a relação de poder entre os atores sociais e seu meio social (Enmes & Marcon, 2014).

No mesmo subcapítulo ainda, concernente às interações sociais, analisamos a questão da integração social em contextos de múltiplas identidades, uma vez que a integração não pode estar desassociada na questão identitária considerada, assim, como um produto de socialização entre os indivíduos (Zanatta, 2011). Sendo que, à medida que os indivíduos se identificam no seu próprio meio social, procuram formas conscientes de integrar-se em busca do seu próprio reconhecimento social. A integração social, antes de tudo, passa por um processo de conscientização de existência do outro, ou um reconhecimento entre a identidade, a sociedade e a própria realidade social e de que nunca está acabado, onde um não se estrutura sem o outro, onde o indivíduo acaba participando do seu próprio mundo social através de uma dialética relacional (Franco, 2012).

Ainda no capítulo dois, no segundo ponto, apresentamos uma breve contextualização histórica sobre Gibraltar como território de múltiplas culturas. Pareceu-nos pertinente relatar os principais acontecimentos históricos que contribuíram para a formação da cultura da sociedade gibraltarina, como as conquistas dos povos antigos, considerando Gibraltar um território de passagem pela sua localização estratégica, assim como também as relações conflituosas com o governo espanhol, sobretudo, na questão de tomada de soberania.

Também relatamos a importância da influência colonial na cultura gibraltarina, sobretudo por seu aspecto económico, além da sua condição de porto marítimo militar e mercante, como qualquer colónia, Gibraltar necessitava também de manutenção de serviços prestados para a acondicionamento da guarnição militar, o que acabou permitindo a entrada

não só de comerciantes, mas também de mão-de-obra estrangeira oriunda de outros lugares e, especialmente, do mediterrâneo (Constantine, 2009).

Outro fator importante, igualmente tratado no mesmo capítulo, é a questão fronteiriça. A fronteira entre Gibraltar e Espanha foi um marco tanto simbólico como físico para a construção da identidade gibraltarina. As fronteiras como delimitação de um espaço físico territorial sempre acabam por remeter para negociações de valores que estruturam as identidades condicionando o reconhecimento a um sentimento de pertença e de coletividade territorial (Ferreira, 2010) e, simultaneamente, também dão sentido figurado na vida social como *formas híbridas de percepção e de fenómenos sociais* (Albuquerque, 2010). É o caso da fronteira entre Gibraltar e Espanha que teve não apenas um aspeto histórico e político, pelas suas condições geográficas estratégicas, mas deu origem à sua diversidade cultural, linguística e religiosa, assim como a sua própria diversidade económica e social. A sociedade gibraltarina moldou e edificou a sua identidade vinculada à ideia de fronteira, o que permitiu essa convivência e diversidade no qual podemos constatar nos dias de hoje.

No terceiro capítulo, sociedade gibraltarina: pluralidade cultural, linguística e religiosa em Gibraltar, procuramos descrever melhor o meio social da sociedade gibraltarina e as suas principais pertenças, assim como a própria designação de sociedade no sentido de uma ordem social ou de um resultado de uma negociação dos processos interativos (Zanatta, 2011), sendo que as relações sociais passam a ser vistas como relações de poder e formas de cooperação por meio dos seus próprios intercâmbios (Castro, 2002).

Descrevemos, assim, neste capítulo, do ponto de vista histórico, a constituição e a formação da sociedade gibraltarina, para além de suas relações culturais, sociais e religiosas que contribuíram para a formação da sua própria sociedade. Também ressalvamos a importância do termo pluralidade, tendo conta que este vem sendo inserido cada vez mais no campo das ciências sociais em vários contextos sociais, assim como a modernidade, que permite uma maior fluidez de escolha aos seus indivíduos (Magano, 2012). A pluralidade no campo das identidades pluralistas, como é a sociedade gibraltarina, considerando a sua diversidade cultural, linguística e religiosa, pode ser vista com uma dinamização de dimensão coletiva, e não necessariamente como identidades compartimentadas (Maalouf, 2015), mas como uma constituição da sua própria condição híbrida e não simplesmente

como uma fragilidade provisória, uma vez que insere com um valor que é constituído em seu próprio meio social (Godoy, 2012).

Neste sentido, procuramos definir melhor a questão da mestiçagem e do hibridismo, para melhor compreender o processo de integração da sociedade gibraltarina. A designação dos termos, tanto hibridismo como mestiçagem, tem sido cada vez mais recorrente nas ciências sociais, primeiro porque ambos os termos se entrelaçam cada vez mais no campo teórico da pluralidade identitária, assim como na dinâmica dos processos identitários considerando uma maior frequência entre as interações sociais e, sobretudo, no campo simbólico das fronteiras culturais. Refletimos também sobre o modo como os processos de hibridização acabam criando formas autóctones ou nativas através das experiências e das práticas emancipatórias (Santos, 2004).

No mesmo capítulo ainda, tratamos da diversidade e das influências dos residentes de Gibraltar, descreveremos a importância dos principais grupos culturais que influenciaram e compuseram a população dos residentes de Gibraltar de hoje. Primeiramente, aportamos gráficos de censos populacionais apresentados pelo governo de Gibraltar. Em seguida, destacamos, do ponto de vista histórico, os principais grupos culturais que foram compondo a população gibraltarina, começando pelos genoveses, depois os judeus, britânicos, portugueses, minorquinos, indianos, marroquinos e espanhóis.

Abordamos também a diversidade religiosa no território de Gibraltar, considerando umas das primeiras pertenças de partilha e integração para a mestiçagem cultural de Gibraltar, e acabou partilhando todas as formas de fé, desde católicos romanos, anglicanos, judeus, muçulmanos e hinduístas, bem como seus vários órgãos e organizações auxiliares. Ou seja, praticamente todas as manifestações religiosas acabaram contribuindo para uma convivência coletiva de valores comunitários e espirituais, assim como ideias e práticas educacionais e consciência social (Archer, 2006).

Outro ponto pertinente neste capítulo, que não podíamos deixar de abordar, é a questão do bilinguismo com o domínio do inglês e o espanhol, ou o *yanito*, no qual devemos considerar como uma das pertenças mais importantes na formação da identidade gibraltarina, além da sua atribuição à população nativa. Esta particularidade linguística proporcionou à população de Gibraltar um sentimento único de poder expressar-se no seu próprio meio

cultural, no seu próprio câmbio linguístico, diferenciando-se das distintas situações culturais, sociais entre ingleses e espanhóis.

Por último, para finalizar o terceiro capítulo, sublinhamos a importância do desempenho económico de Gibraltar, dado que as suas condições históricas e geográficas fomentaram uma economia próspera e diversificada, não só em valores económicos mas também culturais, tendo sempre contando com a prestação de mão-de-obra estrangeira.

No quarto capítulo, percurso metodológico: desafios de investigação em território de múltiplas identidades, inicialmente, procuramos retratar os desafios teóricos e metodológicos encontrados ao longo do percurso deste projeto de investigação, nomeadamente a falta de disponibilidade bibliográfica e estudos anteriores sobre a questão da identidade de Gibraltar, facto que nos conduziu à realização de um estudo exploratório. O planeamento do guião foi tarefa complexa, devido à grande variedade cultural de entrevistados e línguas faladas pelos mesmos. Ainda no quarto capítulo, descrevemos o contexto de investigação e as opções metodológicas. A realização de entrevistas semi-estruturadas pareceu-nos ser a metodologia mais adequada, tendo em conta a diversidade dos componentes a serem analisados. Também apresentamos os procedimentos da sistematização de dados e a descrição da elaboração da análise de conteúdo.

No capítulo cinco, sistematizamos a análise dos resultados referentes às narrativas das entrevistas semi-estruturadas dos nossos entrevistados/as. Para tal, apresentamos uma grelha da caracterização sociodemográfica dos 17 entrevistados/as, tendo em conta as referências de idade, género, escolaridade, profissão, local de residência e local de nascimento, para além das origens dos pais e religião. Também dividimos os entrevistados/as em três perfis de análise: 1) nativos, aqueles que nasceram e se consideram gibraltarinos; 2) residentes, os que vivem no território, sendo que alguns deles também consideram gibraltarinos; 3) os não-residentes, aqueles que simplesmente trabalham em Gibraltar, os considerados trabalhadores transfronteiriços.

Os resultados das narrativas foram divididos em vários contextos de análise, começando por razões para viver em Gibraltar, abordamos os motivos de viverem ou estarem em Gibraltar. Também aprofundamos as questões familiares e de trabalho. Contacto e convívio social e formas de integração, para saber como é o contacto com outras culturas,

quais são as suas formas de convivências diárias, e se há uma harmonia entre as distintas culturas em Gibraltar.

No capítulo seis, realizamos a discussão final e a conclusão dos resultados, mediante as narrativas dos três perfis de entrevistados/as, relacionando-as diretamente com o enquadramento teórico na tentativa de perceber melhor qual o sentimento do ser gibraltarino e sua complexa relação com seu meio social.

## **Capítulo 1 – A dinâmica dos processos identitários**

### **1. O dinamismo dos processos identitários e o papel da cultura**

O estudo das identidades e sua dinâmica têm vindo a ser debatido no campo das ciências sociais, devido ao crescente aumento das interconexões globais que, dimensionadas pela modernidade e as instituições atuais (Giddens, 1990), têm sugerido no campo teórico novas proposições conceptuais (Santos, 2011), caracterizando as identidades modernas como sendo cada vez mais descentradas, deslocadas e fragmentadas (Hall, 2006), desvinculando-as cada vez mais de algum grupo fechado ou de algum grupo específico.

Com a finalidade de compreender melhor o dinamismo das identidades dos residentes de Gibraltar, para além da análise contextual histórica referente à cultura e à sociedade gibraltarina, pretende-se analisar alguns componentes teóricos que se encontram inseridos no âmbito das dinâmicas identitárias, nomeadamente a cultura e as interações sociais, a fronteira e a mestiçagem e o hibridismo, a pluralidade cultural, a identidade e a integração social, no intuito de compreender como se constrói e em que consiste a identidade dos residentes de Gibraltar.

Sendo assim, essa dinamização faz com que os processos de construção identitários sejam considerados cada vez mais como fenómenos sociais, fluidos e inacabados, onde os limites entre o particular e o universal são questionados e confrontados, uma vez que as relações identitárias também procedem das relações diferenciadoras de poder e de hierarquização social entre os grupos, mediados entre os limites do eu e dos nós, e do nós e dos outros (Enmes & Marcon, 2014).

A construção das identidades acontece no interior dos contextos sociais através do desempenho de papéis sociais, os quais são definidos pelas normas e estruturas dentro das instituições e organizações nas sociedades (Castells, 1999), e são eles que determinam a posição dos agentes e, ao mesmo tempo, orientam as suas representações e escolhas (Cuche, 2004).

De modo que, a identificação com um certo grupo e a diferenciação com relação a outros vão formando as fronteiras das identidades (Santos, 2011). E quanto maior for o intercâmbio de identidades, mais o indivíduo se pluraliza, formando uma única identidade, às vezes diferenciadora dos demais, mesmo que este indivíduo se encontre inserido na mesma dimensão social (Cuche, 2004). Ao mesmo tempo que o indivíduo possui a sua própria identidade, isso permite-lhe diferenciar-se e identificar-se com o outro (Ferreira, 2010).

Neste sentido, o processo de identificação caracteriza-se como uma propriedade pertinente ao grupo, no qual o indivíduo vai partilhando suas pertencas, moldando e construindo sua própria identidade na interação com seus grupos sociais.

Sem querer entrar ainda na gênese da teorização da identidade, apenas salientando que, a construção da identidade também procura significados nas relações diárias, onde o outro se incorpora no processo construtivo (Ferreira, 2010), condicionando, assim, o comportamento do indivíduo em determinadas situações de interiorização entre a cultura e a sociedade em que os indivíduos se encontram inseridos, como um contínuo processo de construção social, que *permite o abandono de uma identidade e a procura de outra acumulando múltiplas apresentações do eu* (Goffman *apud* Santos, 2014).

A identidade de um grupo não é medida apenas por um conjunto de traços culturais diferenciados, mas também através da própria localização desses traços pelos membros do grupo que utilizam para se afirmarem e manterem uma distinção cultural. Quer dizer, as culturas não diferem entre si do mesmo modo e no mesmo plano. Por outro lado, a construção para cada tipo de processo identitário remete para diferentes resultados que atingem a própria constituição e estruturação das sociedades (Hall, 2006).

*“Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida [...] O autoconhecimento – invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos pelos outros”* (Calhoun, *apud* Castells, 1999:22).

Ou seja, é no processo identitário que os atores sociais conjugam os seus atributos culturais com seu meio social, dependendo das negociações e acordos entre indivíduos e

instituições, que por sua vez, reorganizam os seus significados em função da autoconstrução e individuação em que estes atores se encontram envolvidos. Diante desta perspectiva, não se pode deixar de sublinhar que as questões sobre a identidade estão diretamente relacionadas com a cultura (Cuche, 2004).

O termo cultura acabou por se tornar em “*um conceito estratégico central para a definição de identidades e de alteridades no mundo contemporâneo, um recurso para a afirmação da diferença e da exigência do seu reconhecimento*” (Spivak, 1999 *apud* Santos, 2004:21).

No campo da conceituação do termo cultura, muitos estudos teóricos foram aclarando que, o fator mais importante da enorme diversidade do comportamento do ser humano não é o habitat e as características biológicas, mas a diversidade de sua própria cultura. Ao longo dos tempos, o próprio conceito do termo cultura, tornou-se num instrumento de refutação da hegemonia, do biológico sobre o social (Laraia, 2005). Conforme o mesmo autor, o ser humano age somente de acordo com os seus padrões culturais, considerando que os seus instintos se perdem conforme o seu próprio processo evolutivo.

Se a cultura não é uma herança transmitida de forma hereditária, isso deve-se ao facto de ser o resultado de uma produção histórica construída através das relações dos grupos sociais (Balandier, 1995 *apud* Cuche, 2004). Portanto, uma cultura particular só produz uma identidade diferenciadora quando há uma interação entre grupos, onde os procedimentos de diferenciação são aplicados nas suas relações, como a própria relação do eu com o outro, logo, “*não há uma identidade em si, nem sequer unicamente para si, a identidade é sempre uma relação com o outro*” (Cuche, 2004:140).

As culturas não existem sem as suas relações sociais, que são sempre inigualitárias, o que pressupõe a existência de uma hierarquia entre as culturas e, conseqüentemente, uma hierarquia social (Cuche, 2004). Ou seja, uma cultura não se determina apenas pela variedade de representações simbólicas que ela própria oferece, mas pelas suas relações sociais, uma vez que “*a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade*” (Enmes & Marcon, 2014: 287).

Outra questão pertinente relacionada com a cultura no processo identitário é a diversidade cultural. A cultura pode existir sem consciência identitária atribuída pelos

processos inconscientes, enquanto as estratégias identitárias podem manipular e até mesmo modificar uma cultura (Cucho, 2004).

Sendo assim, a cultura define a identidade de um certo grupo em relação a outro formando um processo de identificação cultural, considerado como sendo um fator determinante para a formação das identidades (Kajimoto, Gerbasi & Cavalcante, 2014). Ou seja, a identificação cultural transmite um sentimento de pertencimento àquilo que afirmamos quem somos, ou ao grupo a que pertencemos, se existe uns nós, ou um outro que não faz parte dos nossos (Santos, 2011).

## **2. A teorização no processo construtivo identitário em contexto de modernidade**

Face à análise teórica anteriormente abordada sobre a dinâmica dos processos identitários, com a finalidade de compreender o dinamismo das identidades dos residentes de Gibraltar, neste capítulo, pretende-se estender mais sobre o conceito identidade e seu percurso teórico como sujeito atual.

Como a questão da identidade tem estado no cerne do debate, sobretudo no âmbito das ciências sociais, por estar diretamente relacionada diretamente com os fenómenos socioculturais da atualidade. Alguns autores trouxeram contribuições pertinentes no campo teórico sobre as identidades que merecem ser mencionadas neste estudo. Um dos motivos de a identidade estar atribuída à modernidade é o de que o indivíduo, antes, ao viver em uma comunidade tradicional não se via como um indivíduo particular e, em simultâneo, não se questionava a respeito da sua própria identidade (Kaufmann, 2004), o que poderia atribuir a falta de um questionamento do próprio sujeito.

A modernidade não só aumentou o acesso massivo aos meios de comunicações e transportes, encurtando tempo e distância, mas provocou um maior fluxo de migrações, gerando inevitavelmente a uma maior diversificação no processo da construção das identidades (Rodrigues, n.d), ao mesmo tempo, uma maior fonte de escolhas.

Neste sentido, Giddens (1990) afirma que, devido ao seu caráter dinâmico, a modernidade trouxe importantes transformações também nos campos das relações sociais,

implicando uma maior interação entre o indivíduo e o seu meio social, possibilitando, assim, mais liberdade de escolhas e uma maior identificação do próprio sujeito.

Assim como Bauman, (2005) refere que a modernidade passou a ter um caráter mais fluído, a qual denomina como, modernidade líquida, *onde encontram-se inseridas uma infinidade de identidades à escolha, e outras ainda para serem inventadas* (Faria & Souza, 2011).

Essa dinamização social provocada pela modernidade, como o aumento de escolhas e mobilidades, permitiu que os indivíduos tenham uma maior flexibilidade identitária e uma maior emancipação dos sujeitos, o que acaba implicando ao mesmo tempo um maior confronto, no sentido de que, quanto maiores as escolhas maiores as incertezas (Santos, 2014).

Sendo assim, a identidade na sociologia passou a ser um conceito multifacetado (Giddens, 2008), com diversas abordagens, na medida em que o conceito de identidades passa a ser mais global e dialogal, possibilitando uma maior articulação entre o espaço e o tempo, deixando de ser mais localizada e relacional nos seus grupos locais passando a ser mais globalizada.

Boaventura de Sousa Santos (1993:32) afirma que a preocupação com a identidade não é algo novo, mas pode dizer-se a respeito da identidade, *que a modernidade nasce dela e com ela*. O autor considera também que o facto de as identidades não serem rígidas e muito menos imutáveis acabam por torná-las transitórias e fugazes nos processos de identificação, mesmo tratando-se das identidades mais sólidas, como ser homem, mulher, natural de um país ou de outro podem estar num contexto temporal e em constante processo de transformação.

Para Giddens (2008:29), a identidade está relacionada com os entendimentos que as pessoas têm acerca de si mesmas e com o que é importante para elas. Esses entendimentos vão-se formando conforme os atributos que as pessoas acreditam ser prioritários como fontes de identidades, como, por exemplo, a orientação sexual, a classe social, a nacionalidade e assim por diante. Enquanto as identidades sociais estabelecem formas de semelhanças com os outros, a identidade pessoal distingue-se dos outros como próprio indivíduo, existindo uma constante negociação entre o indivíduo e o mundo que o rodeia, como um processo

interacional entre o eu e o meio social, que interage entre o mundo pessoal e o mundo público (*ibidem*).

Essa dicotomia, entre a identidade pessoal, que é associada a uma noção única e singular, e a identidade social ao conceito de semelhança, sendo representada pela própria subjetividade do indivíduo, que busca uma forma simultânea de identificação, que vai do eu ao nós, ou que, para ele, aquilo que é individual e aquilo que é social (Santos, 2014).

Outra dicotomia relacionada com o processo de construção das identidades, para além da identidade pessoal e social, é o processo de identificação e diferenciação provocado pelo sentimento de pertencimento a um grupo, a uma cultura, a um lugar, ou uma religião, como a manifestação de uma identidade cultural, considerando que todo ser social interage e é interdependente de outros seres sociais (Santos, 2011).

Só afirmamos quem somos ou se pertencemos a um determinado grupo, se existe um outro que não faz parte de nós. A identidade não é uma autorreferência, ao contrário, *ela nasce e desenvolve da relação com outro*, estando diretamente associada a diferença (Hall, Woodward, Silva *apud* Santos, 2011).

A identidade constrói-se no dia-a-dia, onde o outro também se integra em um processo construtivo, como um resultado de uma socialização (Zanatta, 2011). Ao mesmo tempo, emerge uma ideia vinculada à diferença que é construída por oposições simbólicas, como um processo de identificação, que recorre aos contextos de interação social, como uma forma de estratégia identitária, desenvolvida através dos sujeitos, na tentativa de melhor posicionar-se nas interações sociais. O sentimento de pertencimento e de alteridade são produzidos através das relações de poder nas nossas escolhas e sentidos de identificação, que são os resultados de como pensamos, e como nos imaginamos no mundo, a partir do contexto e das relações sociais em que estamos inseridos (Enmes & Marcon, 2014:287).

É no campo das identidades plurais que as identidades se constroem em uma relação de oposição de um grupo a outros grupos, com os quais estão em contacto, ultrapassando o objetivismo e o subjetivismo, ou seja, a identidade acaba sendo construída e reconstruída por meio de trocas sociais, como uma manifestação relacional, ou uma negociação constante entre a objetividade e a subjetividade (Barth, *apud* Cuche, 2004). A identidade não é apenas o oposto da diferença, a identidade depende da diferença (Nunes & Silva, 2002).

Por outro lado, Cuche (2014) afirma que o processo de identificação não é medido apenas pela distinção dos traços culturais entre os grupos, mas pela vontade de diferenciar, utilizando esses traços como marcadores das suas identidades específicas, mediada por um limite entre o eles e o nós, ou de um certo modo, o estabelecimento de uma fronteira identitária.

Os autores Nunes e Silva (2014:1) consideram a fronteira da identidade como sendo um lugar de alteridade, um território de invenção do outro, onde o indivíduo procura reconhecimento frente a alteridade. Para Enmes & Marcon, (2014), a fronteira da identidade passa a ser um indicativo simbólico da diferença, no sentido mais de uma metáfora, como a ideia de outro indivíduo, grupo, região, nação e assim por diante. Nesse sentido, a identidade também é o resultado de uma construção social, como um processo flexível e dinâmico.

Segundo Abranches (2007:23), *“o indivíduo recebe diversas influências e atua continuamente em diferentes contextos, integrando pertencas múltiplas e desempenhando papéis variados que coexistem e se inter-relacionam”*, através de uma conjugação de estratégias das suas identidades herdadas.

As identidades sejam elas singulares ou plurais são uma construção em constante evolução. Não há identidades fixas, o processo de construção nunca está acabado, dando origem a recontextualização muitas vezes conflituante e contraditória (Ferin *et al.* 2008:31).

Em virtude das consequências dos processos globais e da diversidade de contactos culturais, uma atribuição às identidades plurais e que concerne a este estudo é a identidade híbrida, que é o resultado das distintas culturas que partilham o mesmo espaço territorial e social (Magano, 2012). Para Hall (2006), as identidades culturais híbridas são movidas pelas mudanças, encontros e desencontros (Poletto & Kreutz, 2004).

Para Souza, (2012:5) *“o hibridismo não é um processo que traz ao sujeito a sensação de completude ao dialogar com outras culturas, pelo contrário, seria o momento onde o sujeito percebe que sua identidade está sempre sendo reformulada, ressignificada e reconstruída, num jogo constante de assimilação e diferenciação para com o “outro”, permanecendo sua indecisão sobre qual matriz cultural o mais representa”*.

Como defende Goffman, citado por Santos (2014), é na dinamização das identidades que se acaba por permitir o abandono de uma identidade à procura de outra, como um constante processo social de identificação ou uma multiplicidade de apresentações do eu.

O autor Maalouf (2002) acredita que a identidade *não se compartimenta, sendo uma e vivida no seu todo e não como um aglomerado de pertenças autónomas e justapostas* (Santos, 2014:13).

Logo, tentar compreender e definir as identidades envolve um certo grau de complexidade, não apenas pelo seu aspeto plural e dinâmico, mas também pela significação das experiências individuais e coletivas, que as identidades permitem pela sua constante fluidez no seu meio social, e que são exteriorizadas pela complexidade de manifestação e fragmentação do sujeito e, sobretudo, pelo facto que não existir nenhuma identidade do “eu” sem a identidade do “nós” (Elias, 1993 *apud* Santos, 2014).

Outro conceito que se costuma relacionar com a identidade e com a cultura e merece ser mencionado neste estudo é a questão da etnicidade. Alguns autores no campo das ciências sociais têm evitado as palavras *eticidade, etnia* ou *grupos étnicos*, quando estas se associam às características biológicas ou às origens geográficas na questão da substituição da palavra *raça*, ou ainda como marcadores estáticos sociais relacionados como uma unidade cultural distinta (Luvizotto, 2009), podendo ser considerada como uma apreciação de representação social negativa (Magano, 2010) que resiste à aceitação cultural em relação a uma cultura maiormente reconhecida.

Por outro lado, Barth (2005) faz uma comparação entre cultura e etnicidade, afirmando que enquanto a cultura gera um processo de transformação e variação dentro dos grupos pelas interações sociais entre seus agentes, o conceito de etnicidade pode ser representado *por uma organização social que expressa uma identidade diferencial nas relações com outros grupos* (Luvizotto, 2009:31), mesmo considerando que a etnicidade não pode ser reduzida a conteúdos culturais de forma homogénea nos quais se transmitem entre gerações.

Ou seja, depende da manutenção dos limites do próprio grupo entre uma dicotomização entre seus membros ou não membros, ou nós e os outros, e com o seu próprio carácter de limite fronteiriço. Para Barth (2005), cultura é o resultado das experiências pessoais que são distribuídas por intermédio de pessoas entre pessoas e está em fluxo constante, não tendo possibilidade de uma estagnação nos materiais culturais, enquanto os grupos sociais podem ter as suas fronteiras mais definidas e uniformizadas compartilhadas pelos próprios autores do grupo.

Neste sentido, *o pertencimento ao grupo étnico é construído sem referência à diversidade real da cultura, que atinge até o cerne da família nuclear*, (Barth, 2005: 25). Logo, os traços de uma cultura que demarcam os limites de um grupo podem alterar a cultura pelo seu próprio objeto de transformação, sem implicar um esgotamento da contribuição étnica caracterizada e determinada pelo próprio grupo (Luvizotto, 2009).

## **Capítulo 2 – Relações culturais e sociais: a complexidade do processo de construção identitária em Gibraltar**

### **1. As interações sociais como processo de construção identitário**

Neste capítulo, pretende-se dar continuidade à reflexão sobre as relações culturais e sociais de Gibraltar subjacentes às dimensões interculturais e fronteiriças da sociedade gibraltarina. Tendo em conta a questão teórica já introduzida neste estudo sobre a dinamização dos processos identitários como um fenómeno social, fluído e inacabado (Enmes & Marcon, 2014), que as identidades se constroem no interior dos contextos sociais através dos papéis sociais e são definidas pelas normas e estruturas dentro dos grupos sociais (Castells, 1999), assim como a importância do papel da cultura na construção das identidades formando um processo de identificação cultural (Kajimoto, Gerbasi & Cavalcante, 2014), cabe agora refletir sobre a importância das interações sociais entre os distintos grupos culturais através de suas experiências sociais.

É também no campo do processo de construção identitária que as interações sociais se posicionam e estruturam na sociedade, desprendendo um sentimento de pertença identitária, contribuindo para o processo de integração e diferenciação (Magano, 2012), desenvolvendo a comunicação e a compreensão mútua entre os indivíduos, grupos e culturas, implicando um certo grau de competência individual e social que permite que as interações se harmonizem (Ramos, 2014).

Neste sentido, as interações sociais passam a ser produtoras de identidades (Strauss, 1999), que dimensionadas pelos sujeitos usam estratégias identitárias (Cuche, 2004) para encontrar as suas melhores posições nos contextos sociais que, por sua vez, são importantes para a relação de poder entre os atores sociais na interação social, através da produção da *autoidentidade* e da *heteroindentidade* (Enmes & Marcon, 2014), que inseridos numa dinâmica orientam o eu, e a reação dos outros.

Concernente ainda à questão das interações sociais, uma das características associadas ao fenómeno da modernidade (Giddens 1990) tem sido a dialética da interceção entre o estranhamento e a familiaridade, manifestada pelo deslocamento dos sujeitos em novos cenários culturais (Fleuri, 2003), ou o deslocamento do conhecido para o desconhecido, não tratando apenas de outro sujeito, mas de uma interação social entre o outro que reflete o eu em si mesmo. A instituição social da diferença ou da alteridade transfere pelo estranhamento a perceção da existência social do outro, do nosso outro, que intimamente está sempre próximo e diverso, constituindo o nosso próprio mundo e o nosso próprio eu (Gusmão, 2008). Ao mesmo tempo, é nas interações sociais e nos *processo de localização social* que esta dinâmica confronta o sentimento de pertencimento entre os grupos sociais originando conflitos e tensões mediados pelas fronteiras materiais e simbólicas delimitando o eu o nós, e, o nós e os outros (Enmes & Marcon, 2014).

A institucionalização da questão relacional, no que se refere às interações sociais na sociedade atual, tem sido desenvolvida por políticas de sociabilização não tão bem acertadas no campo da conciliação e integração, dividindo a questão da individualidade, do particularismo e da universalidade na tentativa de reconhecer o outro como alguém diferente (Ramos, 2014).

No campo das ciências sociais, a modernidade trouxe novas abordagens e conceitos relacionados com a promoção e a integração, nomeadamente o multiculturalismo e a interculturalidade. O multiculturalismo foi criado como um projeto de política de reconhecimento na tentativa de promover a equidade das diferenças no espaço público entre diferentes culturas (Magano, 2012). O termo surge em alguns países na década dos anos setenta como política multiculturalista de grupos minoritários (Cuche, 2004).

Tendo em conta que a promoção do multiculturalismo ou da multiculturalidade tenta conjugar políticas de integração entre distintos grupos sociais, ao mesmo tempo, considera-se como um argumento de legitimação das diferenças e das hierarquias entre elas, alteando as relações de poder, no intuito de estabilizar e controlar um processo que é dinâmico, dissimulando as relações de desigualdades e de poder (Enmes & Marcon, 2014).

O multiculturalismo como política emancipatória acaba por tornar-se controverso, desprezando tensões, podendo promover desunião, divisão e até mesmo a fragmentação nas sociedades (Santos & Nunes, 2004).

Por outro lado, o termo interculturalidade tem-se sobreposto ao conceito de multiculturalidade, no sentido de valorar os contextos das interações sociais e culturais (Magano, 2012), estimulando as diferenças por meio da naturalização e da despolitização, reconhecendo as culturas como *inacabadas, incompletas e intangíveis*, como resultados dos processos de comunicação mútua e permanente através do hibridismo cultural (Ennes & Marcon, 2014). É nas interações culturais que os processos de socialização dão forma à mestiçagem cultural, configurando, assim, as construções identitárias (Bastide, 1989 *apud* Magano, 2012), desenvolvendo competências interculturais que permitem que as interações sociais se harmonizem entre indivíduos e culturas (Ramos, 2011).

Neste sentido, a compreensão e a percepção das fronteiras simbólicas, tanto culturais como sociais, permitem ao indivíduo captar melhor as diferenças entre os distintos grupos, contribuindo para uma melhor interação nos processos identitários (Magano, 2012), de forma que, socialmente construídas e transformadas pelos contextos sociais e históricos, podem ser reconfiguradas de modo centrado e unificado ou descentrado e fragmentado (Ennes, 2013).

### **1.1 Integração social em contextos de múltiplas identidades**

A questão da integração social não pode deixar de estar diretamente associada à questão identitária, uma vez que a própria identidade é um produto da socialização entre os indivíduos (Zanatta, 2011). As identidades vão sendo construídas, tanto pelo processo de diferenciação, como pelo processo de integração, uma vez que os atores sociais vão compondo suas pertencas através das suas interações sociais e do seu aspeto relacional, ao mesmo tempo, que diferenciam-se, também automatizam-se as relações com outros grupos (Abranches, 2007).

De acordo com a perspectiva de Magano (2012:255), “*a noção de integração assenta na conceção de que os indivíduos se integram na sociedade que lhes preexiste em que o processo de socialização visa uma aprendizagem adequada da integração nesse sistema social*”. À medida que os indivíduos se vão identificando no seu próprio meio social, buscam formas conscientes de integração através de um reconhecimento social. O processo de integração social, dimensionado em vários contextos sociais, passa por um reconhecimento identitário, tanto individual como social.

Durkheim, citado por Silva (2005), argumenta que a respeito da integração social, quanto maiores forem os sentimentos comuns de um povo, maior é a possibilidade de ter uma vida mais integrada e harmónica. E quanto mais intensas são as maneiras de pensar, agir e sentir de modo particular dos membros de uma coletividade, maior será possibilidade de fragmentação do tecido social. E quanto mais os indivíduos compreendem e conscientizam que os seus interesses particulares não podem estar desassociados dos interesses coletivos, maiores serão as *chances* de estabelecer uma harmonia social (*ibidem*). Ou seja, a integração social dimensiona entre a fronteira daquilo que o indivíduo interioriza e daquilo que conscientiza no seu meio social, sendo que, a interiorização só se realiza quando há uma identificação (Franco, 2012).

Na visão de alguns autores, como Berger e Luckmann (2005), a integração social também pode ser considerada como um processo de socialização, ou como uma consciência da existência do outro, que passa por um processo de reconhecimento entre a sociedade, a identidade e a realidade, mas que nunca está acabado, através de uma relação de dialética com o social. Os indivíduos assimilam que os papéis sociais e as instituições mantêm uma relação de trocas, onde um não se estrutura sem o outro, onde o indivíduo participa de um mundo social por meio de uma dialética relacional. Ou seja, viver e estar em sociedade é participar dela dialeticamente (Franco, 2012).

## 2. Gibraltar: território de múltiplas culturas

Sem pretender entrar no campo da história e considerando que a identidade é igualmente um processo de identificação histórica que dá sentido a um determinado grupo (Cruz, 1993), apresenta-se neste subcapítulo uma contextualização histórica de forma a descrever os acontecimentos mais relevantes para a formação da cultura da sociedade gibraltarina, como a disputa do território e a questão colonial.

Segundo Constantine (2009), todas as histórias de produtos culturais possuem o potencial de construir determinadas compreensões populares do passado que influenciam o presente e o futuro. Como já foi mencionado anteriormente, a história de Gibraltar possui um carácter bastante militar devido sua posição geográfica que acabou por predominar no conflito do território por forças militares. Antes da disputa das coroas inglesa e espanhola, Gibraltar também esteve sob o domínio romano e árabe. Para os romanos, Gibraltar foi um importante enclave histórico, conhecido como *Mons Calpe*, o monte Calpe, nome antigo dado a Gibraltar semelhante a Pilares de Hércules (Archer, 2006).

Um pouco mais tarde, após o domínio dos vândalos e visigodos, chegaram os árabes sob o comando do militar *Bereber Tárik ibn Ziyad* em ano de 711 <sup>(4)</sup>. É provável que o nome *Tárik* tenha sido influenciado na origem da palavra *Gibraltar*. Os árabes, também nomeados mouros, tinham nas suas mãos a maior parte da Península Ibérica. É importante sublinhar que durante este período toleraram-se religiões e culturas distintas, até a tomada da *Reconquista*, no final do século XV quando os Reis Católicos, ou Reinado de Castilla tomou a Península Ibérica e expulsaram mouros e judeus. O domínio espanhol durou mais de 200 anos, ou seja, até à Guerra de Sucessão, no início do século XVIII (Archer, *apud* Háskóli, 2016).

---

<sup>4</sup>Informação disponível em. <https://www.gibraltar.gov.gi/new/history#ancla3:HISTORY>

A Guerra de Sucessão Espanhola, disputada entre 1701 e 1714, foi um marco de muita importância na história de Gibraltar. O facto de não haver sucessor para o trono de Carlos II fragilizou a coroa espanhola, o que acabou sugerindo a ideia de uma união com a monarquia francesa. Temendo a hegemonia dos reinos na Europa, Inglaterra une-se com as coroas da Holanda e da Áustria e, em 1704, a esquadra anglo-holandesa sob o comando do almirante Rooke, invade Gibraltar em nome da Rainha Ana de Inglaterra, estabelecendo uma base naval para o controle da rota comercial do Mediterrâneo (Guillén & Levey, *apud* Háskóli, 2016). Após anos de luta de poder entre os dois reinos, em 1713, firma-se o Tratado de Utrecht, declarando, assim, a posse de Gibraltar à Grã-Bretanha, através do artigo X do Tratado, determinando o rumo da história de Gibraltar (Háskóli, 2016). Outro aspeto relevante é o facto de a redação do Tratado não ter sido clara do direito de concessão para sempre, uma vez que se Gibraltar deixasse o estatuto de colónia voltaria ao domínio espanhol. Uma questão pertinente entre a disputa que perdura até hoje entre Espanha e Reino Unido tem sido um dos enclaves na disputa do território (Gold, 2010).

Outro acontecimento que cunhou a história de Gibraltar foi a Guerra Civil Espanhola, de (1936 a 1939), que acabou por prejudicar a relação pacífica entre ambos os países. Gibraltar dividiu o seu apoio entre nacionalistas e republicanos, dando refúgio políticos exilados, até a chegada de Franco, chefe militar e ditador espanhol que decidiu apoiar o regime de Hitler na Alemanha. Gibraltar acabou por assumir uma política antinacionalista.

A Segunda Guerra Mundial também fez parte da história de Gibraltar, obrigando ao exílio uma parte da população civil, sobretudo mulheres, crianças e homens maiores de 45 anos para as ilhas de Madeira, Jamaica e Grã-Bretanha (Levey, 2008; Kellerman, 2001; Archer 2006 & Háskóli, 2016).

O advento mais recente, que também acabou por alterar novamente o rumo da história social e cultural de Gibraltar, foi o fechamento da fronteira entre 1969 a 1982 pelo General Franco, agravando mais uma vez as relações entre ambos países, com a presença e a visita da Rainha da Inglaterra no território de Gibraltar, o que lhe pareceu um afronto a possível retomada a soberania espanhola.

Segundo Ballantine (2016), a Espanha manteve sempre a sua reivindicação histórica com Gibraltar. A fronteira permaneceu fechada até 1982 para pedestre, e em 1985, foi reaberta para o tráfego total de veículos. Mesmo após a abertura da fronteira entre Espanha e Gibraltar, a divisão entre os dois territórios continuou a ser uma complexa e difícil relação entre ambos os lados, permanecendo até os dias de hoje.

## **2.1 A influência colonial na cultura gibraltarina**

Pode dizer-se que a questão colonial na cultura gibraltarina teve diversos aspetos relevantes que devem ser considerados, sendo alguns peculiares e até mesmo contraditórios. Certamente que, o facto de Gibraltar ter estado sobre o domínio britânico por mais de trezentos anos na condição de colónia, e após como território ultramar, não só determinou o fluxo da sua história, mas contribuiu em vários aspetos, deixando assim, um legado de valores morais, sociais, culturais consideráveis na construção da identidade gibraltarina (Archer, 2006).

Uma das características de Gibraltar ter sido uma colónia distinta, comparando com outras tantas colonizadas pelos britânicos, segundo (Gold, 2010) foi a população civil, tanto a pouca que restou no local, após ter-se refugiado nos arredores no lado espanhol, quanto a que continuou a povoar o território era muito mais mediterrânea do que britânica.

No aspeto político e territorial, a influência colonial foi mais evidente, como as instituições formais de modelo britânico, desde o direito, o governo e a educação e até mesmo a imposição da língua inglesa. A presença militar sempre foi um marco de característica colonial, desde governadores militares, fortificações, quartéis, edifícios e monumentos públicos (Archer, 2006).

Outro fator diferenciador de influência colonial na cultura gibraltarina foi a questão económica. A colónia era desprovida de recursos próprios e tinha de ser mantida uma guarnição militar, o que gerava um certo custo ao império britânico. Os colonos civis acabaram por se tornar comerciantes e fornecedores da guarnição britânica, devido à sua posição geográfica e abertura marítima, sendo assim, Gibraltar acabou por se tornar num

porto não só militar, como também mercante, abrindo portas não só para negociantes locais, mas atraindo investidores do comércio internacional e gerando uma maior autonomia da população civil e ao mesmo tempo das autoridades locais.

A crescente vinda de trabalhadores migrantes de outras partes, não só do lado espanhol como de outros lugares também, contribui para uma maior miscigenação da população local, alargando mais os laços sociais e culturais com outras culturas. Como consequência, a população civil acabou por negar a divisão política de 1704, desafiando as autoridades políticas de ambos lados da nova fronteira, estabelecendo, assim, relações monetárias com fornecedores e, especialmente, com consumidores na fronteira com a Espanha (Constantine, 2009).

Neste sentido, mesmo que a presença colonial tenha sido algo imposto, acabou por se transformar em algo aceitável pela população local de forma pacífica, desprendendo até uma certa estabilidade económica e social para os seus habitantes (Archer, 2006). Talvez tenha sido por este motivo que Gibraltar tenha reconhecido a condição e o vínculo político com a colónia britânica por tanto tempo, e talvez tenha sido este o aspeto mais contrário nesta questão colonial.

Segundo Gold (2010), a instabilidade política entre os governos britânico e espanhol fez com que os habitantes do território permanecessem unidos perante o Reino Unido como uma forma de proteção dos seus colonizadores, devido aos constantes conflitos políticos gerados pelas tentativas de retomada de posse por parte da Espanha. A permanente ameaça de retomada da soberania contribuiu para que os habitantes de Gibraltar se posicionassem a favor do Reino Unido, embora nem sempre se submetessem às condições impostas pela colónia, reivindicando de algum modo as suas exigências como uma população própria.

Ao mesmo tempo, o lado da fronteira espanhola, especificamente a zona do Campo de Gibraltar era desprovida de muitos recursos de provisionamento por parte do governo espanhol, o que resultou numa forte relação comercial entre ambos lados, que de um certo modo, ignoravam ambos os governos, e estreitando-se, desta forma, cada vez mais os seus laços sociais e culturais.

Segundo Constantine (2009), a consequência desta influência foi uma população civil descendente de imigrantes, principalmente de padrões, não tão britânicas assim, que conseguiu conquistar pouco a pouco um autogoverno interno e, em última instância, um sistema de governo parlamentar e democrático modelado nas leis e instituições britânicas, permanecendo hoje como um território ultramarino britânico e o único na Europa continental. Hoje, os gibraltarinos constituem uma nação, devidamente definida e, certamente, com aspirações de um dia se tornar possivelmente dia num Estado.

## **2.2 A questão fronteiriça: o caso da fronteira de Gibraltar**

Outro fator importante nas interações dos grupos sociais, como forma dinâmica de integração, é a delimitação do espaço como fronteira territorial, o qual remete para a negociação dos valores de construção que dão estruturas às identidades, estabelecendo particularidades, como o reconhecimento a um sentimento de pertença e de coletividade territorial (Ferreira, 2010). As fronteiras, antes de serem apenas marcos físicos ou naturais, também são simbólicas, no sentido de guiar a *percepção da realidade* (Pesavento, *apud* Souza, 2014).

Para elucidar melhor a noção de fronteira, deve-se atentar à sua variedade de significados que vem sendo dados nas sociedades atuais, delimitando não só como uma forma de demarcação física de espaços territoriais (Souza, 2014), mas também dando sentido figurado na vida social, passando a dar significação nos discursos acadêmicos como *formas híbridas de percepção e de fenômenos sociais* (Albuquerque, 2010).

Diante desta perspectiva, os espaços de fronteira tem sido considerados como um espaço de interação e de comunicação dos sujeitos que, pelo seu dinamismo e sua fluidez, permite o surgimento de *formas específicas de percepção, cognição e representação* (Gusmão, 2008:69), “*os espaços de fronteira são, ao mesmo tempo, lugares de encontro, interação e de troca, isto é, são lugares de relação e de narrativas identitárias*” (Friedman, *apud* Magano, 2012:257).

Nos processos culturais e sociais, a fronteira passa também pela ideia deslocada de nação, construída a partir da diferença entre dois espaços, entre o dentro e o fora, ou, o eu e o outro, e de como essa ordem simbólica determina o movimentos dos sujeitos no plano cultural e social (Souza, 2014), como o processo de identificação também dimensionado como identificação nacional que transmite do passado a uma pertença coletiva (Miranda, 2008), diferenciando o nacional do estrangeiro, ou o eu do outro (Magano, 2012).

É nas fronteiras que os processos de interações simbólicas tecem a diferença (Amante, 2014), dando sentido à ideia de outro indivíduo, grupo, região ou ainda nação.

Segundo (Buarque de Holanda *apud* Albuquerque, 2010), as fronteiras podem ser consideradas como “zonas híbridas” ou “territórios-pontes”, como forma representativa da realidade que, através das interconexões entre nós e outros vão dando sentido cultural e estabelecendo classificações sociais que direcionam e guiam as construções identitárias (Sousa, 2014).

Por outro lado, a valorização das fronteiras pode ser questionada dependente da percepção dos distintos grupos, podendo conduzir a uma tensão de contacto social associada ao estranhamento, ou uma familiarização pela proximidade, como o cruzamento diário dos que coabitam ao redor dos seus limites físicos e geográficos. Ou seja, a familiaridade com a fronteira ou o seu distanciamento condicionam a questão de querer estar no outro lado (Amante, 2014).

É o caso da fronteira entre Gibraltar e a Espanha, um território de pequena dimensão cercado de água, onde o único elo de fronteira é uma estreita faixa de terra que se une com Espanha, o que confirma essa relação de troca, de intercâmbios com seus habitantes da região. Compreender a questão fronteiriça é essencial para análise e compreensão da identidade dos residentes de Gibraltar, não apenas por seu aspeto histórico e político, e condição geográfica, mas também pelas suas origens culturais, linguísticas e religiosas. Essa condição de fronteira porosa, como menciona Constantine (2009), permitiu essa diversidade económica e social e, sobretudo, cultural, como se fosse algo quase necessário, constituindo, assim, esse tecido social híbrido que é hoje Gibraltar.

A sociedade gibraltarina moldou-se e edificou a sua identidade vinculada à ideia de fronteira, não somente pela sua divisão política e geográfica entre o Reino Unido e a

Espanha, mas também pela sua pequena dimensão territorial que permitiu que essa convivência com a diversidade cultural e de nacionalidades fosse quase necessária entre seus distintos grupos que compõem a sociedade gibraltarina.

A questão política de disputa de território e as sucessivas ameaças de fechamento de fronteira fizeram com que as fronteiras internas de convivência social superassem por si só os seus próprios limites, desprendendo um sentimento comum de convivência social entre os seus habitantes.

## Capítulo 3 – Sociedade gibraltarina: pluralidade cultural, linguística e religiosa em Gibraltar

### 1. A sociedade gibraltarina

Para compreender a dinâmica das relações identitárias e das interações dos sujeitos de qualquer grupo ou sociedade, é preciso conhecer o meio social onde os indivíduos interagem (Zanatta, 2011). O meio social ou a própria designação de *sociedade* remetem para um determinado tempo histórico, social e geopolítico (Magano, 2010), um conceito que passou a ser pertinente no discurso sociológico. No âmbito teórico, a sociedade pode ser considerada também como uma estrutura de ordem social, como resultado de uma negociação dos processos interativos (Zanatta, 2011), uma vez que se trata de uma *associação social*, como de um sistema específico de relações sociais (Giddens, 1990). Neste sentido, as relações sociais passam a ser vistas como *relações de poder, formas de cooperação e processos de intercâmbios* (Castro, 2002).

A sociedade gibraltarina teve seus momentos críticos e intensos na construção das suas próprias relações sociais. Devido à geologia do rochedo, não existiam formas de prover-se de recursos próprios como de agricultura e criação de animais, condicionando a dependência do abastecimento do território com a península. A partir da conquista do território em 1704 pelas tropas inglesas, e devido ao constante entrave fronteiriço, fez-se com que a população de Gibraltar procurasse outras alternativas, como, por exemplo, o estreitamento das relações comerciais com o império britânico e outras populações próximas, como Marrocos e outras cidades mediterrâneas. A própria economia voltou-se para o comércio exterior e a comercialização com migrantes que entravam e saíam a todo o tempo, provocando um sentimento de pertença aos habitantes que ali ficaram e moldaram e construíram suas relações culturais e sociais durante três séculos. Outro fator importante, no que respeita a uma população tão variada, é a atribuição ao fracasso de um projeto britânico imperial que não logrou a povoação de colonos britânicos após a evasão de espanhóis, deixando margem a outras populações procedentes do mediterrâneo e igualando, assim, a população que já existia antes da invasão (Constantine, 2009).

A constituição da população de Gibraltar revela uma mestiçagem complexa e reflete a migração de um território que foi a pouco povoado por várias origens mediterrânicas, designadamente de Génova e outras partes da Itália, Minorca, Portugal, Malta, Espanha, e norte da África (Constantine, 2009). Por outro lado, a existência de um povo particularmente gibraltarinu inserido no extremo sul na Península Ibérica não pode ser negado e por mais que o governo espanhol tentasse querer ignorá-la: *'Los llanitos son españoles en su casi totalidad'* (p.1), como disse o chefe militar general Franco em 1956 (Archer, 2006). A palavra llanito ou yanito<sup>5</sup> é atribuída à população local de Gibraltar como nativos.

Embora o idioma do território seja o inglês, o *Yanito* é representado como falante por residentes que utilizam uma variedade entre espanhol e o inglês, intercalando vocabulários de ambos idiomas e influências de outras culturas (Háskóli,2016). Segundo Archer (2006), é provável que os gibraltarinu tenham uma visão oposta sobre a sua própria comunidade, dentro dos seus próprios limites geográficos e culturais, nos quais se encontram inseridas as suas identidades individuais e coletivas.

Os gibraltarinu argumentam que Gibraltar não é uma colónia como outras tantas, e não têm dúvidas quanto à sua existência como um povo distinto e homogéneo. Eles sentem-se gibraltarinu no seu próprio direito, na sua própria composição híbrida e mestiça. Ao defender as suas credenciais britânicas, eles olham para trás, para as suas origens.

Particularmente desde que as famílias se reuniram após o exílio na Segunda Guerra Mundial, como já foi abordado neste estudo, vem surgido um crescente interesse pela história das famílias gibraltinas e pelas suas árvores genealógicas.

Em novembro de 1950, o governador de Gibraltar, Sir Kenneth Anderson escreveu o seguinte: <sup>6</sup> *“é muito claro que o gibraltarinu certamente não é um espanhol em um país colonizado por britânicos. O gibraltarinu desenvolveu suas características próprias devido aos seus antepassados, não há nada demais em dizer que a população de Gibraltar é única e sente orgulhosa de sua cidadania britânica”* (Archer, 2006:34).

---

<sup>5</sup> *llanito* ou *yanito*, pois as duas grafias são aceitas. Ver o capítulo 3.4 O bilinguismo e o yanito (llanito)

<sup>6</sup> Tradução livre: No original: *“it is very clear that the Gibraltarian is certainly not a Spaniard. He has naturally developed characteristics of his own derived from his forebears and it is not too much to say that the Gibraltarian race is unique and very proud of its British Citizenship”*(Archer, 2006:34).

Como consequência, as relações culturais dos residentes de Gibraltar não podiam ser diferentes diante da contextualização histórico-cultural. A presença regular de marinheiros e soldados no território foi um estímulo importante para as atividades desportivas, especialmente para o futebol. Alguns argumentam que o futebol foi introduzido na Espanha por Gibraltar, da mesma forma que foi introduzido pelos britânicos em vários lugares além do Império.

A interação entre a participação britânica e local nessas atividades tornou-se gradualmente a norma, embora as influências musicais e teatrais anteriores fossem indubitavelmente espanholas, a influência britânica e de outras culturas também deixaram as suas marcas. Mesmo sendo um pequeno território, a cultura de Gibraltar expressou-se de forma notável nos campos da música, teatro e da arte (Archer, 2006).

As atividades sociais, desportivas e culturais exerceram uma influência poderosa sobre a sociedade gibraltarina, refletindo uma prática de valores britânicos. Foram também criados clubes, sociedades de desporto, jogos, teatro, cinema e imprensa, destacando-se a biblioteca nomeada *Garrison Library*, fundada em 1793, e o primeiro Jornal, *Gibraltar Chronicle*, que continua sua publicação há 200 anos. Também foi criado um aeroporto que serviu de base para os aliados na Segunda Guerra Mundial e posteriormente foi utilizado para a aviação civil até os dias de hoje, transmitindo um sentimento ainda maior de autonomia a população local (Archer, 2006).

Sendo assim, o próprio destino político de Gibraltar foi um fator pertinente para a construção das suas relações sociais, tanto internamente como externamente, fortalecendo-se mais ainda com a nova constituição que determinou o caráter democrático de Gibraltar, em maio de 1969. As religiões e as igrejas também chegaram a desenvolver um papel importante no desenvolvimento da sociedade gibraltarina. A religião católica prevaleceu na sua maioria, contrariando a religião do império que era anglicana, provavelmente pela influência da Espanha antes da conquista pelos ingleses. Também a influência de outros grupos religiosos, como a judaica e a muçulmana e uma minoria hinduísta, trouxeram outras ideologias religiosas conduzindo a uma harmonia quase necessária, perante tanta diversidade (Archer, 2006).

A sociedade gibraltarina conseguiu construir uma certa simetria entre as suas distintas características sociais. Ao tentar diferenciar-se de seus vizinhos próximos do outro lado da fronteira, nem sempre podiam relacionar-se de forma conciliável, devido aos conflitos políticos e, simultaneamente, desvincular-se totalmente da autoridade imperial, que mesmo distante nem sempre foi recíproca em defender seus os interesses, fez com essa pequena sociedade conseguisse desempenhar os seus complexos papéis sociais derivados de suas raízes plurais que se situam nesta encruzilhada geográfica, política e social (Constantine, 2009).

## **2. Pluralidade cultural em Gibraltar**

Tendo em conta a abordagem teórica nos capítulos anteriores sobre a construção dos processos identitários e as relações culturais e sociais inseridas na dinâmica identitária dos residentes de Gibraltar, pretende-se neste capítulo dar seguimento na reflexão sobre a pluralidade cultural, linguística e religiosa, substancial para a compreensão da composição da sociedade gibraltarina.

A questão da pluralidade no campo das ciências sociais tem estado inserida em vários contextos sociais, como na modernidade, onde a pluralidade costuma relacionar-se com a fluidez de escolha dos indivíduos (Magano, 2012). Neste sentido, a pluralidade tem exigido uma certa aprendizagem e convivência, caracterizada pela multiplicidade de culturas, pertenças e referências, não sob a *forma de dicotomias, exclusão e conflito*, mas de um modo *plural, interativo, complementar e cooperativo* (Ramos, 2014).

Na mesma perspetiva, Giddens (2008) afirma que a pluralidade no campo das identidades sociais reflete as suas múltiplas dimensões de vida, onde os indivíduos acabam por organizar suas vivências e experiências em torno de uma identidade pessoal de forma relativamente contínua num espaço temporal. Por outro lado, é importante salientar que a ideia de pluralidade não pode estar associada, ou até mesmo ser confundida com a ideia de diversidade, no sentido essencialista ou naturalista de forma estática, ofuscando a dinâmica das identidades e suas relações de poder (Enmes & Marcon, 2014).

Sendo assim, a pluralidade no campo das identidades pluralistas como é o caso da sociedade gibraltarina, considerando a sua diversidade cultural, linguística e religiosa, pode ser vista como uma dinamização de dimensão coletiva e não necessariamente como uma forma de identidades compartimentadas, como afirma Maalouf (2015), estabelecendo, assim, as suas contribuições para uma interação entre o mundo pessoal e social (Giddens, 2008), caracterizando-se pelo seu aspeto híbrido e não como uma fragilidade provisória, uma vez que está inserida como um valor de constituição social (Godoy, 2012).

## **2.1 Mestiçagem e Hibridismo**

Tratando-se ainda da pluralidade identitária e cultural dos residentes de Gibraltar, os termos mestiçagem e hibridismo são importantes para compreender o processo de integração da sociedade gibraltarina, exigindo uma análise teórica mais detalhada, uma vez que, associadas ao processo de integração, as normas sociais incorporam-se como forma de identificação.

As designações dos termos mestiçagem e hibridismo têm sido cada vez mais recorrentes no dicionário contemporâneo das ciências sociais, tanto na questão da equivalência dos termos, como na diferenciação, e na superação epistemológica de um sobre o outro, originando debates sobre a importância dos seus significados (Madeira, 2005). Ambos os termos se entrelaçam cada vez mais no campo teórico da pluralidade identitária, e da dinâmica dos processos identitários e das suas interações sociais e, sobretudo, no campo simbólico das fronteiras culturais. Segundo Boaventura de Sousa Santos, é nos processos de hibridização ou de mestiçagem, que se criam formas “autóctone” ou “nativas” de representação ou teorização das experiências e horizontes e de práticas emancipatórias (Santos, 2004:32).

A palavra híbrida já era mencionada, segundo Madeira (2005), por Plínio-o-Velho, quando se referia aos migrantes que chegavam a Roma na sua época. A mesma referência de cruzamento entre culturas e povos atribuída mais tarde por Laplantine e Nouss com a denominação de mestiçagem, como coisas que se misturam e atribuem ao Mediterrâneo a origem de um mundo mestiço. Portanto, ambas as expressões, concernem ao mesmo campo

de significação, sendo referidas no processo de mistura das populações, culturas e línguas designando definitivamente como um fenómeno de cruzamento (Madeira, 2005).

O conceito de hibridismo tem vindo a ser inserido no discurso sociológico devido aos grandes fluxos e intercâmbios de culturas provocados pela modernidade e processos globais (Souza, 2014), sendo considerado por certos teóricos como um processo de hibridação cultural, ou de hibridismo cultural. Para Canclini, na sua obra *Culturas Híbridas* (2008), o hibridismo cultural resulta numa nova perspectiva de interação entre culturas como o resultado do contacto com “o outro”, ressaltando que, nas culturas pós-modernas, o hibridismo está inserido em um processo multicultural de dialogação entre culturas e que este mesmo denomina como fronteiras (Souza, 2012).

Para alguns autores, o hibridismo cultural também não pode estar apenas no campo da heterogeneidade no sentido de uma fusão de culturas, mas sim no campo da ambiguidade e da contrariedade (Souza, 2012), originado pelas relações conflituosas de distintos grupos “étnicos” e culturais e afetando suas relações de poder (Silva, 2005). O autor Bhabha (2010), na sua obra sobre os colonizadores e colonizados, sugere que o processo o hibridismo não se trata apenas de uma confluência de culturas, mas um processo de *adaptação e resignificação* cultural podendo, por vezes, ser resultante de um choque ou embate cultural (Souza, 2012). Outro autor que também contribuiu para o termo hibridismo em sua teoria é Hall (2006). O autor não se refere aos indivíduos como uma alternância entre o tradicional e o moderno, ou apenas delimitando o diálogo com outras culturas, mas analisa como um processo de *tradução cultural*, onde há uma adaptação às matrizes culturais diferenciadas pelas suas próprias origens que vão sendo construídas conforme a sua representatividade (Souza, 2012).

Por outro lado, o termo mestiçagem, que anteriormente estava associado a um fenómeno mais biológico do que cultural, como uma mistura genética entre os povos, como exemplo, o período colonial (Magano, 2010), também tem sido conceituado de forma diferenciadora nas ciências sociais. O autor Boaventura Sousa Santos (1998) afirma que a mestiçagem existe sempre que há duas ou mais referências sociais ou culturais que de formas autónomas se misturam e emergem novas referências. Porém, por mais autónomas que possam parecer, patenteiam suas heranças mistas (Madeira, 2007).

No campo das influências nas populações e nos diferentes grupos de origens, Godoy (2012) afirma que a utilização do termo mestiçagem pelos autores Nouss e Laplantine contradiz justamente a polaridade entre mestiço e puro, ou a polaridade entre homogêneo e heterogêneo. *Além do fato de que tais polaridades são arbitrárias, ideias como “fusão” ou “osmose” não se aplicariam à mestiçagem. A essência da mestiçagem seria a confrontação e o diálogo. Ela seria “uma composição cujos componentes guardam a sua integridade”* (p: 110).

*Assim, mestiçagem não é a fusão total dos fios com que se tece, nem é a sua separação total: está a meio caminho entre o ser e o não ser. A condição do mestiço, seja ele a pessoa, o pensamento, a cultura ou a arte, é sempre uma condição de algo em movimento, sendo o nomadismo e a metamorfose os seus símbolos privilegiados e a desapropriação, como mediação entre a familiaridade e o estranhamento, o seu estado natural. (...). A mestiçagem não é a experiência do uno nem a experiência do múltiplo, mas a experiência do entre espaço e do tempo que medeia o uno e o múltiplo sem reduzir um ao outro. (André, 2012:45)*

Neste sentido, relacionar os dois termos, tanto como hibridismo como mestiçagem, remete para uma fronteira daquilo que se separa, mas também daquilo que se une. Falar de mestiçagem ou hibridismo é falar sempre na dinâmica da pluralidade entre culturas.

Concernente ainda à questão da mestiçagem no âmbito da construção identitária de Gibraltar, é importante ressaltar que, segundo André (2012), a articulação entre identidade e multiculturalidade, partindo da noção de mestiçagem, implica no estabelecimento do próprio centro da identidade e do conceito do diálogo intercultural, conscientizando numa prática mais plural, aprofundando os diálogos em que as próprias mestiçagens acabam por ultrapassar no seu cruzamento mais superficial, chegando até à solidariedade universal, o que implica não somente a relação como o outro, mas também na forma como habitamos com o outro. Este resultado também reflete a consciência de que a realização suprema da interação, do diálogo intercultural e da mestiçagem se encontram na forma de promoção dos estados de paz nas relações sociais, como os estados festivos, as vivências artísticas em que a mestiçagem acontece no seu estado mais autêntico (André, 2012).

A mestiçagem dos residentes gibraltarinhas contribuiu significativamente para a construção da busca da sua própria identidade. É no seu grupo<sup>7</sup> “étnico” que se partilham as emoções e as solidariedades mais profundas e mais estruturantes, é nela que se contraem os laços mais determinantes e é através dela que se referencia a outros grupos (Godoy, 2012).

## 2.2 A diversidade das influências dos residentes de Gibraltar

A diversidade cultural dos residentes de Gibraltar teve um importante papel na construção da sua própria identidade, seja pela sua trajetória histórica e migratória, ou pela sua situação geográfica e pelas suas condições económicas. Os principais grupos que mais se destacaram pelas suas características culturais diferenciadoras ou origens “étnicas” foram classificados de acordo com a quantidade em números de habitantes, época e influência.

Segundo o próprio governo de Gibraltar, tratando-se da origem e procedência dos residentes de Gibraltar, o registo de eleitores de 1995 da Câmara dos Deputados revelou a origem de cerca de 19.000 indivíduos, sendo todos os adultos elegíveis para votar nas eleições de Gibraltar na época. Aparecem no registo aproximadamente 2.005 nomes diferentes de família. Cada um foi considerado e colocado numa das seguintes categorias: genovesa (italiana), judaica, minorquina, portuguesa, britânica, espanhola, maltesa, indiana, marroquina. Além disso, há um pequeno número de outras nacionalidades: austríaca, francesa, dinamarquesa, chinesa, japonesa, polaca, etc. O fator determinante é visto a partir do qual uma família é reconhecida do país procedente até a chegada a Gibraltar. Conforme fontes do próprio governo (HM *Government of Gibraltar*),<sup>8</sup> a realização de um Censo em Gibraltar data de antes do século XVIII. No entanto, o mais antigo Censo de toda a população civil que sobreviveu é o de 1753. Os resultados foram então os seguintes: britânico 434; Genoveses 597; Judeus 575; os espanhóis 185 e os portugueses 25. Dez anos mais tarde, em 1777, o Censo tornou-se mais complexo. Não apenas o resumo listava as três categorias religiosas. A população foi dividida em "nativos" e "não-nativos". A cifra total

---

<sup>7</sup> A palavra ‘étnica’ deve ser evitada, dado que pode ser atribuída a questões raciais, ou associada de forma pejorativa a grupos minoritários. Sobre esta questão ver no Capítulo I.

<sup>8</sup> Informação disponível: <https://www.gibraltar.gov.gi/new/gibraltar-census-history#ancla1>

era então de 3.201, dos quais 506 eram protestantes; 1.832 eram católicos romanos, e 863 eram judeus e 1.334 dos habitantes eram nativos.

Os últimos censos realizados começaram a ser classificado em: gibraltarinos, outros britânicos, de maioria ingleses, marroquinos e outras nacionalidades, conforme o gráfico que segue.

**Gráfico 1 – Censo da população de Gibraltar**

	1970	1981	1991	2001
Gibraltarians	18,873	19,825	20,022	22,882
Other British	3,001	3,706	3,811	2,627
Moroccans	2,798*	2,140	1,798	961
Other Nationalities		808	1,072	1,025
<b>Total Usually-Resident Population</b>	<b>24,672</b>	<b>26,479</b>	<b>26,703</b>	<b>27,495</b>
Families of Servicemen	2,161	2,265	1,371	745**
Visitors and Transients	1,132	872	1,010	3,383
<b>Total Population Present on Census Night</b>	<b>27,965</b>	<b>29,616</b>	<b>29,084</b>	<b>31,623</b>

Census conformed HM Government of Gibraltar <https://www.gibraltar.gov.gi/new/gibraltar-census-history>

Segundo Archer (2006), destacam-se em primeiro os **genoveses**, que vieram da Itália, mais especificamente da cidade de Ligúria, quando Génova era a cidade principal. Os genoveses estavam entre os grupos mais numerosos de imigrantes e certamente os seus descendentes fazem parte da população atual, chegaram no território muito antes que os britânicos tomassem Gibraltar. Os mercadores marinheiros genoveses navegaram no Mediterrâneo como os fenícios e os gregos. No século XII, com o poder da cidade italiana no seu maior apogeu, a Itália era o centro do comércio internacional.

Em seguida, podemos citar os **judeus** de Gibraltar, que são uma das comunidades que mais influenciou o território. De origens sefarditas, os judeus espanhóis que viveram na Península Ibérica por séculos, antes de serem expulsos em 1492, desempenharam um papel

muito influente na história de Gibraltar desde o início do século XVIII. A comunidade judaica marcou 300 anos do restabelecimento do rito judeu em Gibraltar, conseguindo em Gibraltar um refúgio, comparando com a Espanha hostil da época que tentava eliminá-los, atirando-os para as fogueiras. Durante os séculos XVIII e XIX, os judeus de Gibraltar ocuparam lugares em todos os níveis da sociedade, desde operários e porteiros até comerciantes e membros do corpo consular internacional. De várias formas, contribuíram substancialmente para a defesa de Gibraltar na guerra e para o seu crescimento e desenvolvimento em paz até aos dias de hoje. Além de muitos serem hoje advogados e empresários, os gibraltarinos judeus também fizeram grandes contribuições para o progresso nos assuntos políticos, contribuindo para associação, para o avanço dos direitos civis. Além disso, ocuparam cargos para prefeitos, ministro principal e negociadores internacionais.

Tratando-se dos **britânicos**, não se pode negar a sua significativa importância na população de Gibraltar. Aproximadamente 193 nomes de família britânicos aparecem nas listas de 1777 censos. A análise de nomes no Roteiro Eleitoral de 1995 mostra que 27% são de origem britânica. Houve também um grande número de britânicos em Gibraltar que faziam parte das tropas militares e da administração pública, mesmo que as suas presenças fossem temporárias quando deixavam de cumprir o seu serviço militar. Por outro lado, curiosamente, no início do século XXI, menos de 1.000 estão nesta categoria. Mesmo que estes britânicos tenham exercido uma influência poderosa sobre a cultura social de Gibraltar, a quantidade não foi tão expressiva, comparando com outras comunidades. Existiram britânicos que vieram e ficaram a maior parte de suas vidas no Rochedo ou estabelecendo-se permanentemente, criando as suas próprias famílias e deixando descendentes à população local. Alguns conseguiram restabelecer-se no comércio, na construção de estaleiros e empresas marítimas. Desde então, existia um fluxo constante de britânicos, militares ou navais, profissionais e artesãos que vieram para Gibraltar para trabalhar, integrando-se nas comunidades locais.

Os **portugueses** também tiveram uma influência na mestiçagem de Gibraltar. Analisando os nomes por nacionalidade, cerca de 10% dos residentes gibraltinos indiciam uma origem portuguesa. É provável que tenham vindo do sul do país, da região do Algarve. Os portugueses tiveram uma importante participação como trabalhadores. Esta relação estreita com Inglaterra deve-se possivelmente à união de membros da família real mas

também a relações na área mercante e marítima, sobretudo com o impedimento de circulação de mercadorias com o bloqueio continental de Napoleão.

Os **minorquinos**, embora sejam em menor número, também tiveram a sua participação, reconhecendo-se alguns nomes de famílias em alguns censos realizados desde 1777. Como Minorca foi reconhecida como britânica no Tratado de Utrecht em 1713, as relações com a ilha eram intensas, devido ao grande movimento de tropas britânicas regularmente. Outro grupo que também contribuiu para influenciar a mestiçagem de Gibraltar foram os **malteses**, como outras colônias existentes no império britânico, Malta como Gibraltar faziam parte da rota imperial para o leste e ambos tinham estaleiros mercantes.

Também os **indianos** se juntam a estes pequenos grupos “étnicos”, embora sejam mais numerosos nestes últimos anos. Após as Guerras Napoleónicas, existiam oportunidades para comerciantes e artesãos estrangeiros em Gibraltar. Os primeiros comerciantes da Índia chegaram em 1870, um ano depois da abertura do Canal de Suez. Quase todos os indianos residentes podem rastrear as suas origens de volta para *Hyderabad* na província de *Sindh* que se tornou parte do Paquistão. A Associação de Comerciantes Hindus em 1995, listou 155 empresas, quando a comunidade indiana totalizava mais de 500. Existiam 225 adultos indianos no Roteiro Eleitoral de 1995. Os indianos oficialmente aspiram a ser tratados como gibraltarinos, e isso é devido às dificuldades persistentes ao longo dos anos, mesmo para aqueles que chegaram e já possuíam passaportes britânicos. Desde a década de 1970, pelo menos, a história foi a de uma crescente integração dos hindus na sociedade gibraltarina (Archer, 2006).

Os **marroquinos** também possuem uma comunidade dentro de Gibraltar, mesmo considerando as suas anteriores relações comerciais com Gibraltar, assim como os judeus pela proximidade geográfica. Devido ao fechamento da fronteira com Espanha, em 1969, pelo General Franco, um terço dos postos de trabalho ocupados por espanhóis foram extintos, os marroquinos foram os primeiros a chegar, desempenhando um importante papel na sociedade gibraltarina, substituindo esta falta de mão-de-obra. A maioria era proveniente de Tanger e em maior número nesta época, diminuindo o número com a abertura novamente da fronteira.

A influência **espanhola** em Gibraltar tem provocado certas polémicas. Segundo Archer (2006), há quem diga que 80% da hereditariedade sanguínea de Gibraltar é espanhola. A análise por nomes e nacionalidades indica 24%, um pouco mais, se os minorquinos fossem incluídos. O facto é que por razões geográficas há uma estreita relação entre Espanha e Gibraltar e o fluxo diário de trabalhadores que entram e saem do território remonta até os dias de hoje. Para além das questões comerciais e de trabalho, há também uma relação social entre ambos os territórios. Espanha sempre ofereceu lugares e oportunidade de ócio aos gibraltarinos, tanto para os militares quanto para os civis que passavam as fronteiras para se divertirem e ocuparem os tempos livres, mas existem também uniões conjugais e casamentos entre residentes de ambos os territórios o que poderia ter provocado uma maior influência da cultura espanhola em Gibraltar (Archer, 2006).

### **3. A diversidade religiosa no território de Gibraltar**

Embora já se tenham feito algumas referências sobre a influência das religiões na contextualização histórica neste trabalho, neste capítulo, não se pretende entrar no campo da religiosidade, nem fazer uma análise exaustiva da importância das religiões na questão das pluralidades culturais. Neste sentido, apenas se procura dar conta da complexidade e retratar a diversidade religiosa como uma pertença importante na construção identitária da sociedade gibraltarina, considerando que “qualquer religião faz parte da memória cultural e do desenvolvimento histórico de qualquer sociedade” (Santos, 2006:5).

O fenómeno da religiosidade é composto por determinadores valores, crenças, sentimentos e experiências, que, dimensionado no campo da diversidade, acaba por interagir no campo cultural e no seu meio social. São os ritos de nascimento, iniciação à adolescência, casamento e morte que atuam como marcadores sociais e que estão presentes em quase todas as crenças de que se se tem conhecimento (Ferreira, 2005). Apesar de as diferenças religiosas terem sempre sido fontes frequentes de tensões, de incompreensão e discriminação, segundo Milot (2012), é crescente a sensibilidade para as liberdades de consciência e diversidade religiosa, tratando-se das sociedades democráticas. Deste modo, a assimilação da diversidade e da compreensão de outras crenças associam-se ao processo de convivência e de integração social, considerando a religião como uma forma de identificação cultural e

social. Como mais uma particularidade de Gibraltar, a religião foi uma das primeiras manifestações de pertencças, de partilha e integração, e sobretudo de mestiçagem cultural.

Assim como a linguagem, a religião em Gibraltar revela influências britânicas com o anglicanismo que, na época, era a igreja do império, como também revela influências não-britânicas, como foi o catolicismo romano que acabou por predominar como a religião da maioria da população (Archer, 2006). Provavelmente, porque a igreja católica historicamente chegou primeiro, após a derrota dos mouros em 1462, embora uma boa parte da população tenha tentado abrigar-se fora de Gibraltar, em vilarejos vizinhos em Espanha, deixando para trás quatro mosteiros, com as suas igrejas adjacentes e outros doze oratórios e santuários.

Conforme revela o censo realizado em 1767, fornecido pelo próprio governo de Gibraltar, os protestantes (anglicanos), na maioria ingleses, eram apenas 467, enquanto os católicos eram 1.460 e os judeus 783 (Háskóli, 2016). O anglicanismo e as igrejas conformistas mantiveram a sua presença de forma subtil, como a maioria dos seus adeptos era formada por militares e comerciantes, o que acabou contribuindo, não só para uma identidade própria britânica, mas também para ceder a outras identidades religiosas.

Como já foi referido anteriormente, o judaísmo também teve uma grande importância na cultura gibraltarina, cultivado pela uma grande parte pelos judeus originários da Península Ibéria ou vindos de Marrocos. A primeira sinagoga de Gibraltar data de 1724 e é conhecida como uma das mais antigas da Europa (Archer, 2006).

Outro fator importante, e que foi persuasivo para a convivência religiosa, foi o Tratado de Utrecht de 1713 que, embora no início de sua assinatura proibia a ocupação de árabes e judeus, por descumprimento de certas regras da parte dos Espanhóis, os ingleses acabaram negar esta cláusula no Tratado, cedendo ao acordo que tinha com Marrocos dando livre acesso aos judeus e mouros. Ou seja, praticamente todos os cultos acabaram por ser tolerados. Uma grande parte da população habituou-se a essa tradição de boas relações inter-religiosas, que em tempos atuais, deve-se considerada como um grande esforço de diálogo e a reconciliação (Archer, 2006). Um exemplo desta manifestação de convivência religiosa, sobretudo nestes dois últimos séculos, foi a ocorrência de muitos casamentos entre diferentes origens religiosas, sobretudo entre judeus e católicos, o que contribui para uma melhor

integração das duas comunidades religiosas (Constantine, 2008). Além disso, outro aspeto a ser mencionado, é influência na educação e nas escolas.

Segundo Archer (2006), muitas crianças acabaram por frequentar escolas de outras religiões em consequência de uma certa competitividade entre escolas na questão do envolvimento educacional, mas ao mesmo também se estabeleceu um certo equilíbrio de convivência e troca de conhecimento com outras religiões, ou seja, criança católicas frequentavam escolas anglicanas e vice-versa. De facto, Gibraltar conheceu todas as formas de fé, desde católicos romanos, anglicanos, não conformistas, evangélicos, judeus, muçulmanos e hinduístas, bem como os seus vários órgãos e organizações auxiliares. Coletivamente, estes contribuíram muito para a vida da comunidade: valores espirituais, ideias e práticas educacionais e consciência social (Archer, 2006).

#### **4. O bilinguismo e o yanito (Ilanito)**

Não é de se estranhar que, devido a sua posição geográfica e ao seu passado histórico colonial e marítimo, Gibraltar tenha sido uma comunidade multilingue e que a linguagem tenha tido uma importância significativa na construção da sua própria identidade. Os diferentes grupos “étnicos”, já anteriormente descritos neste estudo, trouxeram contributos importantes no campo da linguística com termos e expressões quotidianas, correspondente à sua trajetória migratória ao longo do seu período histórico, e dos seus distintos grupos linguísticos. No entanto, foi o espanhol e o inglês que acabaram sendo as línguas mais faladas em Gibraltar em consequência da sua trajetória histórica.

Segundo o linguista Saussure, citado por (Hall, 2006) *a língua é um sistema social*. O poder de falar uma língua não se define e nem se limita apenas à expressão dos nossos pensamentos que normalmente se encontram interiorizados em nós, mas ao falar uma língua ativamos uma série de significados socialmente construídos que já estão imersos nos nossos sistemas culturais. Neste sentido, Cardoso (2005) afirma que é comum verificar o uso de mais do que um idioma nas populações, ou seja, o bilinguismo não é considerado como uma exceção. O próprio bilinguismo nas suas formas diversas oferece situações que conduzem às interações sociais e culturais. Como é o caso do bilinguismo social, que é adquirido na presença de duas línguas dentro de um contexto social na mesma sociedade. A própria

interação do uso de dois ou mais idiomas no mesmo grupo social manifesta uma diversidade de pensamento, de opiniões e interesses, enriquecendo o nível de reestruturação do eu a compreensão do outro (Amendoeira, 2005).

Atualmente, em Gibraltar, além do bilinguismo, como é o caso do uso do inglês e do espanhol, há um curioso sistema linguístico nomeado yanito ou llanito<sup>9</sup>, a mesma palavra é também usada para designar a população nativa local, onde são utilizados os dois idiomas, intercalando-se um com o outro, dependendo da situação, ou do contexto que é empregado. Alguns autores atribuem apenas uma mudança de código entre os dois idiomas, e há outros que consideram como sendo uma diglossia (Háskóli,2016; Said-Mohand, 2014; Suárez-Gómez, 2012 & Moyer, 1993).

Normalmente, o uso do bilinguismo costuma considerar-se como uma aquisição individual de mais do que um idioma, que normalmente é adquirido pelos meios educativos. Por outro lado, a diglossia passa a ser o resultado de uma situação social, ou um resultado da interação de códigos linguísticos (Brugioni *apud* Flores 2011). O autor Ferguson (1959) citado por (Háskóli,2016), descreve a diglossia como a coexistência de duas variantes de uma língua. Uma delas tem mais prestígio e é usada na esfera formal, enquanto a outra é usada no registo informal.

Tratando-se da sociedade gibraltarina, segundo Archer (2006), o espanhol era a língua do comércio no Mediterrâneo Ocidental, como a língua oficial de Marrocos, com quem Gibraltar tinha muitas relações. Também era a língua oficial dos judeus que viviam no local, como já foi citado anteriormente, refugiaram-se no norte da África para fugir da inquisição espanhola, embora mais tarde tenham aderido ao inglês, como forma de lealdade aos britânicos. O espanhol era mais dominado pela população local, pelo facto de a maioria ter sido de origem católica e judaica, até ao momento em que o inglês passou a ser absorvido gradativamente pela população.

O inglês também passou a ser a língua oficial após o Tratado de Utrecht em 1713 que deu a posse de Gibraltar ao Reino Unido. Embora no início o inglês estivesse limitado

---

<sup>9</sup> As duas grafias são aceites, e discute-se até os dias de hoje a etimologia das duas palavras. Kramer (1986), Ballantine (2000) y Britto (1996), preferem a grafia “ll” (llanito) porque atribuem a um gentílico originado do latim, que quer dizer Planvs, (llano), ou plano. Kellerman (1996) y Cabila (1984) optam pela grafia “y” (yanito) porque atribuem a origem genovesa, dado ao grande número de genoveses emigraram para Gibraltar chamavam-se Giovanni, cujo diminutivo era (Gianni), pronunciado em espanhol, Yani. (Said-Mohand;2014).

aos militares, governantes e comerciantes, acabou por se converter no idioma das instituições políticas governamentais, em situações formais e oficiais. A escolaridade obrigatória em 1917 foi um marco importante para a implementação do inglês, sendo que hoje a população de Gibraltar é praticamente bilingue (Archer, 2006). Também a influência internacional no uso frequente do inglês, e a incorporação da mulher no mundo laboral foram persuasivos para a assimilação da língua inglesa pela população, o que conseqüentemente, acabou dando acesso ao ensino superior e às universidades britânicas, reforçando a identidade dos gibraltarinos não apenas como uma sociedade apenas bilingue, mas também como sociedade britânica (Háskóli,2016)

A Segunda Guerra Mundial foi outro feito histórico pertinente para a assimilação do inglês por parte da população de Gibraltar, pois trouxe um grande número de tropas inglesas para Gibraltar em um momento em que a população civil tinha sido evacuada para o Reino Unido e outros lugares. Isso conscientizou a população local de que o território de Gibraltar era britânico e de que os gibraltarinos estavam sujeitos às condições britânicas. E certamente também o fechamento da fronteira entre 1969 e 1982, onde os trabalhadores espanhóis foram impedidos de trabalhar, diminuindo, assim, o contacto com a língua espanhola. Neste período, as mulheres assumiram postos de trabalho devido à falta de mão-de-obra, o que resultou num maior contacto com a língua e a cultura inglesa por uma parte da população que, até àquele momento, não tinha tido a necessidade de praticar o inglês (Ballantine *apud* Háskóli,2016). De facto, o espanhol havia sido a língua dominante da população desde o início e era “o idioma do coração e do berço e do domínio social como um todo” (Archer, 2006:110).

Por outro lado, o bilinguismo de Gibraltar é muito mais complexo. Segundo Háskóli, (2016), em situações em que há mais contacto com duas ou mais línguas, uma delas costuma estar subordinada à outra. No caso de Gibraltar, o inglês e o espanhol tiveram diferentes contextos sociais, devido às suas circunstâncias históricas e culturais. O autor Said-Mohand (2014), no seu estudo realizado em Gibraltar sobre a população jovem entre 1999 e 2000, traduzido para o espanhol: “Inglês e Espanhol em Gibraltar: Usos e atitudes linguísticas entre a população jovem” constatou que o espanhol parece ser mais usado nas interações sociais e familiares, enquanto o inglês é utilizado em contextos escolares. O espanhol também se utiliza dentro das escolas, embora seja apenas em interação com os colegas. Também se constatou que os jovens se importavam com a aprendizagem dos dois idiomas pelas

vantagens de uma perspectiva e um melhor desempenho num futuro trabalho, diferenciando-se daqueles que dominam apenas um idioma. Também consideraram o inglês mais importante para certos lazeres como, por exemplo, a música e os desportos.

Referente ainda à questão da variedade linguística, o Yanito (Ilanito), segundo Suárez-Gonzales (2012) citado por Háskóli (2016), os gibraltarinos conseguem distinguir-se dos demais pelo uso e frequência de câmbios de códigos, alternando as duas línguas ao mesmo tempo, e por vezes, na mesma frase, sendo que os interlocutores mudam de código conforme a conversação, o que poderia, assim, ser considerado como uma pertença adquirida, dando sentido à sua própria identidade. Além disso, o Yanito (Ilanito) tem particularidades tanto a nível fonético e morfossintático, como também possui um léxico próprio com influências genovesas e hebraicas. Este léxico pode ser encontrado no dicionário: *Diccionario Yanito*, publicado em 1978 pelo autor Manuel Cavilla. Esta particularidade linguística proporcionou à população de Gibraltar o poder de se sentirem únicos no seu próprio meio cultural em seu próprio câmbio linguístico, diferenciando-se das distintas situações culturais, sociais entre ingleses e espanhóis.

## **5. O desempenho económico de Gibraltar**

Do ponto de vista histórico, Gibraltar limitava-se geograficamente, por ser um território de pequena extensão e desprovido de recursos naturais próprios, embora se privilegiasse do seu ponto estratégico geopolítico para o comércio marítimo na época.

A sua condição de colónia limitou a manutenção de suprimentos, uma vez que, a partir da conquista inglesa, Gibraltar deixou de pertencer a Espanha, ao mesmo tempo, acabou com a imposição de uma fronteira, não só geográfica, como também económica entre ambos lados. Como consequência, permitiu e, simultaneamente, obrigou, de um certo modo, a desenvolver estratégias económicas que influenciaram a economia de Gibraltar até os dias de hoje.

Pela sua característica de porto militar e mercante, condicionou-se o comércio marítimo e, ao mesmo tempo, atraiu-se mão-de-obra estrangeira vindo de várias populações

diferentes, como os genoveses que eram considerados na época grandes comerciantes dos mares, os judeus e os árabes, pela proximidade física e pelas relações comerciais entre Marrocos e o império britânico (Archer, 2006).

O bem-estar das tropas militares e da população tinha sido mantido pelas transações comerciais externas, por terra e por outras partes de Espanha. Os colonos podiam ocupar propriedades desocupadas e logravam benefícios com rendas e com o comércio local. Os residentes ricos atraíam mais imigrantes como empregados e trabalhadores. A administração militar também lucrou com o comércio, alguns governantes permitiam que residentes se instalassem no local em troca de pagamento de impostos, e rendas. A economia de Gibraltar começou a conectar-se com o exterior, deixando de ser dominada pelo setor público e militar que, por inúmeras razões, se limitou na sua própria expansão e dimensão política. As ideias de livre mercado, sugeridas pelo capitalismo e pela Revolução Industrial, influenciaram para que a economia deixasse de ser dominada mais pelo setor público e passasse para o domínio privado (Constantine, 2009).

No decorrer desses séculos, a população deixou de ser maiormente militar passando a ser mais civil. Com uma autonomia cada vez maior dos dirigentes locais, embora submetida ainda à Grã-Bretanha, à economia acompanhava também o ritmo da população que pouco a pouco, se miscigenava, atraída pelas facilidades e pela demanda de população estrangeira.

Alguns fatores históricos influenciaram diretamente a economia de Gibraltar, como, por exemplo, as guerras napoleónicas que tornaram Gibraltar num refúgio e uma base de fornecimento para o exército britânico e para as forças guerrilheiras, que movimentavam diretamente a sua economia através do porto.

Com a condição de porto marítimo mercante e com o abastecimento constante da guarnição militar, assim como com a movimentação constante de mercadorias, proporcionada pela ida e vinda de comerciantes marítimos de todas partes, e com um sistema de impostos distintos do lado espanhol, Gibraltar acabou por ser tornar num local propício para ao contrabando de mercadorias e tabaco que remonta a tempos atuais (Archer, 2006).

Outo episódio que influenciou a economia de Gibraltar foi o fechamento da fronteira com a Espanha, entre 1969 a 1982. Praticamente toda a atividade económica foi

interrompida, causando drásticas mudanças, como a proibição do cruzamento da fronteira de quase cinco mil trabalhadores espanhóis. A presença militar no território garantiu alguma estabilidade, assim como a importação imediata de mão-de-obra de trabalhadores marroquinos. Além disso, a entrada na União Europeia com o Reino Unido em 1973 e reabertura da fronteira acabaram por estimular novamente a economia (Archer, 2006).

Atualmente, os seus principais fatores de crescimento económico incluem o comércio geral, a prestação de serviços financeiros, as comunicações (incluindo *e-gaming*), turismo e as atividades marítimas<sup>10</sup>. Outra componente importante na economia de Gibraltar é a sua política fiscal diferenciada, proporcionando reduções de impostos, atraindo empresas e investidores estrangeiros e, ao mesmo tempo, serviços financeiros, como bancos e seguros.

Uma das atividades mais rentáveis, e uma das maiores geradoras de mão-de-obra é a indústria dos jogos *gaming online*, que é impulsionada pela facilidade de uma legislação própria e, adequada para este tipo de atividade, para além da redução de imposto e de uma grande oferta de mão-de-obra. Segundo fontes do próprio governo seriam 29 empresas dedicadas aos jogos eletrónicos<sup>11</sup>. O turismo também é outra fonte de renda, a natureza física atrativa do rochedo, o comércio local, o clima agradável e a história do império britânico. Outra atividade também lucrativa é o abastecimento de combustíveis e reparos de navios conhecido como *bunkering*, este tipo de abastecimento é realizado em alto-mar e, tem por finalidade diminuir os gastos de atracagem nos portos (Archer, 2006).

Tratando ainda da diversidade da economia, conforme os dados disponíveis do próprio governo, Gibraltar está atualmente empenhado na realização de um centro internacional de comércio nomeado *E-Business*, aproveitando as suas condições e políticas específicas, tratando de negócios, legislação, comércio e ajustes fiscais.

As estatísticas disponíveis no gráfico abaixo revelam dados pertinentes que despertam a atenção, tratando-se de valores económicos. Com uma população de 33.573 habitantes, Gibraltar possui o total de 26.144 postos de trabalho, o que poderia significar o equivalente de mais da metade da população. Embora estes dados não estejam no gráfico abaixo apresentados, estes encontram-se disponíveis no *site* do próprio governo, sendo de

---

<sup>10</sup> Informação disponível em: <https://www.gibraltar.gov.gi/new/open-business>

<sup>11</sup> Informação disponível em: <https://www.gibraltar.gov.gi/new/remote-gambling#ancla1>

salientar que, dentro desses 26.144 postos de trabalho, 13.865<sup>12</sup> são ocupados pelos trabalhadores transfronteiriços. Além disso, outro dado que realça a economia de Gibraltar é a renda *per capita* de £53.361 anual, transformando a economia de Gibraltar numa das mais prósperas da atualidade, conforme fontes disponíveis nos media.<sup>13</sup> A análise do gráfico mostra entre os percentuais da população de Gibraltar em relação aos postos de trabalho, produto interno produto além da *renda per capita*, entre 2012 e 2015.

### Gráfico 2. Indicadores económicos de Gibraltar

**Table 1.01 Key Indicators, 2012 - 2015**

Year	2012	2013	2014	2015
Population (iv)	32,577	32,734	33,140	33,573
Employee Jobs	21,519	22,907	24,422	26,144
Gross Domestic Product (factor cost)	£1,317.06m	£1,478.62m	£1,637.55m (i)	£1,768.40m (ii)
Gross Domestic Product per Head	£40,381	£45,032	£49,413 (i)	£53,361 (ii)
Births per 1,000 Population	14.2	13.0	14.7	14.7
Deaths per 1,000 Population	8.1	7.0	7.5	7.0
Resident Marriages per 1,000 Population	6.3	6.0	6.2	5.8
Persons per Sq. Km.	5,012	5,036	5,098	5,165
Price Inflation (Yearly average)	2.7%	2.1%	1.8%	0.3%
Pupils per Teacher (iii)	14.5	14.9	15.1	15.3
Licensed Road Vehicles per 100 Persons	80.1	85.2	90.6	97.2
Average Electricity Consumption per Head (KW Hours)	5,387	5,371	5,347	6,100
Average Water Consumption per Head (Cubic Metres)	37.7	38.1	39.6	38.6

**Notes:**

(i) Preliminary Estimate, 2014/2015.

(ii) Forecast, 2015/2016.

(iii) Figures exclude staff and pupils of Private Schools.

(iv) The figure for 2012 is from the 2012 Census.

Fonte: <https://www.gibraltar.gov.gi/new/key-indicators-2012-2015>

<sup>12</sup> Informação disponível em: [https://www.gibraltar.gov.gi/new/sites/default/files/HMGoG\\_Documents/EMP.2\\_16.pdf](https://www.gibraltar.gov.gi/new/sites/default/files/HMGoG_Documents/EMP.2_16.pdf)

<sup>13</sup> Informação disponível em: <http://www.finanzas.com/noticias/economia/20160706/gibraltar-crecio-entre-2011-3442561.html>

## **Capítulo 4 – Percurso metodológico: desafios de investigação em território de múltiplas identidades**

### **1. Os desafios teóricos e metodológicos ao longo do percurso**

Numa primeira abordagem, serão aqui apresentados os desafios com que nos deparámos na realização deste estudo, desde o seu planeamento, passando pela formulação dos objetivos, delineação do objeto de estudo, o enquadramento teórico e a realização do trabalho empírico com a elaboração do guião de entrevista, assim como a preparação e realização de entrevistas em Gibraltar.

Gibraltar consiste num território de pequena dimensão física e geográfica, mas, ao mesmo tempo confronta-se com uma grande diversidade de factos históricos de disputas de soberania, incluindo a sua condição de colónia, com os seus vários períodos de influências migratórias, procedentes de outras culturas colonizadoras, mas também por muitas outras culturas que se misturaram com a cultura gibraltarina.

Em termos de enquadramento histórico e sobre a cultura gibraltina, para além da falta de bibliografia e de outros estudos semelhantes sobre a questão da cultura e a identidade gibraltarina, também há uma grande limitação de fontes históricas, sendo que as únicas fontes existentes se encontram disponíveis numa das únicas bibliotecas de Gibraltar, nomeada Garrison. A maior parte das fontes disponíveis incide mais sobre as questões militares e de referência geoestratégica, e menos no que se refere às questões de ordem cultural e social sobre a caracterização sóciodemográfica dos gibraltinos, e também sobre as questões culturais. A influência colonial britânica sobre Gibraltar é uma referência central e a vinculação com a história colonial do império britânico noutras partes do mundo. Ou seja, as fontes disponíveis são pouco reveladoras da miscelânea e pluralidade cultural que se constata nos residentes do território de Gibraltar.

Outra questão com que nos deparámos foi o facto de praticamente quase todas as fontes estarem disponíveis em língua inglesa, muito pouco em espanhol e praticamente

nenhuma em português, o que implicou mais um tempo do que aquele que estava inicialmente previsto para a redação deste trabalho.

No desenvolvimento do enquadramento teórico, tiveram de ser tidos em consideração muitos aspetos, dada a grande variedade de componentes teóricos a ser analisados. Tendo em conta a complexa diversidade cultural, que se encontra inserida nos vários contextos dos habitantes de Gibraltar, devem ser ponderados vários aspetos, sejam eles relacionados com as origens históricas, como a influência colonial e as suas limitações em povoar o território, deixando uma brecha para a povoação por parte de outras populações; com origens políticas, como a questão da soberania do território e os atritos causado pela fronteira por parte de Espanha (o que continua a ser vivido na atualidade); relacionados com origens económicas, como a necessidade constante de importação de mão-de-obra para dar resposta à economia sempre virada para fatores exteriores; e até mesmo relacionados com questões de caráter religioso, como o facto de se verificar uma convivência pacífica de várias comunidades religiosas, para além do condicionamento provocado por acordos políticos, como o Tratado de Utrecht, o que levou a questionar até que ponto, e de que forma todos esses múltiplos fatores influenciaram e moldaram a sociedade gibraltarina e os traços culturais dos residentes que se identificam como gibraltinos.

Atendendo aos objetivos que pretendíamos atingir e conhecer em que consiste o ser gibraltarino, a opção metodológica recaiu sobre a metodologia qualitativa, especificamente nas entrevistas em profundidade, uma vez que se pretendia fazer uma exploração sobre o tema (devido à não existência de estudos disponíveis sobre o objeto de estudo) e também para nos embrenharmos nas trajetórias de vida e percursos das pessoas que se identificam como sendo gibraltarinas. A metodologia qualitativa permite-nos fazer um aprofundamento de áreas temáticas mais sensíveis ou em territórios difíceis de entrar (Brantes, 2013).

No planeamento do guião e das entrevistas, também nos deparámos com uma certa pluralidade de tópicos diretamente relacionados com a diversidade de origens culturais dos residentes em Gibraltar para a construção do guião da entrevista, bem como para a escolha de uma maior possibilidade de critérios de diferenciação entre os números de entrevistados. Além da idade, sexo, origem, cultura, religião, língua falante, considerámos também os critérios residentes nativos, não-nativos, aqueles que vivem há muito tempo e aqueles que

apenas atravessam a fronteira, embora trabalhem há muitos anos em Gibraltar e que, de um certo modo, contribuíram e influenciaram a construção da sociedade gibraltarina.

A diversidade de critérios e as variantes a ter em consideração foram muitas e, provavelmente, para a realização de um estudo desta natureza seria desejável um maior número de entrevistados para alcançar uma perspetiva mais diversificada sobre a multiplicidade identitária da população residente em Gibraltar. O facto é que atendendo às barreiras linguísticas, tendo em conta que foi necessário mobilizar o português, o inglês e o espanhol, e a falta de recursos financeiros para recorrer aos serviços de tradução e transcrição de entrevistas geraram algumas dificuldades na gestão do tempo disponível para a realização da dissertação e também para a realização do trabalho de campo.

A diversidade de idiomas a que foi necessário recorrer para a realização do trabalho de campo foi um enorme desafio: as entrevistas, em sua maioria, foram efetuadas em espanhol, sendo que algumas delas foram realizadas em inglês, francês e uma em português. O facto é que, embora tenhamos ponderado essa possibilidade, nem todos os entrevistados se sentiram à vontade para realizar entrevistas num outro idioma que não fosse a língua materna. A diversidade de línguas usadas para a realização das entrevistas manifesta-se de forma muito direta nas transcrições que foram bastante laboriosas e consumiram muito tempo na sua transcrição e tradução para o português. Não obstante estes obstáculos, para a realização do trabalho de campo foram realizadas 17 entrevistas a residentes em Gibraltar: 10 homens e 7 mulheres. A idade dos entrevistados variou entre 26 a 73 anos, sendo que a maioria dos entrevistados têm acima dos 50 anos. Em relação a faixa etária, a facilidade de encontrar entrevistados de idade mais elevada foi maior, por serem conhecidos da entrevistadora e estarem mais disponíveis em relação ao tempo, embora tenham sido feitas algumas tentativas de encontrar entrevistados mais jovens, mas a condicionante temporal e a limitação do número de entrevistas, e a falta de oportunidade de encontrar jovens disponíveis impediu que pudesse continuar à procura de entrevistados com outros perfis.

## 2. O contexto da investigação: Gibraltar

Como já tivemos oportunidade de referir, atendendo à falta de estudos publicados sobre a identidade dos residentes de Gibraltar, optou-se pela realização de um estudo exploratório de carácter qualitativo. Quase todas as bibliografias consultadas para a realização deste trabalho enquadram-se mais precisamente nas áreas históricas e linguísticas do que nas áreas da Sociologia ou da Antropologia, não tendo sido possível encontrar nenhum estudo publicado que destaque, de forma precisa, aspetos sobre a cultura e identidade gibraltarina. Tendo por base a inexistência de estudos anteriores sobre o nosso objeto de estudo, a opção pelo estudo exploratório assume uma clara pertinência e ajustamento ao nosso trabalho (Oliveira, 2011).

Muitos autores consideram o estudo exploratório como o mais indicado como modalidade de pesquisa, quando não existem trabalhos científicos anteriores pois, fundamentalmente, neste tipo de estudos pretende-se buscar um conhecimento maior sobre o objeto de estudo ou tema. Assim, nos estudos exploratórios não se elaboram hipóteses, há a identificação de objetivos e a delimitação do objeto de estudo, na tentativa de procurar mais informações sobre um determinado assunto de estudo (Fernandes & Gomes 2003).

Do mesmo modo, os objetivos deste projeto foram elaborados a partir das questões da exploração, no que se refere ao sentimento de ser gibraltarina por parte de seus próprios residentes e daqueles que, mesmo estando do outro lado da fronteira, partilham este sentimento. Interessa-nos assim, conhecer quais foram as suas histórias e os seus percursos pessoais e como articulam a relação do eu com o outro, o eu com o nós e as suas formas de mestiçagens culturais e de hibridismos culturais (*ibidem*).

Uma das características na pesquisa exploratória é o aprofundamento de certos conceitos prévios sobre uma determinada temática ainda não abordada anteriormente de forma concisa anteriormente (Raupp & Beuren, 2006). Os autores Gil e Malhotra, citados por Oliveira (2011), afirmam que neste tipo de pesquisa pode esclarecer-se ou até mesmo modificar conceitos e ideias, tendo em conta a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses que possam a ser pesquisadas. Este tipo de pesquisa também pode apresentar

menos rigidez no planeamento e, ao mesmo tempo pode carecer de mais precisão na definição do problema. Por outro lado, os métodos utilizados por este tipo de pesquisa costumam ser mais amplos e versáteis, pois podem aceder a levantamentos de fontes secundárias, experiências, estudos de casos selecionados e observação, formando assim, uma opção maior por abordagens qualitativas.

Tratando-se da questão científica e tendo em conta os métodos a serem empregados, entende-se que em relação ao *conhecimento crítico dos caminhos dos processos científicos* deve atentar-se quanto aos seus limites, como também indagá-los e questioná-los, não se delimitando apenas nas técnicas a serem utilizadas, mas no emprego adequado no sentido do seu melhor uso para discutir qual é a melhor forma de fazer pesquisa e fazer ciência (Demo, 1989 *apud* Martins, 2004).

Pesquisar no âmbito das ciências sociais é reconhecer uma problemática preliminar entre a produção científica, os seus mecanismos e as condições sociais do processo da produção da análise. Portanto, *analisar e conhecer o universo social é sempre intervir nele, ao contrário das ciências naturais* (Ferreira, 2013:191).

O método qualitativo, segundo Martins (2004), é aquele que privilegia a análise dos micros processos e o estudo das ações sociais, tanto individuais como grupais na sua forma mais sincrética. Sendo assim, a opção da pesquisa qualitativa descreve uma maior complexidade do problema, classifica os processos dinâmicos vividos nos grupos, examina uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Conforme referem Bogdan & Biklen, citados por Oliveira (2011), na pesquisa qualitativa pressupõe-se um contacto mais direto e prologando entre o pesquisador e o seu ambiente e a própria situação a ser investigada, através do trabalho que será desenvolvido em campo. A análise dos dados nas investigações qualitativas tende a ser significativa em descrições de pessoas, situações, acontecimentos e todos os dados da realidade passam a ser pertinentes para a investigação.

Na medida em que as dimensões nas ciências sociais tornam-se cada vez mais complexas, define-se a relação entre investigador, justificando as suas práticas de investigação, recursos e normas orientadas (Ferreira, 2013). As questões éticas assumem

uma importância no desenvolvimento do processo de investigação e também no consentimento informado no que se refere à participação dos participantes na investigação. É preciso que o investigador seja eticamente neutro de opiniões pessoais, julgamentos próprios e palpites. Invocando a definição de Karhausen, *a ética é a ciência que estuda a conduta moral ou a disciplina que trata da avaliação e justificação das normas e padrões do comportamento pessoal e interpessoal* (Karhausen, 1987:170 *apud* Ferreira 2013).

### **3. Da construção do guião e da realização das entrevistas**

Os instrumentos de recolha de dados, quer seja por entrevista ou por outro meio, podem representar *um prolongamento da capacidade de entendimento do investigador na procura de sentido, e constitui-se como uma barreira entre os dois universos em jogo — a realidade factual e a análise científica* (Lalanda, 1998:873). Ou seja, o resultado eficaz da utilização da técnica da entrevista não só depende do domínio da metodologia a ser utilizada, mas espera-se uma postura antropológica do entrevistador, bem como a empatia, que é fundamental para as entrevistas (*idem*).

As entrevistas como técnicas de coletas de dados são as mais utilizadas nas pesquisas sociais porque resultam numa maior adequação na obtenção de dados acerca do que as pessoas pensam, acreditam, e desejam (Gil, *apud* Ferreira 2013). Nas entrevistas semi-estruturadas pode-se combinar tanto perguntas abertas como fechadas, possibilitando uma maior abertura para o aprofundamento da análise do tema proposto. Também neste tipo de entrevista pode controlar-se o tempo de duração, no qual se permite um aprofundamento maior sobre determinados assuntos, consentindo um maior número de perguntas para elucidar certas questões que podem não ter ficado claras.

Igualmente pode delimitar-se o volume de informações, no sentido de direcionar melhor o tema, para que os objetivos sejam alcançados. Sem contar que este tipo de entrevista possibilita um maior contacto entre entrevistador e entrevistado, permitindo um intercâmbio de assuntos mais complexos e delicados, criando um laço maior entre

entrevistador e entrevistado, possibilitando uma maior colaboração, para que a investigação alcance seus objetivos (Boni & Quaresma, 2005).

A construção do guião da entrevista permite organizar a sequência das entrevistas através de um levantamento de tópicos, para que o entrevistador não se desvie de mais, e possa centrar-se nos objetivos principais da entrevista, ou para que o entrevistado possa definir melhor o seu desenvolvimento para uma maior orientação dos resultados, como instrumento de recolha para análise de conteúdos (Craveiro, 2007).

O guião de entrevista usado para a realização das entrevistas que serve de suporte a este estudo foi devidamente preparado de acordo com o enquadramento teórico e com os objetivos, com a intenção de explorar as dimensões do que consiste o sentimento do ser gibraltarinu e os seus sentimentos de pertença, como também as formas de mestiçagem cultural, não somente daqueles que lá residem, mas daqueles que fazem também parte da sua própria cultura e da sua vivência diária, como é o caso dos trabalhadores transfronteiriços.<sup>14</sup>

O guião foi composto, primeiramente, conforme os objetivos da entrevista, sendo explanados em detalhes, para que, assim, cada entrevistado pudesse conhecer melhor a finalidade da entrevista.

Os objetivos/tópicos apresentados através do guião foram:

- Conhecer as relações pessoais e familiares e quais são as histórias pessoais em relação a Gibraltar: se são nativos, ou há quanto tempo vivem em Gibraltar ou ainda, simplesmente, se são trabalhadores transfronteiriços.
  
- Conhecer quais são os distintos grupos sociais residentes e quais são as suas especificidades e semelhanças. Quais são os seus sentimentos de pertença e como conjugam as várias pertença.

---

<sup>14</sup> Como já citado anteriormente neste estudo, trabalhadores transfronteiriços são aqueles que trabalham em um país e residem em outro país, fronteiriços. Informação disponível em: [https://europa.eu/youreurope/citizens/work/work-abroad/cross-border-commuters/index\\_pt.htm](https://europa.eu/youreurope/citizens/work/work-abroad/cross-border-commuters/index_pt.htm)

- Abordar ao significado de “ser yanito”<sup>15</sup> e a questão linguística.
- Perspetiva pessoal de Gibraltar.

Os entrevistados respondiam às perguntas de cada tópico em função de como se sentiam mais a vontade, ou aquelas que se sentiam-se mais familiarizados e se identificavam mais com os respetivos tópicos. Em alguns tópicos principais, como, por exemplo, os motivos para viver em Gibraltar e sobre o contacto e convívio social fomos incluindo mais perguntas que nos demais, para que os entrevistados pudessem identificar e contestar as perguntas que mais eram adequadas, conforme as suas proximidades e identificações culturais, sociais e, assim, se procedeu com os tópicos seguintes.

Além disso, o guião foi traduzido para outros idiomas, pois além de em português, também foi elaborado em espanhol, francês e inglês, conforme se selecionavam os entrevistados. Também se optou pelo idioma que seria mais conveniente, tanto para a entrevistadora como para o entrevistado, para que ambos se sentissem mais à vontade, sendo que uma grande parte das entrevistas acabou por ser realizada no idioma espanhol.

Neste tipo de estudo, o tipo de entrevista mais ajustada é a semi-estruturada, considerando que as perguntas podiam fluir, conforme o entrevistado se ia identificando com as perguntas e, sobretudo, considerando a variedade de perfis de entrevistados. Ou seja, percebia que os entrevistados podiam se sentir mais à vontade com determinadas perguntas, conforme os seus vínculos e vivências com Gibraltar, como os nativos (gibraltarinos), estrangeiros que já viveram ou vivem ainda como residentes em Gibraltar e os trabalhadores transfronteiriços.

---

<sup>15</sup> Ver o capítulo 3.4 O bilinguismo e o yanito (llanito).

#### **4. Da seleção ao perfil dos entrevistados**

Na construção do registo de informação sociodemográfica dos entrevistados/as teve-se em conta vários critérios como, nomeadamente o género, a idade, a escolaridade, o local de nascimento, as origens dos pais e a religião para que a diversidade que pudesse ser reveladora de diferentes percursos de vida e trajetórias sociais e nos ajudasse a compreender o objeto de estudo.

A fase da escolha dos entrevistados/as, talvez, tenha sido uma das mais desafiadoras da investigação. Ao escolher os entrevistados/as teve que se considerar muitas variantes, designadamente decidir entre aqueles que nasceram e vivem em Gibraltar, considerados nativos, independentemente de suas origens culturais e religiosas.

Aqueles que residem há muito tempo em território de Gibraltar e outros que procedem de outros lugares e de outras culturas têm em comum o facto de se sentirem, ao mesmo tempo, gibraltarinos, como é o caso dos ingleses que, na sua maioria, acabam por se deslocar para Gibraltar pelas oportunidades de oferta de mão-de-obra especializada que Gibraltar oferece.

Aqueles que procedem de outros lugares e de outras culturas, mas que vivem em Gibraltar há muito tempo, como os indianos, que sentem-se mais identificados com a cultura britânica e o idioma inglês. Os marroquinos, pela proximidade geográfica e pela constante necessidade de mão-de-obra, considerando a proximidade geográfica e o intercâmbio com o comércio com Gibraltar. Os judeus, pela influência da grande comunidade judaica existente em Gibraltar, desde o início da sua história, bem como outros grupos de diferentes nacionalidades procedentes da União Europeia, que cada vez mais, optam por viver ou trabalhar em Gibraltar pela atrativa oferta de mão-de-obra qualificada.

A diferença entre os residentes não-nativos é que muitos dos que não falam o espanhol restringem-se a viver-se em Gibraltar pela facilidade do idioma, como os ingleses, e os indianos, pelas afinidades com o idioma e com a cultura inglesa, enquanto outros, como

é o caso dos espanhóis e muitos que procedem de outros países da União Europeia preferem viver em Espanha e trabalhar em Gibraltar, como é o caso dos trabalhadores transfronteiriços.

A questão dos trabalhadores transfronteiriços, independente de suas origens, foi um dos perfis de entrevistados mais difíceis de enquadrar, tendo em conta que, muitos deles, trabalham há muitos anos em Gibraltar, e partilham muitas horas das suas vidas com a comunidade gibraltarina e, ao mesmo tempo, parecem identificar-se com eles acabando também por se identificarem com a cultura gibraltarina.

Um dos principais motivos que levam esses trabalhadores fronteiriços a optar por não viver em Gibraltar é a falta de espaço físico, tratando-se de moradia, o que praticamente os obriga a atravessar a fronteira e viver no lado espanhol. Muitos alegam que o preço da moradia habitacional é menos oneroso e mais atrativa em Espanha do que em Gibraltar.

Em relação ao perfil dos entrevistados/as, foram entrevistadas 17 pessoas, 10 homens e 7 mulheres. A idade dos entrevistados/as variou entre 26 a 73 anos, sendo que a maioria tem idades superiores a 50 anos. Verificou-se uma maior facilidade em encontrar entrevistados/as de idade mais avançada, por serem mais conhecidos da entrevistadora. Procurou-se encontrar mais jovens, mas a limitação do número de entrevistas, por falta de disponibilidade de tempo da entrevistadora, devido a motivos profissionais, não permitiu que pudesse aceder a mais entrevistados.

Para a presença em maior número de entrevistados/as de idades mais avançadas é importante levar em conta que a falta da presença dos jovens em Gibraltar nesta época do ano em que foram realizadas as entrevistas (entre janeiro e junho de 2018) se deve ao facto de que uma grande parte dos jovens se encontram fora do território de Gibraltar, mais precisamente, na Inglaterra e Reino Unido, dado que o ensino superior ou universitário ser é totalmente financiado pelo governo de Gibraltar. As informações sobre este assunto

encontram-se acessíveis e disponíveis de forma digital no Departamento de Educação do Governo de Gibraltar<sup>16</sup>.

Outro critério a ser considerado no perfil dos entrevistados/as é o alto nível de escolaridade. Dos 17 entrevistados/as, apenas 6 não possuem nível universitário. Para além, daqueles que nasceram ou residem em Gibraltar e aproveitam a gratuidade do ensino universitário pelo governo de Gibraltar, quase todos os demais entrevistados que trabalham ou vivem em Gibraltar, e que possuem também um alto nível de escolaridade, encontram-se lá pela necessidade de mão-de-obra estrangeira qualificada na área da indústria dos jogos *online*, e outros setores da economia, como as finanças, o direito e a informática, setores estes que na sua maioria exige um nível de escolaridade mais elevado, oferecendo também salários mais atrativos.

Contudo, não se pode deixar de mencionar que Gibraltar sempre tenha necessitado de mão-de-obra externa para prestações de serviços primários, o que, de um modo geral, não exige um nível de escolaridade mais elevado. Este fluxo de trabalhadores sobretudo de espanhóis, que vivem do outro lado da fronteira e acabam por cruzar diariamente para efetuar tarefas nos setores de prestações de serviços, mais especificamente, na região nomeada Campo de Gibraltar, em consequência do grande índice de desemprego em Espanha.

O critério local de nascimento, para a seleção de entrevistados, incluindo a origem dos pais, foi dos mais perceptíveis a variedade. Conseguiu-se representatividade de entrevistados/as de diferentes origens: indiana, gibraltarina, britânica, espanhola, francesa, dominicana, inglesa, francesa, iraniana, espanhola, angolana e marroquina e hebraica.

Quanto ao critério religião, a maioria dos entrevistados/as declara pertencer à religião católica, independente das origens religiosas dos pais e familiares, como é caso de muitos que têm origem judaica, mas acabaram por perder a tradição religiosa, porque casaram-se com cônjuges de outra religião ou são filhos de uniões de casamentos mistos.

---

<sup>16</sup>Informação disponível em: <https://www.gibraltar.gov.gi/new/department-education#ancla8> “Higher education Degree and higher national diploma courses are followed at United Kingdom universities, in the main. Gibraltar government scholarships are available to eligible students.”

A realização das entrevistas foram momentos gratificantes em que se conseguiu atingir os objetivos, nomeadamente no que se refere à dimensão e qualidade da informação recolhida. No que se refere à transcrição das entrevistas, pelos motivos já apontados de se terem realizado entrevistas em várias línguas, as transcrições que implicaram uma tradução para o português levaram mais tempo, o que acabou por provocar um atraso na análise dos dados.

Foi realizada também uma grelha de análise das fichas de registo (anexo 1) de entrevistas divididas pelo número de entrevista, data da realização, tempo de gravação, se foi gravada ou não, condições das transcrições, local em que foi realizada e os aspetos físicos das condições de realização das entrevistas, origem dos contactos, o idioma que foi realizada e as limitações encontradas no decorrer das entrevistas.

Os nomes dos entrevistados/as foram mantidos em anonimato, de modo a preservar o sigilo. Quase todos os entrevistados/as foram contactados previamente e foi marcada uma hora específica para a entrevista. Uma parte dos entrevistados/as já tinha tido algum contacto com a entrevistadora anteriormente<sup>17</sup> e outros foram sugeridos pelos próprios entrevistados/as.

Todos os entrevistados/as estiveram disponíveis e recetíveis para a entrevista, sendo que nenhum deles demonstrou receio ou desconfiança, mesmo sabendo o quão é invasivo a realização de uma entrevista, na qual indaga o lado pessoal e se invade, de um certo modo, o lado privado de alguém. Verificámos que os entrevistados/as com mais vivências e conexões com Gibraltar foram os que demonstraram ser mais solidários na colaboração com este projeto e estar mais a vontade para falar sobre as questões que envolviam Gibraltar, sem nenhum constrangimento, daí que algumas entrevistas foram mais longas do que o tempo inicialmente previsto.

Em relação o tempo das gravações, as entrevistas variaram muito, desde 25 minutos até duas horas de gravação, o que resultou um total de 16 horas de entrevistas, o que seria uma média de uma hora e meia para cada entrevista. As entrevistas foram transcritas na

---

<sup>17</sup> A entrevistadora já tinha contactado anteriormente com determinados entrevistados por viver próximo da zona, e ter um familiar que trabalha em Gibraltar.

íntegra, embora tenham sido traduzidas do espanhol, inglês e francês para o português. Nas entrevistas que foram realizadas no idioma espanhol, nem todos os entrevistados/as possuíam um bom domínio da língua e, por isso, algumas frases ficaram sem sentido e, conseqüentemente, excedeu-se um pouco as expressões e metáforas. Todas as entrevistas foram previamente autorizadas pelos entrevistados/as e gravadas com um gravador portátil, o que permitiu que os entrevistados/as se sentissem mais à vontade, proporcionando uma maior narrativa nas entrevistas e permitindo um laço mais estreito entre a entrevistadora e o entrevistado. A partir de determinado momento, era como se os entrevistados/as não estivessem a dar conta de que estavam sendo a ser gravados.

A respeito do local, e dos aspetos físicos, quase todas as entrevistas foram realizadas em Gibraltar. Todos os locais foram sugeridos pelos próprios entrevistados/as. Acreditava-se que, seria mais conveniente serem os entrevistados a escolher o local em que se sentissem mais à vontade. Os que viviam em Gibraltar preferiram que a entrevista fosse realizada em cafés ou bares dentro do próprio território, o que acabou por gerar um maior dispêndio de tempo na deslocação do trajeto, na travessia da fronteira, sendo, desta forma, necessária um dia para cada entrevista.

Dessas entrevistas, treze foram feitas em Gibraltar, algumas delas foram em bares e cafés, e uma delas num restaurante. Uma entrevista feita em Gibraltar, com um entrevistado de origem marroquina, foi realizada dentro da própria mesquita. Das demais entrevistas, duas delas foram realizadas na casa da entrevistadora, por estarem mais próximos da sua morada, e uma das entrevistas foi realizada na própria casa da entrevistada. No que se refere a interrupções e interferências de ruídos, houve muito pouco, todas as entrevistas puderam ser transcritas sem grandes dificuldades.

Em relação às limitações, durante as entrevistas surgiram algumas, sobretudo no que se refere às três primeiras entrevistas e que serviram de pré-teste da aplicação do guião, permitindo aferir a necessidade de fazer alguns reajustamentos de questões e a carência de outras perguntas sobre dados pessoais e trajetos sociais dos entrevistados para melhor podermos conhecer os perfis sociodemográficos. Essas entrevistas centraram-se mais nas questões sobre a sociedade gibraltarina e o sentimento de identificação.

É importante mencionar que alguns dos entrevistados/as limitaram-se apenas a responder às perguntas colocadas, sobretudo os que tinham mais dificuldades em expressar-se em espanhol. Os nativos gibraltarinóis foram mais participativos nas entrevistas, existindo mais troca de informações pelo facto de se sentirem mais à vontade em falar das suas histórias pessoais com a cultura de Gibraltar e, por este motivo, as entrevistas acabaram sendo mais longas.

A entrevista realizada em inglês teve a participação de uma segunda pessoa para ajudar na tradução e, para que a entrevista não fosse constantemente interrompida. Também se desatracaram algumas entrevistas, nas quais suas narrativas contribuíram para este trabalho, como a que foi realizada em francês. O entrevistado era coordenador de alguns projetos de divulgação cultural em Gibraltar. A entrevista com um dos funcionários da Câmara do Comércio de Gibraltar também foi muito rica e contribuiu com muitas informações sobre a questão económica. Aconteceu o mesmo com o entrevistado de origem marroquina, que presidia a Associação de Defesa dos Trabalhadores Marroquinos em Gibraltar, que narrou factos pertinentes sobre a integração da comunidade marroquina em Gibraltar.

## **5. Sistematização de dados e análise de conteúdo**

Após a recolha dos dados, deve proceder-se à análise e tratamento de informação, para poder interpretar e validar o conteúdo dos resultados. A análise de conteúdo é uma das formas de tratamento de dados que costuma ser indicada nas pesquisas qualitativas (Júnior *et al*, 2010), e que, segundo Bardin (1977), citado por Oliveira (2011), também pode ser um conjunto de técnicas que tem como objetivo extrair conteúdos por detrás da mensagem analisada.

Neste sentido, a análise de conteúdo não apenas amplia a função da pesquisa e da descoberta, mas também explora através da análise a busca para afirmação de hipótese, e outros significados que se encontram intrínsecos na mensagem.

No que se refere à análise desenvolvida neste estudo, foi feita em uma grelha dividida em três eixos dimensionais de análise, entre categorias, subcategorias e unidade de registo.

No total da análise, foram usados doze tópicos, definidos a partir dos objetivos deste estudo e dos principais tópicos da entrevista.

Como os tópicos das entrevistas se distinguiam muito uns dos outros, decidiu-se preservar os mesmos para análise de conteúdo, classificando-os como categoria. Nas subcategorias, também se preservaram as questões abordadas nos tópicos. Nas unidades de registo, fomos mobilizando os discursos narrativos dos dezassete entrevistados.

## Capítulo 5 - Apresentação e análise dos resultados

### 1. Caracterização sociodemográfica dos entrevistados

Para conhecermos os perfis biográficos dos entrevistados/as, foi realizada uma grelha de análise dividida em onze critérios. Como já referimos, foram realizadas 17 entrevistas, sendo 10 homens e 7 mulheres. A idade dos entrevistados/as varia entre 26 a 74 anos. Sendo que 7 entrevistados são acima de 60 e 70 anos (cinco homens e duas mulheres), 7 entrevistados possuem entre 40 e 60 anos (quatro homens e três mulheres) e 3 entrevistados entre 20 e 40 anos (duas mulheres e um homem). Em relação ao estado civil, a maioria dos entrevistados/as é casada (oito homens e quatro mulheres), 3 divorciados (um homem e duas mulheres) e 2 solteiros (um homem e uma mulher).

No que se refere a filhos, apenas 2 entrevistados/as não têm nenhum filho (um homem e uma mulher). Os demais entrevistados/as possuem filhos, entre 1 a 2 filhos (cinco homens e cinco mulheres), acima de 3 filhos três entrevistados/as (uma mulher com dois homens, um homem com 5 filhos, e outro com 6 filhos).

Os/as entrevistados/as são altamente escolarizados/as: 9 entrevistados/as possuem nível académico de licenciado (seis homens e três mulheres), mestrado 1 (uma mulher), nível secundário 4, (três homens e uma mulher) 1 técnico superior (um homem) e 10.º ano (um homem).

Quanto à profissão desempenhada, há 2 contabilistas (dois homens), 3 reformados, (três homens), 1 enfermeira, 2 advogados (dois homens), 2 arquitetos (um homem e uma mulher), 2 empresárias (duas mulheres), 1 professora, 1 diretor da Câmara do Comércio, e 1 diretora de empresa, 1 comerciante e 1 profissional de limpeza.

Sobre o local de residência, dos 17 entrevistados/as, 4 vivem em Espanha (dois homens e duas mulheres) e 13 vivem em Gibraltar, entre residentes e nativos (8 homens e 4 mulheres).

Em relação à origem de nascimento, nasceram em Gibraltar 4 entrevistados/as (quatro homens e uma mulher), 4 na Inglaterra (dois homens e duas mulheres), 2 em

Espanha, (uma mulher em Melilha e um homem em La Línea), cidade fronteiriça com Gibraltar, 1 homem na Índia (Goa), 1 mulher também na Índia, 1 homem em Angola, um 1 homem em Marrocos, 1 homem em Israel, 1 mulher na Alemanha e 1 mulher na República Dominicana.

Em relação a origem dos pais dos entrevistados/as:

- i) Aqueles que são nativos e nasceram em Gibraltar (3 homens e 1 mulher), as origens variam, desde, portuguesa, gibraltarina, espanhola, inglesas, francesa e judaica.
- ii) Dos que nasceram na Espanha, sendo que, um deles viveu toda sua vida em Gibraltar, as origens são espanhola e judaica. Outra entrevistada, também espanhola, os pais são espanhóis.
- iii) Dos que não nasceram em Gibraltar, entre residentes e não-residentes, há 1 indiano que nasceu em Goa e tem pais de origem indiana e portuguesa. A outra entrevistada que nasceu na Índia, ambos os pais são de origem indiana. Uma das entrevistadas que nasceu na República Dominicana, o pai é dominicano de origem libanesa e a mãe é de origem dominicana. Outro entrevistado que nasceu em Israel, a origem dos pais é francesa. Uma das entrevistadas que nasceu na Alemanha, o pai é de origem alemã e a mãe russa. Uma entrevistada que nasceu em Inglaterra, os pais são de origem iraniana. Dois entrevistados que nasceram na Inglaterra, (um homem e uma mulher), a origem é britânica. Um inglês que nasceu na Inglaterra a origem dos pais é espanhola. Outro entrevistado que nasceu em Marrocos, a origem dos pais é marroquina. Um outro entrevistado que nasceu em Angola, o pai é de origem angolana, e a mãe é portuguesa.

Quanto à religião, 13 são católicos (oito homens, cinco mulheres), 1 judaica (um homem), 1 muçulmana (um homem), 1 hinduísta (uma mulher), 1 bahaísta (uma mulher), e um sem religião (um homem).

## Grelha 1- Grelha sociodemográfica

Grelha sociodemográfica									
Nº de entrevista	Sexo	Idade	Estado civil	Filhos	Escolaridade	Profissão	Local de nascimento	Origens dos pais	Religião
E-1	M	49	casado	2	10º ano	comerciante	Goa (Índia)	Mãe: Indiana /origem Portuguesa Pai: Indiano	católica
E-2	M	68	casado	2	secundario	reformado/chefe de aduana	Gibraltar	Pai: Gibraltarino/ origem Portuguesa Mãe: Gibraltarina	católica
E-3	M	70	casado	4	secundario	reformado/militar de carreira	Gibraltar	Pai: Espanhol Mãe: Inglesa	católica
E-4	M	73	divorciado	2	licenciatura	Arquiteto	La Línea (Espanha)	Pai: Gibraltarino /origem judaica Mãe: espanhola	s/ religião
E-5	M	61	solteiro	0	licenciatura	advogado/Tabelião	Gibraltar	Pai:Gibraltarino /origem francesa Mãe: Gibraltarina	católica
E-6	F	37	casada	2	licenciatura	empresaria	Rep. Dominicana	Pai: Dominicano/Origem Libanesa Mãe:Dominicana	catolica
E-7	F	69	casada	4	tecnico superior	enfermeira	Gibraltar	Pai: gibraltarino /origem judaica Mãe: espanhola	católica
E-8	F	40	casada	2	mestrado	diretora de empresa	Índia	Pai: indiano Mãe: indiana	hinduísta
E-9	M	35	casado	5	licenciatura	advogado	Israel	Pai: francês /origem judaica Mãe: francesa/origem judaica	judaica
E-10	F	53	casada	2	licenciatura	professora	Alemanha	Pai: Alemão Mãe: Russa	católica
E-11	F	26	solteira	0	mestrado	arquiteta	Iran	Pai: Iraniano Mãe:Iraniana	Bahá
E-12	M	53	casado	4	licenciatura	funcionário-Camára do Comercio	Inglaterra	Pai: britânico Mãe: britânica	católica
E-13	M	44	casado	2	licenciatura	contabilista	Inglaterra	Pai: Espanhol Mãe: Espanhola	católica
E-14	F	52	divorciada	2	licenciada	empresaria/Gestora	Inglaterra	Pai: Inglês Mãe: Inglesa	católica
E-15	M	74	casado	6	secundario	reformado	Marrrocos	Pai: Marroquino Mãe: Marroquina	muçulmana
E-16	M	41	casado	1	licenciado	contabilista	Angola	Pai: Angolano Mãe: portuguesa	católica
E-17	F	62	divorciada	2	secundario	profissional de limpeza	Melilla(Espanha)	Pai: Espanhol Mãe: Espanhola	católica

## 2. Razões para viver em Gibraltar

No primeiro tópico abordado na entrevista, procurou-se conhecer o percurso individual de cada entrevistado/a e as suas trajetórias pessoais para traçar melhor a dinâmica das suas relações sociais no que se refere às razões apontadas para viver em Gibraltar. Quem são eles? Nasceram no território? Vieram mais tarde? Quais os motivos? Quem são os trabalhadores que atravessam a fronteira todos os dias e partilham suas rotinas laborais com os gibraltarinhas? Desde logo distinguimos dois grupos: os que residem em Gibraltar e aqueles que vão trabalhar para Gibraltar e atravessam a fronteira todos os dias como os trabalhadores transfronteiriços.

Para darmos conta da complexidade da mistura cultural tentou-se averiguar quais eram as suas origens culturais, se pertenciam ou descendiam de algum grupo cultural ou religioso, no intuito de conhecer melhor a diversidade cultural que contribuiu para a formação da identidade gibraltarina.

Além do processo de identificação pessoal, procurou-se explorar a questão da perceção individual de cada entrevistado, no que respeita aos sentimentos relativos ao período de convivência social e às relações entre família e trabalho. O objetivo foi também saber se sentiam bem e se gostavam de viver em Gibraltar.

Decidiu-se então dividir após uma primeira análise de dados deste tópico entre:

- 1) nativos – aqueles que nasceram em Gibraltar, e se consideram gibraltarinhas;<sup>18</sup>
- 2) residentes não-nativos que consideram-se também gibraltarinhas;
- 3) não-residentes - aqueles que são aqueles que simplesmente trabalham em Gibraltar e passam todos os dias a fronteira, considerados também trabalhadores transfronteiriços, para que se possa ter uma melhor noção de análise dos entrevistados.

---

<sup>18</sup> O adjetivo gentílico *gibraltarinha* ou *gibraltinista*, ambas formas estão corretas e referem-se aos habitantes naturais de Gibraltar. Neste estudo optou-se pelo *gibraltarinha*. Informação disponível em <https://www.priberam.pt/dlpo/gibraltarinha>

1) Os nativos – aqueles que nasceram em Gibraltar e se consideram gibraltinos

Dos quatro entrevistados que nasceram em Gibraltar e se consideram nativos, constata-se que quase todos têm origens geográficas, sociais e familiares de outros lugares, o que confirma a grande diversidade cultural de Gibraltar e a mistura social que é possível encontrar neste território.

Os entrevistados pareciam à vontade em abordar as suas origens, como sendo normal ter uma procedência de outras culturas. Dois dos entrevistados nativos têm origem inglesa e espanhola e outra portuguesa:

*“Eu nasci aqui, e minha mãe era inglesa e meu pai espanhol.”* (Homem, 70 anos, reformado, gibraltarinu, pai espanhol e mãe inglesa).

*“Sim, sou de Gibraltar, a minha família é daqui, mas sou de origem portuguesa. (...). Sempre vivi aqui, o meu pai, e o pai do meu pai (avô).”* (Homem, 68 anos, reformado, gibraltarinu, pai gibraltarinu de origem portuguesa e mãe gibraltarina).

Um dos entrevistados nasceu em Espanha do outro lado da fronteira, mas considera-se nativo gibraltarinu por ter vivido sempre em Gibraltar. A mãe era espanhola, o pai de origem judaica e nasceu durante a Segunda Guerra Mundial. O entrevistado comenta o modo como os habitantes de Gibraltar foram evacuados, como foi no caso da sua mãe que não podia viver em Gibraltar. Por isso, o entrevistado viveu com sua mãe no outro lado da fronteira até a idade dos dois anos.

*“Nasci durante a Segunda Guerra Mundial. O meu pai fazia seu serviço militar e conheceu a minha mãe durante a guerra. Ela era espanhola, e por isso não chegaram a evacuar-se durante a Segunda Guerra Mundial. Ela viveu em La Línea (cidade fronteiriça) enquanto terminava a guerra. Quando eu nasci, era fruto de um matrimónio misto, e isto nos anos 40 ainda se via como algo estranho, entre um judeu e uma católica!”* (Homem, 73 anos, arquiteto, gibraltarinu, pai de origem judaica, mãe espanhola).

Outro entrevistado nativo tem pai gibraltarinu de origem francesa, e a mãe de origem judaica.

*“Nasci aqui e não quero viver em nenhum outro lugar (...) pela parte do meu pai são franceses. Agora pela parte da minha mãe são hebreus<sup>19</sup> (...). E eram hebreus sefarditas que foram expulsos e vieram de Espanha e de Marrocos...”* (Homem, 61 anos, advogado, gibraltarinu, pai gibraltarinu origem francesa, e mãe gibraltarina origem judaica).

Outra entrevistada nativa, de mãe espanhola, pai gibraltarinu e de origem judaica, também comentou que é fruto de um casamento misto, entre uma católica e um judeu.

*“Nasci aqui, sim, sou gibraltarina. A minha mãe era espanhola, de La Línea, já faleceu. O meu pai não, ele é daqui de Gibraltar, era hebreu. Ele queria que fôssemos hebreias, mas como ele veio de uma origem mais humilde e minha mãe não se meteu muito com as tradições judaicas, meu pai ficou irritado e decidiu batizar-nos católicas, eu e minhas duas irmãs, por isso não seguimos mais e ficámos católicas.”* (Mulher, 69 anos, enfermeira, gibraltarina, pai gibraltarinu de origem judaica, mãe espanhola).

Na questão de como se sentem a viver Gibraltar, entre os quatro nativos gibraltarinu que nasceram em Gibraltar, um deles sente-se orgulhoso e acredita que não é o único e que todos que nasceram em Gibraltar deverão responder da mesma forma.

*“Sinto muito orgulhoso, mas não sou o único, posso até parecer um fanático, mas se pretendes entrevistar mais gente, te darás conta que muitos pensam como eu.”* (Homem, 68 anos, reformado, gibraltarinu, pai gibraltarinu de origem portuguesa, mãe gibraltarina).

Outro afirma que não pretende viver em nenhum outro lugar e salienta a relevância da influência das três culturas em Gibraltar (inglesa, espanhola e marroquina) e a vantagem da localização geográfica de Gibraltar.

*“Eu nasci aqui e aqui quero morrer, aqui sempre dizemos que temos o melhor das três culturas: inglesa, espanhola e marroquina. Estamos num centro entre dois continentes,*

---

<sup>19</sup> Termo que designa o povo de origem judaica.  
Informação disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/hebreu>

*entre dois oceanos. O que se pode querer mais?*” (Homem, 70 anos, reformado, gibraltarinu, pai de origem espanhol e mãe inglesa).

Outro ainda reconhece que faz parte de uma comunidade multicultural e sente-se bem a viver em Gibraltar. *“ Gosto muito de viver aqui. Sinto que faço parte de uma comunidade multicultural.”* (Homem, 73 anos, arquiteto, gibraltarinu, pai de origem judaica, mãe espanhola).

Um outro entrevistado afirma que gosta de viver em Gibraltar e que não pretende viver noutra lugar. Compara os habitantes de Gibraltar com os gregos antigos, onde há pouca distância de poder entre os governantes e aqueles que são governados, onde os eleitores vivem mais próximos de seus políticos.

*“Acredito que Gibraltar oferece uns benefícios impressionantes, e lhe diria mais, vivemos aqui, como uma vez disse uma certa pessoa, e acredito que essa pessoa tinha razão, vivemos como os povos antigos, os gregos, que aqueles que mandam e rodeiam-se daqueles que os elegem, (...) portanto, não quero viver num outro lugar que além de Gibraltar. Os eleitores têm muita influência no controle seus políticos... é assim aqui, entre os que governam e aqueles que são governados, não há quase nenhuma separação.”* (Homem, 61 anos, advogado, gibraltarinu, pai gibraltarinu de origem francesa, e mãe gibraltarina de origem judaica).

Uma outra entrevistada comenta que, para além de viver bem em Gibraltar, sente-se orgulhosa e cem por cento gibraltarina, pretende continuar a viver em Gibraltar.

*“Eu vivo muito bem aqui, tenho uma vida tranquila aqui. Sempre vivi aqui, apenas saio de Gibraltar de férias, quando vou a Inglaterra. Sinto-me muito orgulhosa, e sinto-me cem por cento gibraltarina. Pretendo viver toda minha vida aqui até morrer...”* (Mulher, 69, enfermeira, gibraltarina, pai gibraltarinu de origem judaica, mãe espanhola).

Em relação ao sentimento dos nativos, notou-se que todos parecem ter um sentimento de pertença em ser gibraltarinu e de sua mistura cultural, e que todos têm a intenção de continuar a viver em Gibraltar.

## 2) Residentes não-nativos

Entre os entrevistados/as há oito residentes não nativos que vivem em Gibraltar (quatro homens e quatro mulheres) e que demonstraram ter vínculos culturais e alguns familiares com Gibraltar, o que evidencia uma certa convivência entre eles. Os motivos para estes entrevistados/as terem migrado para Gibraltar e de se terem fixado, na maioria dos casos, estão relacionados com questões de trabalho, confirmando a atratividade que a economia de Gibraltar exerce sobre a mão-de-obra estrangeira.

Em relação os perfis dos entrevistados, dois deles são de origem indiana e vieram a Gibraltar por questões de trabalho.

Um deles vive há 18 anos, sente-se britânico e gosta muito de viver em Gibraltar.

*“Sou da Índia. Vim trabalhar para Gibraltar quando tinha 18 anos. Eu já tinha a minha mãe que trabalhava aqui numa residência familiar, e ela contactou com a comunidade indiana de Gibraltar para me ajudar a encontrar um trabalho. Me sinto britânico, porque vivo aqui há 28 anos, mesmo que só faz 5 ou 6 anos que tenho o passaporte e a nacionalidade britânica. Eu gosto muito de viver em Gibraltar, vivi quase toda a minha vida aqui.”* (Homem, 49 anos, comerciante, indiano, mãe indiana de origem portuguesa, pai indiano).

A outra entrevistada de origem indiana afirma que Gibraltar lembra-lhe o seu pequeno povoado onde vivia na Índia e considera um lugar agradável para se viver com uma família. *“Vivo aqui porque tenho minha família e trabalho aqui também (...) sinto-me bem a viver aqui, porque é um lugar pequeno e faz-me lembrar o lugar onde eu vivia antes com meu pai, numa pequena comunidade na Índia. Vivo aqui há 10 anos, e é muito agradável para quem tem família, porque depois do trabalho se tem mais tempo para estar em família.”* (Mulher, 40 anos, diretora de empresa, indiana, mãe indiana, pai indiano).

Uma entrevistada, que reside em Gibraltar há treze anos, procede da República Dominicana, e também veio por motivos de trabalho do esposo, que trabalha numa empresa de jogos *online* em segurança informática. A entrevistada é empresária e possui uma empresa

de serviço de *catering*,<sup>20</sup> no qual serve comida para as empresas em Gibraltar e afirma que gosta de viver em Gibraltar e convívio é muito bom:

*“Eu nasci em San Domingos na República Dominicana. Vim viver para aqui por causa do meu marido, que recebeu uma proposta de trabalho. Ele veio primeiro, ficou aqui três meses à experiência, depois vim logo em seguida. No total, já são 13 anos que vivemos aqui. Gosto muito de viver aqui. Conheces muitas pessoas, chega a uma altura que encontras as pessoas pelas ruas e cumprimentas e terminas a relacionar-te com elas sem querer. Aqui as pessoas são muito amigáveis e carinhosas. É muito bom viver aqui.”* (Mulher, 37 anos, empresária, dominicana, pai dominicano de origem libanesa, mãe dominicana).

Um dos entrevistados, que é de origem francesa e judaica, veio em passeio com a família quando era jovem, mais tarde voltou e casou-se com uma gibraltarina de origem judaica. Atualmente, vive e trabalha em Gibraltar.

*“Não nasci aqui, a razão pessoal e o facto de eu estar aqui é que os meus pais estavam em missão nos anos 80. Nasci em Jerusalém, em Israel. Os meus pais são franceses e eles viviam em Israel na época do casamento, e eu nasci lá em 82, e em 84 a 87 eles vieram viver para aqui em Gibraltar, vieram em missão. Eu voltei aqui para passar férias 10 anos depois, em 97, e depois voltei aqui em 2001 e encontrei minha mulher. Na época era minha namorada, depois noiva e depois minha mulher, nos casamos em 2006. Eu voltei aqui em 2008, após terminar os meus estudos em direito em Londres, tornei-me advogado britânico e consegui um estágio num escritório de advogados, aqui. Então eu estou aqui desde 2008, 10 anos.”* (Homem, 35 anos, advogado, israelita, pai francês, mãe francesa).

Outra entrevistada é alemã e casou-se com um gibraltarino. Viveu algum tempo fora com o esposo e voltaram a viver em Gibraltar. Comenta que no início foi difícil a adaptação, devido à barreira do idioma para encontrar trabalho, porque antes as coisas não eram tão fácil como são hoje. Está quase há 30 anos e atualmente trabalha como professora em Gibraltar.

---

<sup>20</sup> *Catering* é um termo em inglês para descrever o fornecimento de comidas prontas e todos os serviços que envolvem esse contexto.

*“ - Sou alemã de origem e conheci o meu marido, que é daqui de Gibraltar na Arábia Saudita e fiquei lá alguns anos. E depois vim com ele para Gibraltar.*

*- Há quanto tempo é que vive aqui em Gibraltar?*

*- Vivo aqui há 30 anos, vim para ficar 2 mas acabei por ficar 30 anos.*

*- Sente-se bem a viver aqui?*

*- Sim, só que nos primeiros anos não gostei muito de morar aqui. Tive dificuldades em me adaptar no início, a barreira do idioma, não falava tão bem inglês, nem o espanhol. Tive dificuldade em encontrar trabalho. É que há 30 anos era muito diferente do que é agora. E finalmente comecei a trabalhar num banco, um banco dinamarquês, fiz estudos em finanças, entretanto tive os meus dois filhos.”* (Mulher, 53 anos, professora, alemã, pai alemão, mãe russa).

Uma das entrevistadas, que também vive em Gibraltar, é de origem iraniana, migrou com os pais quando era criança, e considera-se gibraltarina. Quando estudou fora, sentiu que não fazia parte de uma comunidade, como sente quando está em Gibraltar.

*“- Eu não nasci aqui, mas vim com 4 meses com os meus pais.*

*- Então praticamente criaste-te aqui?*

*- Sim, considero-me gibraltarina.*

*- Sentes-te bem em viver aqui?*

*- Sim, adoro. O tempo que passei em Inglaterra quando fui estudar, não gostei de viver lá, há muitas divisões, eu não sentia que fazia parte de uma comunidade como sinto aqui.”* (Mulher, 26 anos, arquiteta, iraniana, pai iraniano, mãe iraniana).

Outro entrevistado de origem inglesa, que também vive em Gibraltar há 15 anos, é casado com uma gibraltarina e atualmente trabalha na Câmara do Comércio de Gibraltar. Veio viver para Gibraltar porque queria mudar de vida.

*“- Nasci em Londres em Inglaterra e vivo aqui há 15 anos. Vim viver para aqui porque queria mudar de vida. Primeiro vivi noutros lugares com minha família. A minha esposa é daqui, é uma yanita, e vamos fazer agora 25 anos de casamento. Quando cheguei aqui não tive um trabalho diretamente, foi um risco muito grande mudar de vida com as crianças, embora tivesse muita experiência dos trabalhos anteriormente em Madrid e Japão. Os câmbios nunca são fáceis. O meu trabalho consiste em negociar com os governos e reivindicar os interesses dos nossos membros.*

- *Então, trabalha na Câmara do Comércio aqui em Gibraltar?*

- *Sim, eu represento todos os interesses dos comerciantes e as suas necessidades em relação aos regulamentos e as normas que o governo que os afetam diretamente e, normalmente, comunico as suas reivindicações ao governo.*” (Homem, 53 anos, funcionário da câmara do comércio, inglês, pai inglês, mãe inglesa).

Outro entrevistado de origem marroquina, afirma que se sente bem a viver Gibraltar. No início, tencionava apenas trabalhar, mas como se sentia respeitado e que o tratavam bem, decidiu ficar trabalhando em Gibraltar. Vive há 50 anos.

“- *Nasci em Marrocos, vim para cá jovem, e queria procurar algo melhor para minha vida, mais liberdade. Vim para cá com 23 anos, vivo aqui praticamente há 50 anos. Fiz a minha vida toda aqui. A minha intenção a princípio não era ficar aqui, apenas queria trabalhar, mas como eles me respeitavam e tratavam bem, fui seguindo minha vida.*

- *Sente-se bem viver aqui?*

- *Sim, sinto-me, aqui há paz e segurança.*” (Homem, 74 anos, reformado, marroquino, pai marroquino, mãe marroquina).

3) Os que trabalham e não residem em Gibraltar e são considerados trabalhadores transfronteiriços.

Os quatro entrevistados/as não-residentes demonstraram, a partir das suas narrativas, parecem ter tido um motivo semelhante aos que são residentes não-nativos na decisão de estar em Gibraltar: o trabalho.

Um dos trabalhadores é de origem portuguesa e trabalha com a esposa em Gibraltar que é de origem italiana. Ambos decidiram vir juntos para trabalhar em Gibraltar na indústria do jogos *online*, pelo mesmo motivo, a atrativa oferta de trabalho. Atualmente vivem em Espanha, junto à fronteira.

“- *Sou português, mas nasci em Angola e fui para Portugal bastante novo. Mudei para Gibraltar em 2009, após de ter vivido 2 anos na Irlanda, e em seguida vim para Gibraltar depois do “crash na Irlanda” de 2008. A situação ficou muita incerta, tínhamos amigos aqui, decidimos passar férias e acabámos por nos mudar para cá.*

- *Mas então não vieste sozinho?*

- *Não, estava com a minha atual esposa que na altura era minha namorada.*
- *E há quantos anos estão aqui no total?*
- *Nove anos.*
- *E chegaram a viver em Gibraltar?*
- *Sim, um mês e depois fomos viver para Espanha.*
- *Aqui em La Línea?*
- *Sim.*” (Homem, 41 anos, contabilista, português, pai angolano, mãe portuguesa).

Há aqueles que optam por não querer viver em Gibraltar pela questão das dificuldades de habitação, pois sentem-se mais à vontade para viver em Espanha.

Um dos entrevistados, de origem inglesa, que trabalha há 13 anos em Gibraltar, decidiu mudar de vida com a esposa. Sempre quis morar em Espanha devido às origens dos pais, mas como a situação laboral é incerta decidiu trabalhar em Gibraltar e viver perto da fronteira.

*“Nasci em Londres e a minha mulher vem de Guernsey, é uma ilha britânica perto de França, mas não gostamos muito de viver lá, pois o tempo lá é horrível, sempre com muita chuva (...) Queríamos mudar de vida, então decidimos nos mudar...queríamos viver em Espanha. Não havia muita perspectiva na zona de trabalho, não sentíamos muita segurança, então decidi enviar meu CV a Gibraltar.”* (Homem, 44 anos, contabilista, inglês, pai espanhol, mãe espanhola).

Uma das entrevistadas é inglesa, já viveu em Gibraltar quando era jovem e ainda possui familiares que vivem em Gibraltar. Atualmente, vive em Espanha, trabalha em Gibraltar como empresária, considera que Gibraltar faz parte da história da sua vida.

- “- Vivi em Gibraltar quando era criança, dos 8 aos 17 anos.*
- *Então estudaste em Gibraltar?*
- *Sim.*
- *Os teus pais são britânicos?*
- *Sim, os dois. Vivíamos em Espanha e fomos encontrar trabalho em Gibraltar. O meu pai trabalhava na construção civil e sempre trabalhou aí, vive até hoje em Gibraltar. Eu fui de*

*Gibraltar com 17 anos e depois voltei para a Espanha com minhas duas filhas faz 15 anos e agora trabalho de forma autónoma em Gibraltar.*

*- Tens a tua própria empresa?*

*- Sim.*

*- Mas vives em Espanha agora?*

*- Sim, embora seja uma trabalhadora transfronteiriça, mas claro, o meu pai vive aí, e tenho muitos amigos (...) Mas tenho algo com Gibraltar, tenho uma parte da história da minha vida e ainda continua tendo.” (Mulher, 52 anos, empresaria, inglesa, pai inglês, mãe inglesa).*

Outra entrevistada que é espanhola também trabalha em Gibraltar há 12 anos, veio com o seu ex-esposo para viver em La Línea, cidade fronteiriça com Gibraltar. Encontrou trabalho facilmente em Gibraltar, no qual trabalha até os dias de hoje. Acredita que a existência de Gibraltar é muito importante para a região em termos de oferta de trabalho.

*“- Nasci em Melilha, norte de África aqui na frente do mar, mas fui com 9 anos para Barcelona, e vivi muito tempo da minha vida em Barcelona (...) transferiram o meu ex-marido, que era policial, para viver em La Línea, onde vivo até hoje. Cheguei aqui, logo fui procurar trabalho em Gibraltar e encontrei em seguida. Trabalhei em uma empresa de jogos online, como auxiliar de limpeza.*

*- E há quanto tempo trabalha ao total em Gibraltar?*

*- Faz 12 anos que trabalho lá, comecei em julho de 2005.*

*- E gosta de trabalhar em Gibraltar?*

*- Sim, gosto, penso que Gibraltar é muito importante para toda essa região. É como uma grande empresa que se não fosse estas 10 mil pessoas que dependem de Gibraltar o que seria de La Línea?” (Mulher, 62 anos, profissional de limpeza, espanhola, pai espanhol, mãe espanhola).*

Em relação ao perfil dos quatros entrevistados/as não residentes, que trabalham em Gibraltar, parece confirmar-se a importância de Gibraltar como uma fonte de emprego, de oportunidades. Quase todos emigraram de outros lugares, e vieram com algum familiar ou cônjuge e demonstraram ter uma determinada estabilidade social pela quantidade de anos de trabalho e vivência em Gibraltar.

### As ligações familiares

Entre os entrevistados/as nativos/as gibraltarinos, incluindo residentes e não-residentes, ou seja, os três perfis de entrevistados, afirmaram que, no que se refere à família, todos possuem algum familiar ou vieram com familiares para trabalhar em Gibraltar.

*“Toda minha família viveu aqui, incluindo a minha mãe, que vive comigo, e é de nacionalidade portuguesa. Os meus filhos têm as duas nacionalidades, também portuguesa e britânica.”* (Homem, 49 anos, comerciante, indiano, mãe indiana de origem portuguesa, pai indiano).

*“A minha família toda está em Gibraltar, e eu estive a estudar até os 18 anos. Em seguida, comecei a trabalhar na aduana onde trabalhei toda a minha vida até me aposentar.”* (Homem, 68 anos, reformado, gibraltarinu, pai gibraltarinu de origem portuguesa, mãe gibraltarina).

*“Eu fiquei viúvo em 2003. Tenho 4 filhos, 3 meninas e um menino e agora 9 netos. Eles estão todos em Gibraltar. Eu casei-me novamente há 3 anos. E aposentei-me há 10 anos.”* (Homem, 70 anos, reformado, gibraltarinu, pai espanhol e mãe inglesa).

*“Tenho um filho e uma filha. A minha filha e meus netos vivem e trabalham aqui. E o meu filho e o meu neto vivem em Inglaterra.”* (Homem, 73 anos, arquiteto, gibraltarinu, pai origem judaica, mãe espanhola).

*“Vivo aqui porque tenho a minha família que trabalha aqui também.”* (Mulher, 40 anos, diretora de empresa, indiana, mãe indiana, pai indiano).

*“Vivo com os meus pais, tenho dois irmãos que agora estão a viver nos USA e outro em Glasgow na Escócia, todos estão a estudar lá.”* (Mulher, 26 anos, arquiteta, iraniana, pai iraniano, mãe iraniana).

### Sobre o trabalho

No que se refere ao trabalho, os nativos gibraltarinos dedicaram-se mais a trabalhar para o governo de Gibraltar. Um deles foi funcionário de aduanas: *“Eu estive a estudar até aos 18 anos, logo fiz o serviço militar que, na minha época, era obrigatório. Em seguida, comecei a trabalhar na aduana onde trabalhei toda minha vida até me aposentar.”* (Homem, 68 anos, reformado, gibraltarinu, pai gibraltarinu de origem portuguesa, mãe gibraltarina).

Outro militar de carreira: *“Eu fui empregado no Ministério da Defesa como oficial na base naval.”* (Homem, 70 anos, reformado, gibraltarinu, pai espanhol e mãe inglesa).

Outro é advogado e tabelião: *“Eu trabalho como advogado há mais de 30 anos, porque me formei como advogado em 1980 e sou tabelião também.”* (Homem, 61 anos, advogado, gibraltarinu, pai gibraltarinu origem francesa, e mãe gibraltarina origem judaica).

Uma das entrevistadas era enfermeira: *“Fui enfermeira durante toda minha vida. Comecei com 14 anos, fiz um ano como voluntária, e depois contrataram-me, e assim foi até que me reformei.”* (Mulher, 69 anos, enfermeira, gibraltarina, pai gibraltarinu de origem judaica, mãe espanhola).

Quanto aos residentes, ou aqueles que vivem em Gibraltar, e os não-residentes, considerados trabalhadores transfronteiriços, as profissões variam muito.

Um residente é comerciante: *“Tenho um restaurante há um ano com os meus três irmãos, e a minha mulher e as mulheres dos meus irmãos.”* (Homem, 49 anos, comerciante, indiano, mãe indiana de origem portuguesa, pai indiano).

Uma não-residente trabalha como empresária e gestora: *“Sou gestora, e os meus clientes, na sua maioria, são de Gibraltar, uma grande parte é inglesa e alguns estrangeiros. Normalmente eles ou vivem em Espanha, ou compram ou alugam ou fazem negócios.”* (Mulher, 52 anos, empresaria, inglesa, pai inglês, mãe inglesa).

Outro residente foi chefe de manutenção de um estádio de futebol. *“Trabalhei quase todo tempo no Victoria Stadium, o estádio de futebol e em outros tipos de desportos. Fui chefe de todo o pessoal e manutenção.”* (Homem, 74 anos, reformado, marroquino, pai marroquino, mãe marroquina).

De um modo geral, quase todos os entrevistados/as acreditam que Gibraltar oferece boas condições em termos de trabalho, em que os direitos contratuais são respeitados e os salários são superiores.

*“- Acha que Gibraltar tem boas condições de trabalho?”*

*- Obviamente, de toda a zona do campo de Gibraltar, os espanhóis gostam de vir para aqui trabalhar. Quase todos os postos de serviços primários são espanhóis. É por isso que eu digo, que os gibraltarinos não vão fazer esse tipo de trabalho! O problema é que aqui, para além de pagarem mais, há trabalho, na Espanha não há trabalho. Sabes, quase todos os enfermeiros e médicos que trabalham no nosso Hospital vem da Espanha, é complicado.”*  
(Homem, 61 anos, advogado, gibraltarinu, pai gibraltarinu origem francesa, e mãe gibraltarina origem judaica).

As entrevistadas, sendo duas residentes, e uma terceira não-residentes, desempenham atividade profissional de empresárias e salientam a importância dos procedimentos legais para as contratações e para as boas condições propostas pelos contratos.

*“Em geral, sim, sempre que tens um contrato te respeitam muito, é bem organizado. Com a minha empresa, se tenho que contratar alguém tenho de publicar, o governo tem que saber, tenho sempre de dar satisfação ao governo. Por exemplo, eu não posso contratar-te e depois de dois meses te despedir, caso contrário tenho que pagar muito dinheiro, é melhor sempre avisar com antecedência, avisar que não necessitas mais desta mão-de-obra, quer dizer o governo cuida muito esse lado.”* (Mulher, 37 anos, empresária, dominicana, pai dominicano origem libanesa, mãe dominicana).

*“Os contratos são bons, a nível de férias remuneradas, afastamento por doença, segurança social. A grande maioria das empresas oferece um plano de saúde adicional ao sistema de saúde público, o governo também procura assegurar que as empresas oferecem o mínimo de benefícios adicionais, como seguro de vida, etc. O governo também assegura que as empresas contribuem para a aposentaria e obriga as empresas a cumprir as suas obrigações com os funcionários. O facto de existir uma média de 15 mil trabalhadores espanhóis a trabalhar em Gibraltar significa que aqui têm boas condições de trabalho.”* (Mulher, 40 anos, diretora de empresa, indiana, mãe indiana, pai indiano).

*“Quanto às condições de trabalho em Gibraltar são boas, os salários são bons, os contratos são bons, e os trabalhadores têm muito direitos, e se não contratam bem um trabalhador em Gibraltar eles multam as empresas. São muito exigentes com as empresas, acho isso muito bom!”* (Mulher, 52 anos, empresaria, inglesa, pai inglês, mãe inglesa).

Outros entrevistados/as sublinham a força da economia. Por exemplo, uma das entrevistadas não-residente, profissional de limpeza, 62 anos, salienta que em Gibraltar não há falta de emprego, sendo o desemprego de cerca de 2% o que leva a que mais ou menos 8 mil trabalhadores atravessem a fronteira todos os dias, enquanto em La Línea, em Espanha a taxa de desemprego atinge quase 40%. (Mulher, 62 anos, profissional de limpeza, espanhola, pai espanhol, mãe espanhola).

Por outro lado, outro dos entrevistados/as, também não-residente, ressalva o facto de ser o território com rendimento *“per capita mais alto do mundo.”* (Homem, 41 anos, contabilista, português, pai angolano, mãe portuguesa).

Portando, pode concluir-se que a atratividade de Gibraltar sobre os espanhóis é especialmente deve-se, especialmente, à grande oferta de oportunidades de trabalho, por oposição às dificuldades que se verificam em Espanha.

### **3. Contacto e convívio social**

A percepção que os entrevistados/as têm sobre o convívio diário com outras culturas é importante para compreendermos melhor o mecanismo da dinâmica cultural e a interação social entre aqueles que vivem e trabalham em Gibraltar. Nesse sentido, neste tópico foram abordadas diversas questões sobre o contacto entre as várias culturas, de como se contactam no dia-a-dia, e também quais as afinidades e semelhanças com outros grupos.

Percebe-se em seguida, diante das suas narrativas e experiências com outras culturas, que para os nativos que se consideram gibraltarinos, o convívio com o outro diferente aparece como algo comum para eles inclusive no contacto e convívios com os espanhóis, apesar de todos os atritos políticos existentes.

Um entrevistado nativo reafirma que nunca teve problema com nenhum grupo cultural e não acredita que em Gibraltar tenha algum tipo de conflito. Além disso, relata que desde criança que tem o hábito de frequentar as comunidades de judeus e que gostava de participar nos seus eventos religiosos. Para ele, isso significava imaginar como eram seus os antepassados de origem judaica. (Homem, 61 anos, advogado, gibraltarinu, pai gibraltarinu origem francesa, e mãe gibraltarina de origem judaica).

Outro deles afirma que também vivia muitos com os judeus quando era criança e que também costuma partilhar alguns costumes judaicos: *“Eu vivi muito com hebreus, porque morávamos com a minha avó e onde ela morava os vizinhos eram quase todos hebreus. Lembro-me de participar em algumas cerimónias deles, e de como os meninos nas ruas me explicavam os seus costumes, as rezas e tudo, era fantástico.”* (Homem, 70 anos, reformado, gibraltarinu, pai espanhol e mãe inglesa).

Outro entrevistado ainda nativo comentou que pertence a muitos grupos sociais, e um deles é um grupo que trata da autodeterminação<sup>21</sup> de Gibraltar, no qual se encontram inseridas pessoas de todos as culturas e todas as religiões: *“Obviamente, não tratamos de religião apenas falamos do futuro da identidade dos gibraltarinu e de como podemos conseguir que se reconheça a autonomia nas Nações Unidas, e neste grupo há pessoas de todos os níveis, trabalhadores, comerciantes.”* (Homem, 73 anos, arquiteto, gibraltarinu, pai origem judaica, mãe espanhola).

Constatou-se também que, para além de estarem acostumados a frequentar grupos de pessoas de outras culturas, possuem estreitas relações com os espanhóis do outro lado da fronteira, embora demonstrem uma certa inquietude com o problema político de soberania entre Espanha e Gibraltar: *“Sou gibraltarinu e britânico mas frequento muito a Espanha, porque tenho uma casa lá na praia, e tenho algumas amizades com espanhóis... Mas com aqueles que vivem aí comigo, temos uma regra de que não se fala de política. O problema é que na Espanha ensinam desde crianças nas escolas, que (Gibraltar é Espanhol), e isso*

---

<sup>21</sup> O princípio de autodeterminação dos povos, é o reconhecimento perante as Nações Unidas, como uma garantia de autonomia de ter um governo próprio e soberano para populações que ainda tem uma certa dependência colonial em relação a outra Nação. Em Gibraltar existe movimentos que lutam pela autodeterminação de Gibraltar.

*sempre fica desde criança.*” (Homem, 68 anos, reformado, gibraltarinu, pai gibraltarinu de origem portuguesa, mãe gibraltarina).

Tratando ainda das relações sociais com os espanhóis, outra entrevistada nativa afirma que de um modo geral, as relações entrem diferentes grupos costumam ser boas em Gibraltar, e que alguns espanhóis quando estão em Gibraltar surpreendem-se com a passividade dos gibraltarinu, pois quando há muitos atrativos em determinados períodos e tensões políticas causadas pela disputa da soberania de Gibraltar, os gibraltarinu nunca causam nenhuma hostilidade e afronto aos espanhóis que se encontram no seu território.

*“Aqui nunca houve nenhuma manifestação contra a entrada de espanhóis. Ao contrário, aqui há muitas famílias que estão integradas com eles e todos se dão bem. Eu mesma tenho um sobrinho que está casado com uma rapariga espanhola que vem da La Línea.”* (Mulher, 69, enfermeira, gibraltarina, pai gibraltarinu de origem judaica, mãe espanhola).

A percepção dos entrevistados/as residentes não-nativos em relação ao convívio social parece ser bastante dinâmica. Quase todos afirmam que, para além de contactarem com pessoas com as quais possuem mais afinidades pelas suas relações familiares ou laborais, também estão com pessoas de outras culturas, incluindo os próprios gibraltarinu. Um residente, de origem indiana, que vive há 28 anos em Gibraltar, afirma que para além de frequentar a comunidade indiana, embora não partilhem a mesma religião, também tem muitos amigos gibraltarinu:

*“Tenho muitos contactos com a comunidade indiana, mas a maioria dos meus amigos é da religião hinduísta, no entanto, sou católico. Eles têm um templo aqui eu ajudo muito a comunidade indiana nas tarefas e festas religiosas. Também tenho muitos amigos gibraltarinu, saio muito com eles para jantar. Vivo aqui muitos anos...então conheço todo o mundo.”* (Homem, 49 anos, comerciante, indiano, mãe indiana de origem portuguesa, pai indiano).

Outra entrevistada residente de origem dominicana costuma frequentar um grupo de amizades de desporto de várias culturas diferentes: *“Tenho muitas amigas no ginásio que frequento. Somos um grupo, algumas amigas são de Gibraltar, outra da Índia, outra é árabe, ou seja, de várias nacionalidades e temos uma convivência muito boa. São as pessoas que*

*mais convivo, sempre fazemos alguma coisa e tomamos um café uma vez por semana.*” (Mulher, 37 anos, empresária, dominicana, pai dominicano origem libanesa, mãe dominicana).

Outra residente de origem indiana também frequenta grupos de pessoas de diferentes grupos culturais e por questões profissionais é obrigada a frequentá-los. Também ressalva o facto de viver há tanto tempo em Gibraltar e de ser uma pequena “comunidade”: *“Logicamente acaba-se por conhecer muitas pessoas de diferentes comunidades.”* (Mulher, 40 anos, diretora de empresa, indiana, mãe indiana, pai indiano).

Um residente de origem marroquina afirma que, para além de frequentar muito a comunidade marroquina de Gibraltar por ser marroquino, também frequenta outras pessoas de outras comunidades de pessoas de outros grupos culturais e religiosos: *“Tenho muitos amigos marroquinos por fazer parte da comunidade, e tenho muitos amigos gibraltarinos, hebreus e de tudo.”* (Homem, 74 anos, reformado, marroquino, pai marroquino, mãe marroquina)

Outra residente de origem alemã que trabalha como professora afirma: *“Tenho muitos amigos de várias comunidades. Muitas pessoas que são daqui, alguns ingleses, há muitos hebreus e índios também.”* (Mulher, 53 anos, professora, alemã, pai alemão, mãe russa).

Outro residente de origem israelita confirma também essa múltipla convivência: *“Eu vivo constantemente em contacto com muitas pessoas, de diferentes profissões, culturas, com pessoas que são daqui, de Espanha e de Marrocos também”*. Além disso, comentou que faz parte de um projeto cultural nomeado *Understanding Gibraltar*<sup>22</sup>, “Compreender Gibraltar”, onde procura divulgar a diversidade cultural de Gibraltar, assim como a harmonia e convivência que existe em Gibraltar entre os diferentes grupos culturais e religiosos: *“Na verdade, eu sempre fiquei bastante impressionado com a harmonia que há aqui. As pessoas aqui possuem a capacidade de aceitar os outros como eles são, pelo menos é o que se nota aparentemente quando se chega aqui.”* (Homem, 35 anos, advogado, israelita, pai francês, mãe francesa).

---

<sup>22</sup> *Understanding Gibraltar* é um movimento liderado por vários integrantes, nativos e residentes de Gibraltar que procura promover e divulgar a diversidade cultural e religiosa em Gibraltar como um paradigma no mundo. Informação disponível em: <https://www.facebook.com/understandinggibraltar/>

Em relação aos não-residentes ou trabalhadores transfronteiriços, também percebeu uma certa dinâmica, embora esses trabalhadores apenas uma convivência apenas de trabalho:

*“- Convivo mais com estrangeiros, ingleses europeus de toda Europa. Desde alemães, polacos, romenos, ingleses de tudo!*

*- E com os yanitos tens muitos contactos?*

*- Sim, mas nas empresas com que trabalho, tenho também amigas que são gibraltarinas, mas meus contactos são mesmo mais com estrangeiros.”* (Mulher, 52 anos, empresaria, inglesa, pai inglês, mãe inglesa).

*“Conheço muita gente em Gibraltar, e tenho contacto com todos os tipos de pessoas, sobretudo, mais jovens, eu convivo mais com gibraltarinos (...) na verdade, tenho mais convivência com pessoas de Gibraltar do que com pessoas daqui em La Línea.”* (Mulher, 62 anos, profissional de limpeza, espanhola, pai espanhol, mãe espanhola).

Tratando-se dos três perfis de entrevistados/as, tanto nativos gibraltarinos, como residentes e não-residentes, constatamos que o convívio social com outros grupos costuma fazer parte da convivência diária de quase todos os entrevistados. E nenhum deles demonstrou uma maior preocupação em termos de atritos ou desconforto em frequentar grupos de diferentes culturas. Nas suas narrativas os nativos relatam mais as suas frequentações no passado, enquanto os residentes e não-residentes mais por motivos de trabalho e convívio social.

#### **4. Sobre a convivência cultural e formas de integração**

Devido à grande diversidade cultural em Gibraltar, decidiu-se também questionar a questão da convivência e integração. Procurou-se apurar se existe ou se sempre houve uma certa harmonia em Gibraltar e, sobretudo, se existe algum tipo de atrito cultural entre eles, ou diferenças entre os distintos grupos sociais.

Entre os nativos gibraltarinos, alguns deles confirmam a existência dessa harmonia e de uma certa integração entre todos eles, como é o caso de um entrevistado que entende que

existe muito mais harmonia em Gibraltar do que em muitos outros locais do mundo em que existem confrontos. (Homem, 73 anos, arquiteto, gibraltarinho, pai origem judaica, mãe espanhola).

Outro entrevistado nativo refere: *“Penso que Gibraltar é um exemplo no mundo. Eu digo a qualquer um que queira vir até aqui, para ver pessoalmente de como vivemos aqui e como somos.”* (Homem, 61 anos, advogado, gibraltarinho, pai gibraltarinho origem francesa, e mãe gibraltarina origem judaica).

Não somente os gibraltarinhos nativos entrevistados, mas os residentes não-nativos parecem perceber a existência dessa harmonia. Alguns argumentam que isso se deve ao facto de Gibraltar ser um território de pequena dimensão, o que obriga a conviver mais uns com os outros: *“Acho que sim, há muita harmonia, as pessoas são muito comunicativas. O facto de ser uma pequena comunidade evita os atritos uns com os outros e isso é muito bom!”* (Mulher, 40 anos, diretora de empresa, indiana, mãe indiana, pai indiano).

Outra residente confirma a mesma percepção da anterior: *“Quando caminhas pela rua principal, vês sempre os judeus a falar e a conversar com os muçulmanos e católicos, nota-se que se falam entre si, conversam, cumprimentam-se entre si. É que param e falam entre eles, e não cumprimentam apenas, pois percebe-se que eles se conhecem e que há um contacto entre eles.”* (Mulher, 37 anos, empresária, dominicana, pai dominicano origem libanesa, mãe dominicana).

Uma das entrevistadas residentes acredita que a harmonia de Gibraltar decorre da presença e o convívio de várias culturas no mesmo espaço, como a conceção de uma “Europa” de verdade: *“Sim, acredito que há muita harmonia, que aqui é como uma Europa de verdade, várias culturas, religiões e todos conseguem viver em harmonia.”* (Mulher, 53 anos, professora, alemã, pai alemão, mãe russa)

Outro residente de origem indiana, que vive há muito tempo em Gibraltar, também afirma que é muito difícil ter problemas entre “comunidades”: *“Aqui todos são muito unidos. Os hebreus, os marroquinos, e indianos, a maior comunidade aqui são os hebreus. É muito difícil ter problemas de comunidades, só tem problemas com Espanha e Inglaterra, mas aqui dentro não há problemas.”* (Homem, 49 anos, comerciante, indiano, mãe indiana de origem portuguesa, pai indiano).

Um dos entrevistados, que é também residente, tem a percepção de que a realidade vivida em Gibraltar é algo de único, como podemos constatar através da perspectiva: *“Comparando a história dos judeus na Europa e comparando a história dos judeus em Gibraltar, pode dizer-se que há algo incrível. Sem contar que Gibraltar também se constitui por várias ondas de imigração, quer seja europeia ou de outras origens, africana ou indiana. De modo geral, após uma geração, os descendentes de imigrantes tornam-se gibraltarinos e já são integrados.”* (Homem, 35 anos, advogado, israelita, pai francês, mãe francesa).

Uma das entrevistadas não-residentes que é trabalhadora remete para a convivência multicultural:

*“- Sim, totalmente, é multicultural. Gibraltar faz-me lembrar Melilha.*

*- E porquê?*

*- Porque têm as quatro culturas totalmente felizes sem brigas e conflitos. Em Gibraltar a mesma coisa, aí vivem também as quatro culturas. Estão os hebreus, os cristãos, os índios e os muçulmanos, e Melilha está rodeada por um forte assim como Gibraltar e também há as quatro culturas. E além disso há pessoas que vêm de todas as partes trabalhar em Gibraltar.”* (Mulher, 62 anos, profissional de limpeza, espanhola, pai espanhol, mãe espanhola).

Em contrapartida, há aqueles que não acreditam que exista tanta harmonia assim, no entanto, reconhecem que não existe algum tipo de atrito ou conflito grave entre os grupos culturais e religiosos. Alguns dos entrevistados, um nativo e outro não-residente, acreditam que a comunidade judaica está atualmente distanciar-se mais dos demais, diferente do que era no passado, e que, talvez por influências externas estão tornando-se mais extremistas.

*“O problema é que a comunidade hebreia mudou muito, agora ficou muito ortodoxa, antes não eram, íamos para a escola todos juntos. Agora há as escolas do governo que são públicas e as privadas que pagam a comunidade hebreia para que as crianças hebreias não se misturem. É que antes estávamos todos juntos, os indianos, os hebreus.”* (Homem, 68 anos, reformado, gibraltarinu, pai gibraltarinu de origem portuguesa, mãe gibraltarina).

*“Eu pessoalmente nunca tive nenhum problema com ninguém, mas eu sei que há um grupo muito fechado entre os judeus, os seus comércios e lojas, são muito fechados e não deixam ninguém entrar sem autorização.” (Homem, 44 anos, contabilista, inglês, pai espanhol, mãe espanhola).*

Uma das entrevistadas não-residente acredita que existem algumas tensões com os gibraltarinóis em relação aos ingleses e espanhóis e, por isso, querem ser realmente britânicos.

*“Pessoalmente, acho que alguns gibraltarinóis, talvez, tenham algum problema de identidade, porque não se sentem nem espanhóis nem ingleses, querem ser britânicos. Eu não tenho nenhum problema com eles, mas vou dar-te um exemplo. Tu estás a falar com um gibraltarinol, e eu digo: que inglês mais bonito falas”, e ele responde-me: Não me chamas de inglês! Entendes! Quando vês a votação do referendo, eles queriam ser britânicos.” (Mulher, 52 anos, empresaria, inglesa, pai inglês, mãe inglesa).*

Outro entrevistado não-residente acredita também que haja alguma tensão entre os gibraltarinóis e os ingleses. Que alguns ingleses que vão viver para Gibraltar se sentem superiores ao olharem para Gibraltar como uma colónia:

*“- Bom, penso que existem algumas diferenças na maneira de ser entre os gibraltarinóis, vamos falar das pessoas locais, aqueles que nasceram ali, e depois existem os gibraltarinóis importados, são os ingleses que vêm da Inglaterra, e apesar de já estarem lá já há muitos anos tem ainda um bocado de complexo de colonizador. Olham para Gibraltar como uma colónia e, neste sentido tem ainda algum complexo de superioridade.*

*- E percebe-se isso facilmente?*

*- Não, é subtil, mas nota-se. Qualquer gibraltarinol fala o espanhol, já se nota isso, e os ingleses não falam. Até entre eles falam o espanhol, acredito que até preferem. E depois também tem o comportamento. Mas, em geral, é uma comunidade aberta, e acho que religiosamente também tolerante.*

*- Então, apesar dessas diferenças acredita que mesmo assim há uma integração?*

*- Sim, sem dúvidas. Existem três religiões maiores, a católica e a protestante, depois os muçulmanos, os judeus, e ainda existem os hindus e os Bahaí e vivem todos em harmonia. É muito interessante!” (Homem, 41 anos, contabilista, português, pai angolano, mãe portuguesa).*

Tratando-se ainda da questão da existência de atritos, uma das entrevistadas que também é residente abordou o tratamento diferenciado dos marroquinos, mas que era antigamente e que hoje parece haver mais integração com eles.

*“Há muita harmonia, como certamente há tensões também, como não somos perfeitos é normal isso. Mas em geral há uma boa convivência aqui. Não vou dizer que nunca houve nada aqui. Houve uma época que existia um certo atrito entre algumas pessoas daqui e os marroquinos, agora não. Há muitos marroquinos que já são gibraltarinos. O meu noivo é um marroquino, mas aqui há um estigma a respeito dos marroquinos que já está mudando, porque há uma nova geração deles que está muito mais integrada.”* (Mulher, 26 anos, arquiteta, iraniana, pai iraniano, mãe iraniana).

Um dos entrevistados de origem marroquina que é residente, e esteve na liderança do movimento pela luta dos direitos dos trabalhadores marroquinos, e narrou a sua luta pessoal para conseguirem os mesmos direitos e, pouco a pouco, conseguiram ter acesso aos mesmos direitos que os demais gibraltarinos. Afirma este entrevistado que a luta da conquista foi dura mas acabaram logrando seus direitos.

*“Em 69 quando fechou a fronteira tiveram que contratar trabalhadores marroquinos porque não havia mais espanhóis, mas os contratos que fizeram com eles eram bastante limitado e muito ruim. Tanto o governo de Gibraltar, quanto o governo britânico, não imaginavam que a fronteira ficaria tanto tempo fechada. Então esses contratos eram provisórios e renováveis e quando terminavam tinha-se de voltar para o Marrocos. Eles faziam isso para que os marroquinos não adquirirem direitos. Também havia um problema de idioma, nem todos falavam espanhol, alguns deles, só falavam o árabe. Então, como eu fazia parte do movimento pró trabalhadores de Marrocos, eu era como um guia, um intermediário entre o trabalhador e o governo. Era um trabalho duríssimo, na verdade a situação em Gibraltar era bem diferente de agora, e ao mesmo tempo é como se fosse um quartel militar, pois era uma base militar, se não tinhas trabalho não podias viver aqui.”* (Homem, 74 anos, reformado, marroquino, pai marroquino, mãe marroquina).

No entanto, este entrevistado não considera que a luta pelos direitos seja um atrito de comunidade, porque, afinal, sentiu-se recompensado pelo governo de Gibraltar: “- Já alguma vez já teve algum problema com alguém por questões culturais ou religiosas

*em Gibraltar? Embora já tenha contado sua história de luta e participação como presidente da associação dos direitos marroquinos, fora isso teve algum atrito de outra ordem?*  
 - Não, a minha luta, digamos era uma luta limpa, eu respeitava aos governantes, porque eles defendiam os interesses dos habitantes de Gibraltar, e eu defendia os direitos do meu povo que trabalhava aqui, que pagavam os seus impostos e também deveriam ter os mesmos direitos, mas nunca foi um conflito pessoal. Cheguei até a ganhar uma medalha de honra pelo meu trabalho e pela minha luta por minha comunidade. Fizemos sempre manifestações sem violência e dentro do respeito.” (Homem, 74 anos, reformado, marroquino, pai marroquino, mãe marroquina).

O mesmo entrevistado também chegou a comentar que, com o aumento de trabalhadores e residentes de origem marroquinas, o governo de Gibraltar acabou por ceder um local para que eles pudessem construir uma mesquita para que seus companheiros pudessem realizar os seus cultos religiosos.

Outro residente acredita que há menos integração entre aqueles que vêm simplesmente trabalhar em Gibraltar e que não partilham tanto as suas relações culturais com eles. *“Sim, acredito que, em geral, sim, há harmonia. Mas penso que alguns empregados de certos setores, particularmente alguns estrangeiros, na minha opinião, não estão tão integrados com a comunidade aqui. Quando frequentam lugares como bares e restaurantes sempre vão sempre a Espanha. Neste setor, não vejo muita integração.”* (Homem, 53 anos, funcionário da câmara do comercio, inglês, pai inglês, mãe inglesa).

Sobre a convivência cultural e formas de integração pode-se constatar que, dentro dos três perfis entrevistados/as, tanto nativos, residentes e não-residentes, as narrativas são emitidas conforme o percurso social e a vivência de cada entrevistado.

Alguns deles chegaram a mencionar o facto de a comunidade judaica se ter condicionado ultimamente, estando mais isolada dos demais por influências externas. Mencionaram-se também as dificuldades de integração da comunidade marroquina devido às dificuldades de conquista dos direitos sociais. Ao mesmo tempo, reconhece-se o esforço por parte do governo em querer integrar a comunidade marroquina, e que hoje a integração hoje é muito maior do que antes, podendo concluir o esforço até mesmo do próprio governo para que todas as comunidades estejam integradas. Um dos entrevistados confirmou a

importância da história da integração da comunidade judaica, comparando com outros lugares do mundo.

Diante da percepção das narrativas dos entrevistados, admite-se que há harmonia entre os distintos grupos, tanto religiosos, entre judeus, árabes e católicos, como os demais grupos culturais. Alguns entrevistados evidenciaram que chega ser algo até excepcional por Gibraltar ser um lugar de tão pequena dimensão física.

## **5. Gibraltar: sociedade em constante transformação**

A sociedade gibraltarina sempre esteve em constantes transformações sociais, desde o início da sua história até aos dias atuais. No entanto, nestas últimas décadas, as mudanças têm sido mais significativas no campo social e económico.

Neste tópico, procurou-se conhecer como era antes Gibraltar e identificar as transformações verificadas através das experiências de vida e dos percursos pessoais de cada um dos entrevistados. Interessou-nos saber se houve mudanças e se essas mudanças foram expressivas ou se trouxeram algo significativo para as suas vidas, e qual a avaliação que fazem dessas mudanças. Um dos entrevistados que é residente, e responsável pela Câmara do Comércio de Gibraltar acredita que Gibraltar mudou muito fisicamente com as novas construções, novos edifícios, e que os últimos 15 anos as mudanças foram consideráveis, sobretudo no que respeita a investimento financeiro.

Também acredita que, em termos de sociedade, Gibraltar está cada vez mais multicultural:

*“- Mas em Gibraltar sempre houve uma história de diversidade de cultura?”*

*- Sim, verdade, mas nunca como nestes últimos anos, parece muito mais concentrada agora. Talvez, há 15 anos existiam 2 ou 3 restaurantes internacionais. Agora há muito mais e bastante diversificado.”* (Homem, 53 anos, funcionário da câmara do comércio, inglês, pai inglês, mãe inglesa).

As narrativas variam também de entrevistado/a para entrevistado/a, dependendo do percurso e da experiência de cada um, embora a maioria relate que as mudanças foram positivas, sobretudo os nativos que pertencem a uma faixa etária mais velha, por terem vivido mais tempo em Gibraltar, relatam de forma mais expressiva essas mudanças. Um nativo narra que a vida era muito dura anteriormente.

*“Agora está muito melhor, não te esqueças que nasci aqui, como os meus pais e os meus avós. A vida foi muito dura quando a população teve de ser evacuada na Segunda Guerra Mundial e Gibraltar se transformou em uma fortaleza militar. Quando os habitantes voltaram, começou a construção de Gibraltar em todos os sentidos. Agora temos a nossa própria constituição, e a Inglaterra só intervém em assuntos de segurança, como não podia ser de outra maneira. Somos praticamente autossuficientes e não recebemos praticamente nada do Reino Unido. Com certeza as coisas melhoraram sobretudo com o tempo moderno, as coisas estão muito melhores.”* (Homem, 68 anos, reformado, gibraltarinho, pai gibraltarinho de origem portuguesa, mãe gibraltarina).

Outra nativa também comenta que as mudanças foram significativas para ela: *“Acredito que sim, mudou e muito! Quando era pequena, aqui, vivíamos aqui em oito irmãos e tínhamos dois quartos, eram muitas camas, umas em cima das outras. Não tínhamos água corrente, tínhamos que pegar água de uma bomba de um poço de fora. A vida de trabalho era muito dura para as mulheres. Hoje a vida está muito mais fácil para nós. Então, muita coisa mudou de lá para cá? Bastante, melhorou muito!”* (Mulher, 69, enfermeira, gibraltarina, pai gibraltarinho de origem judaica, mãe espanhola).

Um entrevistado nativo acredita que os fundamentos e as boas intenções não mudaram, ao contrário, com o passar do tempo tem a impressão de que as pessoas estão mais unidas. Também mencionou que ocorreram certas mudanças económicas e sociais. Antes existia mais distinção entre as classes sociais: *“Antes existiam famílias tradicionais, mas agora parece que tudo está muito misturado. Parece que hoje todo mundo ganha dinheiro, e claro as mulheres hoje em dia quase todas trabalham.”* (Homem, 61 anos, advogado, gibraltarinho, pai gibraltarinho origem francesa, e mãe gibraltarina origem judaica).

Os entrevistados/as residentes também confirmam essa mudança, assim como o crescimento económico, tratando-se de comércio local e prestações de serviços.

*“Sim, a mudança foi muito grande. Agora as coisas estão muito melhores, a comida, as ruas mais limpas, as lojas são melhores, a nível de trabalho também mudou muito, tudo parece que está muito mais internacionalizado, cosmopolita.”* (Mulher, 53 anos, professora, alemã, pai alemão, mãe russa).

*“Sim, mudou bastante, esta zona em que estamos agora antes não existia, houve uma mudança muito grande e em tudo, na construção e edifícios, na alimentação também, abriram muitos restaurantes, atividades para as crianças.”* (Mulher, 37 anos, empresária, dominicana, pai dominicano origem libanesa, mãe dominicana).

Outra entrevistada não-residente que vivenciou vários períodos em épocas diferentes em Gibraltar narra que as mudanças foram importantes também na forma de pensar e na questão do trabalho: *“Antes era muito mais fechado, uma mentalidade muito diferente, comparando agora, houve muita modernização, muito trabalho. Em Gibraltar não falta trabalho, as coisas funcionam muito melhor, claro isso é graças ao mundo digital. Agora é melhor para gerenciar tudo, não era como antes.”* (Mulher, 52 anos, empresaria, inglesa, pai inglês, mãe inglesa).

Segundo um outro entrevistado melhorou a questão do controlo com as entradas e saídas em Gibraltar mas intensificou-se a quantidade de construções de habitação e aumentaram os preços.

*“Algumas coisas estão melhor. Mas quando cheguei cá há 9 anos o problema da fronteira era pior, havia muita confusão, lentamente está a melhorar o problema de controlo e da fila. Acho que o que está a piorar em Gibraltar é que se está a se construir demasiadas, habitações a preços que os trabalhadores normais não podem pagar, uma construção de luxo, o que está trazer problemas a nível ecológico. É um sítio onde não há limites de carros, entram demasiados carros em Gibraltar.”* (Homem, 41 anos, contabilista, português, pai angolano, mãe portuguesa).

Os motivos das mudanças narradas pelos entrevistados/as variam entre nativos, residentes e não-residentes, conforme o percurso da sua história pessoal e dos seus vínculos com Gibraltar mas conclui-se que essas mudanças, sobretudo no desenvolvimento económico e social nestes últimos tempos, foram relevantes. A distribuição de poder e riquezas, diminuindo as diferenças com o aumento do comércio, a diversificação cultural, as

melhorias de qualidade de vida e trabalho, o aumento de prestações de serviços e comércios locais, o sistema de controlo fronteiriço permitindo maior flexibilidade na fronteira.

Por outro lado, alguns deles demonstraram preocupação com a excessiva construção de edifícios e com o aumento nos preços das habitações, assim como o acréscimo de circulação de veículos sem nenhum controlo.

## **6. A particularidade do Yanito: entre o espanhol e o inglês**

A particularidade da palavra “yanito” ou “llanito”<sup>23</sup> considerando que ambas as grafias são aceites, como já foi referido neste estudo, que consiste num bilinguismo, ou ainda numa diglossia, na qual se utiliza um câmbio de código entre os dois idiomas, neste caso, o uso do inglês e do espanhol ao mesmo tempo, no intuito de afirmar uma identificação entre ambas as culturas, e diferenciando-se, desse modo, dos ingleses e espanhóis.

Muitos residentes provenientes de outros lugares e não-residentes referem-se aos gibraltarinhas como os yanitos, normalmente essa referência é atribuída não só aos nascidos em Gibraltar, mas àqueles que dominam os dois idiomas, o inglês e o espanhol.

Procurou-se saber se “ser yanito” é apenas uma maneira específica de falar, ou se também é uma forma diferente de ser, de se comportar perante os demais grupos culturais. Tentou-se averiguar se o yanito é falado entre nativos, com que frequência é falado e o que pensam os demais entrevistados sobre o “ser yanito”, mas também existem aqueles que dominam os dois idiomas, tanto o espanhol como o inglês, e que também se consideram yanitos.

Para aprofundarmos melhor esta questão, questionou-se qual o idioma que se costuma falar mais e com quem, se entre amigos, na família, no trabalho, nos contactos

---

<sup>23</sup> Ver no capítulo 3.4 sobre a questão do bilingüismo.

sociais do dia-a-dia e quando é que usa mais um ou outro com aqueles que nasceram em Gibraltar.

Tratando-se dos nativos, como podemos verificar pelos seguintes depoimentos é frequente o uso de mais do que uma língua no seio das famílias, dependendo da origem dos familiares, inglesa ou espanhola: ” *Depende de quem seja da minha família. Por exemplo, com a minha avó e com a minha mãe falava o inglês o tempo todo, e com a minha outra avó falava o espanhol. Na minha casa falava-se os dois, e com meus filhos também*”. (Homem, 70 anos, reformado, gibraltarinho, pai espanhol e mãe inglesa).

Outro nativo afirma que, como passou muitos anos a estudar fora, não conseguiu captar o yanito, ou seja, a mistura dos dois, mas é fluente em espanhol e inglês.

*“Devido à minha ausência tão longa de Gibraltar, desde os 11 anos até os 25 anos, não conseguir captar o yanito da rua, o que falava era o espanhol da casa da minha mãe, era o das suas empregadas de casas, suas amigas, e o inglês, que tinha na escola e logo no trabalho. Bom, eu me comunico muito em castelhano e em inglês, talvez fale melhor o inglês.”* (Homem, 73 anos, arquiteto, gibraltarinho, pai origem judaica, mãe espanhola).

Outro nativo também costuma falar mais o inglês mas é fluente em espanhol:

*“- Obviamente para mim o inglês é mais cómodo, e estou sempre a utilizar algumas palavras misturadas. Os meus pais sempre foram muito insistentes, para que disséssemos as palavras bem pronunciadas.*

*- Mas em casa falava com os seus pais em que idioma?*

*- Os dois, o inglês e o espanhol. Como a minha avó também falava em espanhol.”* (Homem, 61 anos, advogado, gibraltarinho, pai gibraltarinho origem francesa, e mãe gibraltarina origem judaica).

Outra nativa também justifica o mesmo motivo, dependendo como são as conjugações familiares, fala-se mais um ou outro:

*“- Na minha casa falo sempre o inglês, porque o meu marido é escocês. Às vezes, eu falo com ele algumas palavras ou algumas coisas em espanhol, ele entende, porque já vive cá há muito tempo, mais de 32 anos.*

*- Mas ele fala espanhol?*

- *“Chapurrar”<sup>24</sup>, mas no meu dia-a-dia é o inglês mesmo. Agora quando estou com as minhas amigas falamos em inglês e, logo em seguida, passamos para o espanhol e também falamos algumas palavras que temos aqui em yanito.”* (Mulher, 69, enfermeira, gibraltarina, pai gibraltarino de origem judaica, mãe espanhola).

Entre os residentes, sobretudo os que já estão há muito tempo no território e dominam ambos os idiomas, tanto o inglês quanto espanhol, sentem-se à vontade ao serem comparados com os yanitos: *“Falo inglês e espanhol, e quando falo com os yanitos falamos juntos o inglês e o espanhol, porque vivo aqui há quase 28 anos, mesmo que só tenha o passaporte e a nacionalidade britânica há 5 ou 6 anos. Sinto-me um gibraltarino, todos meus amigos me dizem que sou yanito. Sempre que falo com eles, falo como ele, em inglês e espanhol”.* (Homem, 49 anos, comerciante, indiano, mãe indiana de origem portuguesa, pai indiano).

Outra residente, que é de origem iraniana e se considera gibraltarina, reconhece a necessidade de falar o espanhol em Gibraltar:

*“Falo muito mais o inglês, mas preciso do espanhol as vezes, há muitas pessoas que não falam o inglês, e há muitas pessoas que gostam de falar o espanhol.*

- *E o yanito quase não falas?*

- *Sim, falo, às vezes falo sim, quando estou com os gibraltarinos. Às vezes sai espontaneamente algumas palavras em espanhol, normal!”* (Mulher, 26 anos, arquiteta, iraniana, pai iraniano, mãe iraniana).

Outro residente, que é de origem inglesa, reconhece que falar o yanito, ou os dois ao mesmo tempo é bastante difícil de articular e que há realmente um câmbio de códigos culturais subjacentes a cada um dos idiomas:

*“- No meu trabalho e no meu dia-a-dia é o inglês, e quando posso, se necessito e se há algum membro da câmara que prefere falar yanito, tento falar com ele. Mas o yanito é muito difícil de falar.*

- *É difícil saber como eles utilizam as palavras entre o espanhol e o inglês?*

- *Sim, porque que não há regras, é quase um “patoá”, é muito difícil.*

- *Como uma diglossia?*

---

<sup>24</sup> A palavra “Chapurrar” em espanhol significa falar um idioma com dificuldade. Informação disponível em: <https://es.thefreedictionary.com/chapurrar>

- *Sim, mas eles ainda criam novas palavras, por exemplo se uma caneta não funciona, eles dizem “essa caneta não trabalha” por influência do inglês*. (Homem, 53 anos, funcionário da câmara do comercio, inglês, pai inglês, mãe inglesa).

Outro entrevistado residente, de origem marroquina, afirma que nunca precisou de aprender o inglês e sempre utilizou o espanhol, tanto no trabalho como em todas as suas relações de amizades.

*“- Falo espanhol, aqui sempre falei espanhol, falo o árabe também, o inglês falo muito pouco.*

*- Então nunca precisou do inglês aqui?*

*- Não, porque os meeting eram em espanhol.*

*- Bom, a palavra meeting já é uma palavra inglesa!*

*- Verdade, acho que falo um pouco yanito, sim!”* (Homem, 74 anos, reformado, marroquino, pai marroquino, mãe marroquina).

Uma das entrevistadas, que é residente que e tem filhos em fase escolar, comenta que se preocupa que as filhas falem os dois idiomas ao mesmo tempo e que prefere que falem os dois idiomas mas sem misturá-los, como costuma acontecer com o yanito.

*“No dia-a-dia não te dás contas. Claro quando se trata de algum benefício do governo, sim dás-te conta. Por exemplo, as minhas filhas têm uma rotina e uma vida como qualquer outro que nasceu aqui, falam o inglês e o espanhol. Nós evitamos que elas falem os idiomas juntos, não gostamos disso, se por exemplo, se fores a Inglaterra e começares a misturar e colocar algumas palavras em espanhol obviamente não vão te entender. Às vezes na escola, quando os professores estão a explicar algo aos alunos começam a falar yanito. Quando minha filha começava a falar inglês em casa e colocar alguma palavra em espanhol, como (bueno)! Eu dizia não, (bueno) é espanhol. Foi difícil tirar isso delas.”* (Mulher, 37 anos, empresária, dominicana, pai dominicano origem libanesa, mãe dominicana).

Também se tentou averiguar com os não-residentes, ou seja, aqueles que somente trabalham em Gibraltar, se costumam falar os dois idiomas ou se mais um ou outro. Uma das entrevistadas não-residente de origem inglesa admite que às vezes é necessário falar ambos os idiomas para se sentir mais à vontade com os gibraltarinos, uma vez que o seu trabalho implica muitos contactos com os órgãos públicos de Gibraltar.

“- Bom, falo em inglês quando estou com os meus clientes em Gibraltar e obviamente o espanhol aqui em Espanha, até porque o meu trabalho exige-me isso.

- Às vezes falas yanito com eles?

- Sim, às vezes, porque é melhor para ter contactos com eles, se chego em algum órgão público deles, e se falo um pouco dos dois, consigo ter uma melhor relação com eles. Se chego com um inglês puro já é diferente.

- E como inglesa, falas bem o espanhol, não é algo comum, não?

- Sim, e os ingleses não querem aprender o espanhol porque eles não precisam em Gibraltar, todos falam inglês.” (Mulher, 52 anos, empresaria, inglesa, pai inglês, mãe inglesa).

Outro entrevistado não-residente também costuma utilizar os dois idiomas:

“No trabalho falo inglês, é a língua oficial no trabalho. Mas como trabalho também com muitos gibraltinos também falo o espanhol.” (Homem, 41 anos, contabilista, português, pai angolano, mãe portuguesa).

Quanto à frequência em falar os dois idiomas, um dos entrevistados que é nativo reconhece que antes falava-se muito mais os dois idiomas e que agora se fala com menos frequência. Antes também havia muito mais casamentos com espanhóis e era mais comum ter uma avó ou bisavós que falassem o espanhol. Hoje há mais casamentos mistos com outras culturas, para além dos espanhóis.

“No tempo da minha avó todos falavam espanhol, não se esqueça que muita gente falava porque casavam com espanhóis tanto mulheres como homens. Existiam muitos casamentos com espanhóis, mas também havia muita gente que se casava com ingleses, por exemplo, os soldados ingleses, e se não voltavam mais, ficavam e ocupam postos em outros cargos do governo.” (Homem, 68 anos, reformado, gibraltario, pai gibraltario de origem portuguesa, mãe gibraltarina).

Outro nativo também lamenta que o yanito se esteja perdendo: “Eu acredito que o yanito está a perder-se. Antes, sim, falava-se muito mais. Não te esqueças que com a internet e as televisões hoje tudo é em inglês.” (Homem, 61 anos, advogado, gibraltario, pai gibraltario origem francesa, e mãe gibraltarina origem judaica).

Outro entrevistado que também é nativo afirma que o governo pretende implantar novamente o espanhol nas escolas desde cedo: *“O problema é que antigamente a maioria das mães era espanhola e os miúdos em casa aprendiam o espanhol, mas como as crianças hoje vão cedo para as escolas e lá só falam o inglês, já não falam mais o espanhol.”* (Homem, 70 anos, reformado, gibraltarinho, pai espanhol e mãe inglesa).

Outra nativa lamenta que o yanito esteja a perder-se e acredita que falar os dois idiomas é uma forma de se identificarem:

*“- É muito valioso ter os dois idiomas, tanto o inglês como o espanhol. Isso nos identifica e faz parte da nossa cultura. O espanhol pela convivência de estar perto da fronteira, da família.*

*- Mas fala sempre com seus filhos em espanhol?*

*- Não sempre, é que aqui é assim, começamos a falar espanhol e de vez em quando colocamos uma palavra inglesa, e vice-versa, é difícil dizer, com as minhas amigas também faço o mesmo. É que para nós é natural, vem sozinho!”* (Mulher, 69, enfermeira, gibraltarina, pai gibraltarinho de origem judaica, mãe espanhola).

Tratando-se da utilização do yanito, ou seja, o uso dos dois idiomas, espanhol ou inglês, ou por vezes misturados, como foi relatado nas narrativas dos entrevistados, tanto os nativos, como residentes e não-residentes, o yanito é utilizado com muita frequência em vários contextos sociais, como também no trabalho, embora o inglês seja o idioma oficial de quase todas as empresas em Gibraltar.

De acordo com a percepção dos nativos gibraltarinhos, o yanito está a perde-se com a superação do inglês sobre o espanhol devido à internacionalização do inglês, como também devido ao uso frequente da internet e à implementação do inglês desde cedo nas escolas, para além da diminuição dos casamentos entre espanhóis e gibraltarinhos. Também mencionam a possibilidade do regresso da implementação do espanhol mais cedo nas escolas, e acreditam que falar os dois idiomas é uma forma de identificação para os gibraltarinhos.

## 6.1 O ser yanito

No seguimento do mesmo tópico, ainda na questão da particularidade do yanito, procurou-se saber o que é ser yanito, se é simplesmente uma maneira de falar ou se é também uma forma de ser, e se os entrevistados se sentem britânicos ou yanitos.

Um dos entrevistados nativos tentou definir o que é ser yanito como uma forma de se identificar:

*“Ser yanito não é uma forma específica de falar, é uma forma de se identificar. Não somos ingleses, claramente. Os ingleses são anglos, vem da Dinamarca, e os saxões são germânicos (...) somos o que te expliquei. Uma feliz confluência de mediterrâneos ocidentais.”* (Homem, 73 anos, arquiteto, gibraltarinho, pai origem judaica, mãe espanhola).

Outro entrevistado nativo também tem sua própria significação do ser yanito: *“Yanito somos todos, é um nome que nos colocaram e nem se sabe de onde vem, mas culturalmente está a perder-se, até as pessoas que eram muito bem-educadas, antes sempre tinham uma palavra em yanito para dizer. E é muito difícil estar pensando em inglês e espanhol ao mesmo tempo, sempre estamos a procurar uma palavra em um idioma ou em outro.”* (Homem, 68 anos, reformado, gibraltarinho, pai gibraltarinho de origem portuguesa, mãe gibraltarina).

Para outro entrevistado também nativo, ser yanito é essa identificação que existe entre ambas culturas, a inglesa e a espanhola: *“Eu me identifico como um gibraltarinho mesmo, eu não posso ser de um lado e nem do outro. Tenho as duas culturas, o que é muito bom, eu posso cantar-te o “Tipperary”<sup>25</sup> como posso ao mesmo tempo cantar-te uma “copla flamenca”. Isso é o bonito de Gibraltar, é que temos essas duas culturas.”* (Homem, 70 anos, reformado, gibraltarinho, pai espanhol e mãe inglesa).

Outro nativo também acredita que não é apenas uma forma de se identificar. *“- Não, é somente uma forma de falar, é uma coisa real, sólida, particular como esta rocha que é nossa, e que somos britânicos ao mesmo tempo.”*

---

<sup>25</sup> Tipperary é uma antiga canção popular britânica de origem irlandesa que ficou famosa entre os militares do exército britânico.

- *Então sente-se mas yanito do que britânico?*

- *Uma combinação, às vezes sinto-me mais latino do que britânico, como um espanhol ou um mediterrâneo pode sentir-se também. Mas também tenho as minhas coisas inglesas. Somos únicos!”* (Homem, 61 anos, advogado, gibraltarinho, pai gibraltarinho origem francesa, e mãe gibraltarina origem judaica).

Para uma das entrevistadas nativas, ser yanita é sentir o que somos.

“- *O significado de yanito para mim é como tu te crias, é aquilo que é para um português, como tu, ou como um americano. Para mim ser yanito é assim, é aquilo que sentimos o que somos.*

- *Então para o significado de yanito para si, não é apenas uma forma de linguagem?*

- *Não, é uma forma de viver, porque os ingleses não vivem como nós, vivem diferentes, os espanhóis também não vivem como nós. Acho que é um cocktail de tudo.*

- *Então, se nasceu aqui, sente-se mais britânico ou mais yanito?*

- *Sinto-me yanita e também britânica, porque a minha bandeira vem do Reino Unido. Mas se me perguntam, de onde vens, eu digo, venho de Gibraltar. E se perguntam aonde está Gibraltar eu explico onde está e digo que somos britânicos.”* (Mulher, 69, enfermeira, gibraltarina, pai gibraltarinho de origem judaica, mãe espanhola).

Tentou-se averiguar também como os residentes que vivem em Gibraltar pensam sobre o que é ser yanito. Uma entrevistada também residente acredita que é uma mistura de dois idiomas, como se fosse um dialeto, e acrescenta que a influência cultural entre ambas culturas parece ser importante para eles. “*Parece um dialeto local. Se eu fosse gibraltarina eu estaria orgulhosa do meu idioma, eu não vejo porque eles não poderiam orgulhar-se da maneira que eles falam. Obviamente ser yanito é ser influenciado por ambas culturas.*” (Mulher, 40 anos, diretora de empresa, indiana, mãe indiana, pai indiano).

Um dos residentes ressaltou o facto de eles tratarem os dois idiomas como uma forma de comportamento diferente, como uma identificação cultural, ou seja, quando se fala em inglês comporta-se como um inglês, e quando se fala o espanhol comporta-se como um latino.

“*O yanito é um dialeto, quer dizer, permite que as pessoas se expressem de maneira quase que emocional. Por outro lado, tudo o que é administrativo, governo é tratado em inglês. E*

*tudo o que está ligado à emoção, à ideologia e às coisas mais íntimas em geral é tratado em espanhol. É uma maneira das pessoas se expressarem livremente, e como eles são bilingues há essa abertura e essa capacidade (...) Acho que é um automatismo, ligado a essa forma bicultural deles. Acho que não é uma contradição mas sim uma mistura, na verdade é uma expressão dessa mistura.”* (Homem, 35 anos, advogado, israelita, pai francês, mãe francesa).

Outro entrevistado, também é residente e casado com uma gibraltarina, comenta que há muitos significados em ser yanito, que eles sentem-se muito orgulhosos do ser yanito, e há muitas razões históricas e culturais para explicar o que é ser yanito.

*“- É algo diferente, pode-se escrever muitas linhas para o significado de yanito. Eles têm um sentimento de orgulho do seu povo, da sua história, um sentimento de lealdade aos ingleses, um pouco estranho, porque nem sempre os ingleses foram bons com eles. Fisicamente são latinos, mediterrâneos.*

*- Os definiria como britânicos mediterrâneos?*

*- Britânico, talvez, pela sua história, tradição, sistema de lei, por se sentirem estáveis e seguros. Eles têm um caráter inglês com um toque latino. É uma mistura que não se pode encontrar em nenhum outro lugar.*

*- E acredita que é por razões históricas ou culturais, económicas?*

*- Acho que um conjunto de tudo, quando os ingleses invadiram, e se instalaram aqui com a sua guarnição militar, vieram muitos comerciantes de outros portos, desde Malta, Génova, Barcelona, e muitos vieram com a sua família, com a sua cultura e as suas influências, por isso, eles não são daqui originalmente, eles são uma mistura de tudo isso que se adaptou à sua maneira.”* (Homem, 53 anos, inglês, funcionário da câmara do comércio, pai inglês, mãe inglesa).

Uma das entrevistadas não-residente, inglesa que já viveu em Gibraltar e tem muito contacto com os gibraltarinhas, acredita que deve ser difícil para eles poder identificar-se entre duas culturas.

*“- Acredito que eles têm uma disputa dentro deles com as suas identidades, basta olhar os apelidos e os nomes, antes eram mais espanhóis, agora são mais ingleses, às vezes muito misturados. Lembro-me dos meus amigos, dos seus pais e dos seus avós, alguns só falavam*

*espanhol, e muitos eram mesmo espanhóis. Isso deve ser um pouco confuso para eles agora, é normal e até entendo que deve ser uma confusão para eles.*

*- Talvez devido a essa forma de eles se sentirem tão diferentes, porque não se sentem espanhóis e nem ingleses, aceitam melhor outras culturas porque se identificam com elas?*

*- Quiçá, é uma forma interessante de os definir.” (Mulher, 52 anos, empresaria, inglesa, pai inglês, mãe inglesa).*

Pode-se perceber que o “ser yanito” para os nativos gibraltarinos parece ter um significado próprio, uma forma de se identificar, o que é percebível entre os residentes que afirmam o quanto eles se sentem orgulhosos em ser yanito, e reconhecem essa mistura cultural, que às vezes, chega a ser quase indefinida, e é percebível também para alguns não-residentes que acreditam que pode ser até difícil para eles assimilarem essa forma tão particular de ser.

## **7. Influências culturais gibraltarinas: miscigenação entre a cultura espanhola e britânica**

Tendo em conta que as principais influências culturais na sociedade gibraltarina, foram maioritariamente inglesa e espanhola, considerando a sua contextualização histórica, neste tópico, procurou-se entender se Gibraltar sofreu mais a influência espanhola ou inglesa, ou se é uma mistura das duas culturas. As narrativas sobre o assunto foram diversas, tanto dos nativos, quanto residentes e não-residentes. Falou-se desde comida, costumes, música, sistema políticos até comportamentos e maneiras de ser.

Um dos entrevistados que é nativo acredita que, em certos aspetos, antes a cultura gibraltarina antes era mais espanhola, e que após o fechamento da fronteira em 1969 tornou-se mais inglesa, sobretudo com o avanço e dos meios de comunicação e com a abertura da *internet*.

*“- Então, acha que a influência espanhola antes era maior que agora?*

*- Sim, acho que nos sentimos mais britânicos agora, desde que chegou a internet, os canais de televisão, percebemos como somos britânicos e como estamos conectando com nossa*

*mãe pátria, antes tínhamos mais influência da cultura espanhola.*” (Homem, 61 anos, advogado, gibraltarinho, pai gibraltarinho origem francesa, e mãe gibraltarina origem judaica).

Outro entrevistado nativo afirma que o sistema de ensino e de educação também influenciou para que a cultura seja mais inglesa:

*“A juventude se educou em inglês, a partir do ano 20, inclusive nós também. Mas a juventude agora, a partir de 1988 pode ir para as universidades inglesas, porque a Espanha não quis participar na educação dos gibraltarinhos. Teve a sua oportunidade, mas nunca quis. Então, a formação, e a educação e a cultura de Gibraltar hoje tornaram-se mais britânicas, e mais inglesas.”* (Homem, 73 anos, gibraltarinho, arquiteto, pai origem judaica, mãe espanhola).

Outra entrevistada nativa opina que são ambas culturas também, mas depende de quem seja, se vive mais num ambiente latino ou num britânico.

*“- Acredito que um pouco dos dois. Depende de quem seja, de quem perguntas. Há certas pessoas que têm mais contacto com a Espanha, outras, mais com Inglaterra. Varia muito.*

*- Conforme com a sua convivência também?*

*- Sim, exatamente. Por exemplo, eu tenho o meu marido que é escocês, vivo mais na cultura britânica. Quando coloco a televisão em espanhol lá em casa, é somente para escutar as notícias em Espanha. A maioria das vezes é a BBC e as televisões inglesas.”* (Mulher, 69, enfermeira, gibraltarina, pai gibraltarinho de origem judaica, mãe espanhola).

Na perspetiva de uma entrevistada residente, são ambas as influências, e pode-se observar-se em diferentes aspetos: nos aspetos das instituições governamentais e nas formas de trabalho é mais o inglês que se constata, enquanto na comida e na maneira de se vestir, a influência é mais espanhola.

*“- Acredito que um pouco de tudo, talvez metade de uma e de outra, para certas coisas mais a cultura espanhola, para outras mais a cultura inglesa. A comida é mais espanhola, mas a forma de trabalhar é mais inglesa.*

*- Mas o que acha que é mais inglesa ou mais espanhola, como a comida falou que era espanhola?*

*- A forma de vestir, também essa forma mais calorosa de falar, o trato com as pessoas.*

*Inglesa, não sei, mas coisas do governo, as leis são mais parecidas com a Inglaterra.”*  
(Mulher, 37 anos, empresária, dominicana, pai dominicano origem libanesa, mãe dominicana).

Outra entrevistada, mulher, 40 anos, diretora de empresa, indiana, mãe indiana, pai indiano, residente reconhece também essa duplicidade. Por um lado, o desejo do gibraltarinho ser britânico do ponto de vista político, e por outro, do ponto de vista cultural, há uma maior influência da cultura espanhola: *“Um dos bons exemplos é a cozinha, vejo-os a cozinhar de maneira própria, enquanto os britânicos só comem comidas pré-feitas, e pré-fabricadas. Acredito que há uma boa mistura das duas culturas.”*

Outra residente ainda confirma essa mistura entre as duas, mas refere que há diferença no comportamento. E acredita que os gibraltarinhos são mais latinos do que ingleses.

*“- É uma mistura de tudo, mas acredito que a mentalidade aqui é mais espanhola, são mais latinos. Nota-se a diferença entre eles, os ingleses comportam-se de forma diferente. Os ingleses bebem mais, gostam muito do sol, etc., e os yanitos não são assim, comportam-se mais como os latinos.*

*- Mas são diferentes dos espanhóis?*

*- Sim, são diferentes. Digamos que é realmente uma mistura. Eu gosto disso.”* (Mulher, 53 anos, professora, alemã, pai alemão, mãe russa).

Outro entrevistado não-residente mencionou que no âmbito mais formal e no trabalho assemelha-se mais ao modelo inglês, enquanto na convivência informal, é mais próxima da espanhola.

*“Uma mistura das duas, depende, por vezes, a convivência informal é mais espanhola, mas na convivência profissional é mais britânicas. Mas no dia-a-dia, eu acho que são mais latinos e mais espanhóis.”* (Homem, 41 anos, contabilista, português, pai angolano, mãe portuguesa).

Por outro lado, um dos residentes associa a influência inglesa menos presente do que antes às questões políticas. Refere, ainda, que Gibraltar caminha pouco a pouco para a independência:

*“Eu penso que é cada vez menos inglesa, e penso também que o futuro de Gibraltar será determinado ou pela presença ou pela ausência da política britânica. Pode notar-se que, do ponto de vista histórico, a importância que tinha o governador há 60 anos, pois era uma figura considerável para Gibraltar, hoje é uma figura quase simbólica. Embora haja um excesso de identidade britânica por parte dos gibraltarinhas em função do ódio ou da rejeição que eles têm a Espanha, mas apesar de tudo, politicamente, a Inglaterra é cada vez menos presente. Na minha opinião, Gibraltar caminha-se para independência.”* (Homem, 35 anos, advogado, israelita, pai francês, mãe francesa).

A influência de ambas culturas, tanto espanhola como inglesa parece diferenciar-se em alguns aspetos segundo os entrevistados/as. Os nativos consideram que há uma influência inglesa maior nestes últimos tempos, comparando com antes do fechamento da fronteira que era mais espanhola, assim como com a internacionalização do inglês em termos de comunicação e com o sistema de ensino que oferece cursos em universidades no Reino Unido. Os residentes acreditam que são ambas das duas, para as questões formais, leis, governo e condições de trabalho é mais inglesa, e tratando-se do comportamento social, segundo os entrevistados/as, está mais associada ao espanhol, ou latino segundo alguns, no comportamento, na comida, no modo de se vestir e até mesmo na forma de ser.

## **8. Perspetiva sobre o futuro de Gibraltar**

Gibraltar vive a questão da definição de soberania desde o início da sua história. Como já pertenceu a Espanha há 300 anos e foi tomada pelos ingleses em 1704, no período colonial, Espanha sempre tentou reivindicar a soberania do seu antigo território. Este tema já foi abordado neste estudo na introdução em que referimos as várias tentativas de negociação da retomada do território entre os governos de Espanha e do Reino Unido, inclusive discutido muitas vezes perante as Nações Unidas e levado a constantes conflitos políticos, problemas fronteiriços, assim como gerado um sentimento de insegurança, sobretudo para aqueles que vivem no território gibraltarinhas.

Um dos objetivos do estudo foi apurar a perspectiva dos entrevistados/as em relação à pertença política e administrativa de Gibraltar e abrir a discussão sobre se entendem que deveria ser um território independente, continuar pertencendo ao Reino Unido ou voltar a ser território espanhol, como foi há 300 anos.

Quase todos os entrevistados/as defenderam que Gibraltar não deve voltar a ser espanhol. O facto é que a maioria acredita que Gibraltar deve ser britânico e apenas alguns cogitaram a possibilidade de ser talvez um dia independente.

A maioria dos nativos descarta a possibilidade de ser espanhol, acreditam que devem continuar a ser britânicos, sentem-se protegidos por eles e alguns afirmam a importância de continuar a ser britânicos. Também não acreditam na possibilidade de uma suposta independência, embora alguns o desejassem, reconhecem que não seria conveniente.

*“Acho que Gibraltar deveria ser britânico e devemos continuar com eles, porque somos muito pequenos e ao longo dos tempos não vai compensar.”* (Homem, 68 anos, reformado, gibraltarinho, pai gibraltarinho de origem portuguesa, mãe gibraltarina).

*“Devemos continuar pertencendo ao Reino Unido, esquece a independência. Eu pessoalmente penso que Gibraltar não pode ser independente e de Espanha menos ainda.”* (Homem, 70 anos, reformado, gibraltarinho, pai espanhol e mãe inglesa).

*“Gibraltar deve continuar pertencer ao Reino Unido, acho que devemos seguir sendo britânicos. Acho que somos o que somos graças ao Reino Unido, aos ingleses e o futuro de Gibraltar deve continuar a ser britânico. Eu não estaria aqui se não fosse por eles. Foram eles que nos formaram, é a dívida que temos e que não se paga. Eu pessoalmente não seria nada se não fossem as influências que tive deles.”* (Homem, 61 anos, advogado, gibraltarinho, pai gibraltarinho origem francesa, e mãe gibraltarina origem judaica).

*“Da minha parte gostaria de ser independente, mas aqui não podemos almejar isso, porque não temos condições, a única opção que temos é continuar pertencendo ao Reino Unido. Que Inglaterra nos continuem a proteger. Sabes, acredites ou não, em Inglaterra há muitos partidos que querem proteger-nos e defendem-nos muito bem.”* (Mulher, 69, enfermeira, gibraltarina, pai gibraltarinho de origem judaica, mãe espanhola).

Uma das entrevistadas residentes, que nasceu em Gibraltar e passou toda a sua vida no território gibraltarinho, acredita que deveria continuar sendo britânico e que a independência deixaria Gibraltar vulnerável.

*“- Espanha não, nunca foi. Ser independente, acredito que não vai funcionar, não estamos preparados para isso. Não é o ideal pertencer ao Reino Unido, acredito que Gibraltar deveria ter um plano mais independente do Reino Unido. Ao mesmo tempo, que há uma cultura própria que é muito diferente do Reino Unido, o problema é que ser independente nos deixaria muito desprotegidos e vulneráveis.*

*- Referes pela ameaça da Espanha?*

*- Não somente por isso, nos sentiríamos mais desprotegidos como pessoas ou como comunidade. Se não estamos conectados com algum país mais poderoso não nos sentiremos protegidos.”* (Mulher, 26 anos, arquiteta, iraniana, pai iraniano, mãe iraniana).

Outro residente de origem marroquina também descarta a possibilidade de Gibraltar ser independente, e também considera que Gibraltar deve continuar a pertencer ao Reino Unido.

*“Voltar para a Espanha, nunca. Independente, eu não acredito que deveria ser, eles já têm muita independência, mas acho que eles devem continuar sendo protegidos pelo Reino Unido.”* (Homem, 74 anos, reformado, marroquino, pai marroquino, mãe marroquina).

Outro entrevistado, também residente, considera que se Gibraltar vier a ser independente será um grande risco e que deve seguir sendo britânico.

*“- O maior risco para Gibraltar certamente é ser independente, o risco de exposição é muito grande para um lugar tão pequeno. Acredito que o mais seguro é continuar como está agora, dependendo do Reino Unido. No estatuto constitucional onde o governo britânico continua a proteger os nossos interesses, diplomaticamente e nos temas de defesa. Mas nas demais coisas é totalmente autónomo, com a sua legislação, imposto, orçamento.*

*- Mas essa independência acredita que não é relativa, quando apesar certas decisões como o Brexit? Os ingleses querem ou não estão tomando decisões por eles?*

*- Sim, temos influência, embora não temos uma cadeira na mesa.*

*- Então eles podem decidir sobre o futuro de Gibraltar?*

*-Sim, podem, mas o governo britânico tem um acordo em que não vai tomar nenhuma decisão sem antes discutir com o governo de Gibraltar.” (Homem, 53 anos, funcionário da câmara do comercio, inglês, pai inglês, mãe inglesa).*

Um dos entrevistados que é residente remete para uma possibilidade de independência. Argumenta que talvez um dia Gibraltar possa ser independente por uma questão de identidade e que a relação com a Inglaterra é mais ex colonial. O único motivo que move Gibraltar para que seja britânico é a tentativa de tomada pela força por parte do governo espanhol.

*“Não se trata de uma questão de “deveria ser”, mas trata-se de uma questão de identidade, uma identidade política. Na minha opinião, os gibraltarinos identificam-se com o Reino Unido mais pela reação da rejeição da Espanha, sobretudo o desejo de forçar os gibraltarinos de serem espanhóis. Isso significa que em relação a Gibraltar, a Espanha se encontra em estado de conquista militar de soberania que não termina nunca, e a reação dos gibraltarinos é somos tudo menos espanhóis! E em relação a Inglaterra, Gibraltar ainda conserva uma certa identidade colonial na qual não resta muita coisa, uma vez que a Inglaterra foi um dos primeiros países a desfazer-se das suas colónias como foi com a Índia. Isso quer dizer que a Inglaterra não tem muito o que fazer com Gibraltar, se não apenas uma base militar, é um pouco anedótico. Então, eu acredito que uma estrutura política totalmente gibraltarina será o caminho do futuro.” (Homem, 35 anos, advogado, israelita, pai francês, mãe francesa).*

Outro entrevistado não-residente pensa que a decisão no que diz respeito ao futuro de Gibraltar deve ser tomada por eles próprios.

*“Acho que os gibraltinos é que devem decidir o seu futuro. Sinceramente não me parece que eles queiram voltar a ser espanhóis, acho que até seria uma coisa violenta para eles. Algo muito drástico, nunca escutei um gibraltino a dizer que gostaria de pertencer a Espanha. Apesar de eles conviverem muito entre Gibraltar e Espanha, mas não querem ser espanhóis. Mas também acho que eles não gostam de se sentir que fazem parte da Inglaterra. Acho que eles têm orgulho de serem britânicos, de fazer parte do Reino Unido mas querem preservar de alguma maneira o seu carácter independente. Mas repito, têm de ser eles a decidir o que é melhor para eles.” (Homem, 41 anos, contabilista, português, pai angolano, mãe portuguesa).*

Outra entrevistada não-residente, que já viveu um determinado período em Gibraltar, gostaria que houvesse melhores relações entre ambos, e que Espanha e Gibraltar partilhassem mais coisas em comum como o aeroporto, intercâmbio com as escolas, como era a intenção dos governos anteriores, mas agora como há um governo de direita na Espanha, “*o ideal seria mesmo a independência.*” (Mulher, 52 anos, empresaria, inglesa, pai inglês, mãe inglesa).

Diante das narrativas de vários entrevistados/as, incluindo nativos, residentes e não-residentes pode concluir-se que a maioria considera que Gibraltar não deve ser espanhol, e praticamente todos acreditam que Gibraltar deveria continuar a ser território britânico, por questões de segurança, embora alguns cogitem a possibilidade da independência por não se justificar mais o vínculo colonial com os ingleses.

### **8.1 A questão da fronteira**

A fronteira entre Gibraltar e Espanha sempre teve um papel pertinente tratando-se da história de Gibraltar, não apenas nas questões políticas e económicas já mencionadas neste estudo, mas também na questão dos seus próprios limites físicos, os quais envolvem segurança, movimento, liberdade e também identidade.

Sendo assim, questionou-se se a fronteira deveria continuar a existir, atendendo ao problema fronteiriço que o governo espanhol impõe aos seus residentes e trabalhadores, como filas e controlos excessivos, tanto de pedestres como de veículos, principalmente quando há conflitos políticos entre ambos os governos.

Alguns reconhecem o problema que existe entre ambos governos, mas continuam a defender a existência de fronteiras, por se sentirem mais seguros assim. A segurança parece ser um fator muito importante que e que é frequentemente referenciado pelos entrevistados/as.

Em relação aos nativos, um deles confirma que se sente seguro em relação à existência da fronteira e acredita que em termos políticos deve continuar a existir, mesmo depois do Brexit, uma vez que o Reino Unido não faz parte do acordo de Schengen.

*“- Sinto-me seguro com a existência de uma fronteira, e Gibraltar tem muito controle pelas autoridades e faz-nos sentir muito seguros. Uma jovem pode andar às 3 horas da manhã na rua e não vai acontecer-lhe nada, e isso não é o que aconteceria em toda a Península Ibérica. A diferença é que há policiais, agentes aduaneiros.*

*- E em relação ao problema político da fronteira?*

*- Se vamos embora da Europa, já existe uma fronteira, porque Espanha está em Schengen, e o Reino Unido e Gibraltar não fazem parte. Ou seja, a fronteira deve existir por essas razões para as pessoas.”* (Homem, 73 anos, arquiteto, gibraltarinho, pai origem judaica, mãe espanhola).

Um dos entrevistados que também é nativo considera que a fronteira deve continuar a existir, pois além de se sentirem protegidos é uma forma de identificá-los.

*“Acredito que a fronteira deve continuar a existir, ela nos protege, nos identifica. Eu acredito que o mundo, da maneira que vai, ainda não podemos tirar as fronteiras, elas devem continuar a existir.”* (Homem, 61 anos, advogado, gibraltarinho, pai gibraltarinho origem francesa, e mãe gibraltarina origem judaica).

Para uma residente, mulher, 37 anos, empresária, dominicana, pai dominicano origem libanesa, mãe dominicana, admite que, se não houvesse fronteira, seria diferente se tratando de segurança. Sugere apenas que a fronteira deveria ser mais flexível, devido ao facto de os controlos chegarem às vezes a ser excessivos pelas autoridades espanholas.

*“Para nós, às vezes é chato, quando entras em Gibraltar, temos um controle por parte de Espanha e de Gibraltar, não entendo o porquê. Se estamos saindo de Espanha, não entendo porque nos revisam, deveria ser quando entramos e não quando saímos. E isso é uma manobra política.”*

Outra entrevistada, de origem iraniana, residente há muitos anos em Gibraltar, acredita que uma fronteira não tem muita utilidade, apenas transmite um sentimento de segurança, como os controlos de documentos e de pessoas que comentem crimes. Na questão

cultural, acredita que a fronteira não deveria ser um problema, uma vez que as culturas sempre interconectam umas com as outras, apenas lamenta o facto de a Espanha utilizar às vezes a fronteira como uma arma política.

*“As fronteiras não deveriam ser políticas, mas somente para controlar”.* (Mulher, 26 anos, arquiteta, iraniana, pai iraniano, mãe iraniana)

Outro entrevistado também residente remete para a mesma questão, que a fronteira deveria continuar a existir em relação à segurança, e defende que a Espanha deveria ser menos rigorosa com seus controlos, pois perde muito em termos de prosperidade para a região do Campo de Gibraltar.

*“A fronteira, eu acredito que a Espanha está a equivocar-se mil por cento, criando atrito e problemas com a fronteira. Na verdade, a fronteira não deveria existir para ambas partes. Se trabalhassem juntos e Espanha parasse de reivindicar Gibraltar, toda a zona do Campo de Gibraltar seria mais próspera. Bom, o controle, sim, deveria existir, a segurança é importante e o mundo hoje está perigoso, acho que deveria existir um controle mas de segurança e não esse controle político que há.”* (Homem, 74 anos, reformado, marroquino, pai marroquino, mãe marroquina).

Um dos entrevistados de origem indiana, residente há muitos anos em Gibraltar considera que não deveria existir fronteira, mas, ao mesmo tempo, reconhece que se sente seguro com o facto de ela existir.

*“Não deveria existir fronteira, há que dar liberdade, há que ter movimento. Ninguém gosta de fronteira. Mas aqui é muito seguro, acredito e penso que não há outro país como Gibraltar, aqui não há crime é muito seguro e as pessoas vivem muito tranquilas.”* (Homem, 49 anos, comerciante, indiano, mãe indiana de origem portuguesa, pai indiano).

Outro entrevistado residente acredita que a fronteira deve continuar existindo. Porém, com o Brexit, poderá ser um grave problema para Gibraltar, tudo dependerá das negociações entre os governos de Espanha e Inglaterra, uma vez que, assim como Inglaterra, Gibraltar também não faz parte de Schengen. *“Talvez, se um dia Gibraltar vier a ser independente e conseguir um acordo com a Espanha, o que parece algo duvidoso pela parte deles, talvez a*

*fronteira venha ser obsoleta, mas no momento ela é muito mais do que simbólica e ainda existirá por muito tempo.*” (Homem, 35 anos, advogado, israelita, pai francês, mãe francesa).

Outro entrevistado residente remete também para quando se concretizar o Brexit. *“Talvez, mas seria muito difícil com o Brexit, a partir do 29 de março, o ano que vem, Gibraltar e Inglaterra vão fora da Europa, a fronteira não é só entre Gibraltar e Espanha, é uma fronteira externa de Europa, vai ser uma grande mudança e terá muitas implicações e para Inglaterra também, porque poderá vir uma pessoa de outra nacionalidade que não sejam espanhóis, embarcar por Gibraltar e ir diretamente a Inglaterra.”* (Homem, 53 anos, funcionário da câmara do comércio, inglês, pai inglês, mãe inglesa).

Por sua vez, um dos entrevistados não-residente justifica que a fronteira deve existir mas adaptar-se, em função daqueles que atravessam todos os dias. E que o maior problema da fronteira, com atrasos e longas filas, é mais um problema político do que um problema de segurança.

*“É uma situação que não é muito benéfica para quem tem de cruzar todos os dias. Parece uma guerra fria entre os dois territórios, entre Espanha e Gibraltar. Acho que a fronteira devia continuar a existir. Não sou a favor da abolição de fronteira. Acho que todo território deve haver sua fronteira, sua identidade e algum controlo. Deveria pensar-se numa fronteira mais humana, mas prática, feita de maneira mais eficiente.*

*- E acredita que tratando de segurança mudaria algo em si?*

*- Sim, sem dúvida acho que mudaria muito.”* (Homem, 41 anos, contabilista, português, pai angolano, mãe portuguesa).

Na perspetiva de uma entrevistada não-residente a fronteira deveria continuar a existir, porém de forma diferenciada para os trabalhadores e para aqueles que precisam atravessá-la diariamente.

*“- A fronteira deve continuar a existir, é outro país. Mas como se fez até agora. Não se pode fechar mais a fronteira como fizeram antes. Mas para as pessoas de Gibraltar deveria ser mais flexível, como estamos a fazer agora, só mostrar a identidade. Quando vier o Brexit, as pessoas que fazem turismo e excursão que façam o que querem, preencham papéis etc.*

*Isso seria inviável para um trabalhador passar a fronteira todos os dias, imagina aquele que vem a casa comer e é obrigado a atravessar a fronteira duas vezes ao dia.*

*- Em relação a segurança, acredita que se não houvesse a fronteira Gibraltar seria menos seguro?*

*- Eles têm muita segurança aí, muito mais do que nós aqui e são muito mais organizados.”*

(Mulher, 62 anos, profissional de limpeza, espanhola, pai espanhol, mãe espanhola).

Em relação à questão da fronteira, praticamente todos os entrevistados/as, incluindo nativos residentes e não-residentes, consideram a importância da fronteira em termos de segurança, alguns ressaltam a sua existência mas com a finalidade de controlar e não como estratégia política. Outros consideram a fronteira necessária por razões geopolíticas, assim como a Inglaterra, Gibraltar não faz parte do acordo de Schengen, o que justificaria a sua existência. Por outro lado, também demonstram preocupação em termos políticos após o Brexit. Outro entrevistado nativo considera a fronteira como uma forma de identidade cultural, que se ela não existisse refletiria de outro modo na questão da identidade.

## **8.2 As condições económicas de Gibraltar**

Gibraltar possui hoje condições económicas excecionais comparando com muitos outros territórios e, sobretudo, comparando com o outro lado da fronteira espanhola, considerando que praticamente todo o percurso histórico de Gibraltar esteve vinculado a sua economia independente de seu vínculo militar e colonial. Para além do acréscimo populacional, a economia de Gibraltar vem-se desenvolvendo muito nestes últimos anos, tornando-se num dos lugares com menor desemprego<sup>26</sup>. Com os avanços tecnológicos e com o facto de Gibraltar fazer parte do mercado comum europeu, a mão-de-obra estrangeira diversificou-se muito, além da prestação de serviços, as empresas de *game online*, o turismo e setores financeiros que acabaram por tornar a economia de Gibraltar mais atrativa nestes últimos tempos.

---

<sup>26</sup> Informação disponível em: <http://chronicle.gi/2016/09/govt-trumpets-low-unemployment-record/>

Neste sentido, tentou-se averiguar o que se pensa hoje da economia de Gibraltar, se é realmente diversificada e se algo deveria mudar. Também se tentou saber sobre o facto de há alguns anos Gibraltar ter sido considerado como um paraíso fiscal, conforme sempre acusou o governo espanhol, devido às facilidades de investimentos e à agilidade em abrir empresas e às reduções de impostos.

Também se procurou questionar sobre a percepção quanto ao problema do contrabando de tabaco que foi sempre uma prática realizada por muitos espanhóis, que atravessam a fronteira diariamente, para comprar um número maior de pacotes de cigarros e revendê-los no lado espanhol com uma certa margem de benefício. Gibraltar possui um sistema de taxas e impostos bastante reduzidos para este tipo de produtos, o que acabou por beneficiar para esses tipos de práticas informais, mesmo que o governo espanhol já tenha implantado medidas drásticas para o controle aduaneiro na fronteira, evitando a evasão de impostos. Outra questão sobre a economia de Gibraltar visa conhecer se são proporcionadas boas condições de trabalho aos seus trabalhadores, em geral. Assim, foi indagado junto dos entrevistados o que pensam da economia de Gibraltar: entendem que há algo a mudar? A economia é diversificada? As respostas a estes tópicos foram bastante variadas.

A maioria dos entrevistados/as acredita que a economia gibraltarina vem se diversificado após a reabertura da fronteira com a Espanha e a entrada na União Europeia. Antes, a economia estava mais voltada para a logística militar, e pouco a pouco voltou-se mais para as prestações de serviços e para a contratação de mão-de-obra estrangeira, atraindo empresas internacionais com suas facilidades fiscais e legais.

Um entrevistado nativo, que foi funcionário do governo, comenta o quanto foi duro para a economia gibraltarina na época do fechamento da fronteira entre 1969 a 1982 e salienta a criatividade e o dinamismo dos gibraltarinos para estar sempre a reorganizar a sua economia.

*“A nossa economia é invejável, uma das razões para que os espanhóis terem muita inveja é a maneira como vivemos. Nós tivemos sorte, ou inteligência, pois inventámos coisas para sobreviver. Nós passámos por muitas coisas ruins quando a fronteira se fechou, não só fechou a fronteira, mas todas as possibilidades, como a vinda dos barcos aqui. A Inglaterra estava a fechar tudo, e se perguntavam-se porque não fecharam isso! Então, pouco a pouco,*

*fomos inventando, olha a indústria do jogo (online) hoje, os seguros, muitas empresas se instalam-se aqui, as taxas e os impostos são mais baratas aqui e há muitos turistas também.”*

(Homem, 68 anos, reformado, gibraltarinho, pai gibraltarinho de origem portuguesa, mãe gibraltarina).

Outro entrevistado, também nativo, reconhece a importância da presença militar no território por parte dos britânicos para garantir uma certa autonomia económica em Gibraltar. Afirma que Gibraltar não produz nada, há apenas prestações de serviços. Sublinha que antes existia um arsenal militar da Armada Britânica que fazia serviços de manutenção e logística para os barcos. (Homem, 70 anos, reformado, gibraltarinho, pai espanhol e mãe inglesa).

Segundo outro entrevistado também nativo, a economia gibraltarina aproveita-se da sua mão-de-obra especializada, e vem diversificando na indústria digital e financeira, e inovando em novos serviços.

*“- Eu acredito que as indústrias, como a criptoindústria e as indústrias digitais e as indústrias internacionais, porque já se poderia chamar indústria de serviços, nem todas são prestações de serviços, algumas são indústrias reais que estão globalizadas. Há muitos ramos da indústria digitalizada que deves conhecer, uns mais apreciáveis eticamente do que outros, mas todos legais.*

*- Como o gaming online?*

*- Sim. Está gaming, serviços financeiros, legais e contábeis, tudo isso existe no mundo global e digital. E agora a nova moda, que Gibraltar está a liderar é a criptomoeda, na qual Gibraltar tem sido a primeira jurisdição mundial a controlar as companhias que costumam tratar a moeda digital. Não sei como terminará, mas estamos a assistir ao seu começo.*

*- De que moeda o senhor se refere, o bitcoin?*

*- Sim, é uma delas, entre tantas.”* (Homem, 73 anos, arquiteto, gibraltarinho, pai origem judaica, mãe espanhola).

Para os residentes, também a economia de Gibraltar é um fator importante para o seu desenvolvimento social. Um dos residentes comenta como a prosperidade da economia atualmente se reflete no bom poder aquisitivo dos residentes. *“Aqui todo mundo tem um bom nível de vida, tem bom trabalho, isso é muito importante. Aqui todo mundo vive muito bem entre todos.”* (Homem, 49 anos, comerciante, indiano, mãe indiana de origem portuguesa, pai indiano).

Outro entrevistado residente atribui à diversidade do sistema económico de Gibraltar a sua versatilidade, por um lado, um sistema mais liberal, como o sistema anglo-saxónico, e por outro, um sistema mais voltado para o social, como a gratuidade na educação e nas universidades, e o sistema de saúde.

*“- Acredito que tanto a diversidade como o sucesso económico devem-se a acontecimentos externos. Mas o sucesso económico de Gibraltar foi ter utilizado dois sistemas económicos. No nível da economia, eles optaram por uma economia ultraliberal, ao modo inglês, até mesmo com essas questões de paraíso fiscal, e ao mesmo tempo, a receita do PIB é integrada aqui em estado de (providência) que vai até mais longe como certos países, como é a França. Quer dizer, eles têm saúde gratuita, as escolas são gratuitas, e até mesmo bolsas para as universidades. É realmente um privilégio, é incrível!*

*- É como uma mistura de ideologia socialista e capitalista?*

*- Sim, claro, isso mesmo! O coletivismo e o liberalismo juntos, é uma espécie de laboratório, porque as ideias ultraliberais e ultra coletivistas são ideias do passado. É mais um exemplo de integração. Bom, não é um sistema perfeito, também tem as suas limitações.”* (Homem, 35 anos, advogado, israelita, pai francês, mãe francesa).

No mesmo sentido, um outro dos entrevistados residente ressalva que, além do dinamismo da economia de Gibraltar, outra vantagem seria a de que os mercados já estão voltados e conectados com o mundo pela *internet*, e isso seria uma vantagem para Gibraltar, pois poderia continuar com sua prestação de serviços. Um bom exemplo é a indústria dos jogos online: *“Se há 18 anos, ou seja, em 2000 dirias que as empresas do setor do gaming online iriam contratar mais de 3 mil trabalhadores, poderiam escutar duas respostas: a primeira seria o que é online gaming? E a segunda, tu estás louco. Aqui agora temos praticamente 3.500 pessoas empregadas neste setor, e isso não é só 10 % dos trabalhadores mas da população em geral. O PIB agora está em 1.9 este ano.”* (Homem, 53 anos, funcionário da Câmara do Comercio, inglês, pai inglês, mãe inglesa).

Também se procurou averiguar o que pensam os entrevistados além da questão do contrabando de tabaco, da condição de Gibraltar como um paraíso fiscal. Uma grande parte concorda que Gibraltar hoje não apresenta características de paraíso fiscal e afastam mesmo qualquer ideia de facilitismo no que se refere ao mundo da Finança e empresarial.

Um nativo acredita que, como Gibraltar possui quase 100 acordos bilaterais com outros países do mundo em relação a troca de informações de origem de dinheiro, no entanto, como Espanha não reconhece o governo de Gibraltar, não está disposta a assinar nenhum intercâmbio ou acordo com Gibraltar, o que coloca Gibraltar numa situação de paraíso fiscal. *“Espanha, infelizmente, como não reconhece ao governo de Gibraltar, não está disposta a ter um intercâmbio de informações bancárias. Então Gibraltar somente é um paraíso fiscal para Espanha, porque ela quer.”* (Homem, 73 anos, arquiteto, gibraltariano, pai origem judaica, mãe espanhola).

Outra residente, empresária de origem dominicana, ainda acredita que a questão do paraíso fiscal é duvidosa, porque teve muitas dificuldades em abrir uma conta para sua própria empresa.

*“Bom, em termos de paraíso fiscal, é duvidoso, por exemplo, para eu abrir minha empresa e uma conta própria foi bastante difícil, não tive nenhuma facilidade em nenhum banco em Gibraltar.”* (Mulher, 37 anos, empresária, dominicana, pai dominicano origem libanesa, mãe dominicana).

Partilhando a mesma opinião, outra entrevistada não-residente e de origem espanhola confirma a questão:

*“-Acredita que Gibraltar ainda é considerado um paraíso fiscal?  
- Não acredito, aliás, nunca acreditei. Primeiro porque precisas de um contrato para abrir uma conta em Gibraltar. Bom, pode haver algum advogado que pode fazer algo para alguém abrir uma conta e tentar lavar dinheiro para alguém, mas isso já não tem nada a ver com a cidade, mas sim com a pessoa. Se eu sou um contrabandista e quero colocar dinheiro em Gibraltar como posso fazer se não tenho conta e nem tenho um contrato de trabalho.”* (Mulher, 62 anos, profissional de limpeza, espanhola, pai espanhol, mãe espanhola).

Uma das entrevistadas de origem alemã, residente que trabalhou com finanças em Gibraltar, afirma: *“Não acredito, as coisas agora andam bem restritas por aqui. Eu sei disso, porque trabalhei com finanças aqui em Gibraltar, e sempre se verifica de onde é a procedência do dinheiro dos clientes e se esse dinheiro é legal ou não.”* (Mulher, 53 anos, professora, alemã, pai alemão, mãe russa).

No que se refere à perspectiva sobre contrabando de tabaco, alguns entrevistados/as entendem que deveria existir um acordo sobre o cerne do problema entre Gibraltar e Espanha e, para isso, Espanha teria que reconhecer a autonomia do governo de Gibraltar.

Um dos entrevistados nativos é totalmente contra essa prática: *“Eu particularmente sou contra isso, os países transfronteiriços deviam encontrar um acordo para que isso não existisse, mas para isso novamente. Espanha deveria reconhecer o governo de Gibraltar, mas infelizmente não está disposto a isso, e acredito que isso é um erro, porque penso que não perde nada ao reconhecer o governo de Gibraltar.”* (Homem, 73 anos, arquiteto, gibraltarinu, pai origem judaica, mãe espanhola).

Outro nativo sugere que Espanha deveria baixar os seus impostos sobre o tabaco para a diminuição dessa prática ilegal.

*“Quanto ao contrabando de tabaco, eu não sei muito bem como vai, mas aqui também se arrecada muito imposto, como na Espanha também. Sei que o governo chega a arrecadar mais de 100 milhões de libras ao ano, eu não entendo muito isso. Quanto ao contrabando, o problema está com eles e não conosco, eles que baixem o preço do tabaco.”* (Homem, 61 anos, advogado, gibraltarinu, pai gibraltarinu origem francesa, e mãe gibraltarina origem judaica).

Como se pode perceber, perante as narrativas dos entrevistados/as, quase todos consideram a economia de Gibraltar diversificada, além de atribuir ao dinamismo económico a capacidade de adaptação dos seus residentes, assim como na condição de inovar novos sistemas de geração económica, entre um sistema mais coletivista e outro mais liberal.

Na questão da condição de paraíso fiscal, quase todos os entrevistados/as acreditam que Gibraltar não dispõe mais deste estatuto, e o contrabando ainda falta resolver com o reconhecimento da existência do governo de Gibraltar por parte do governo espanhol.

### 8.3 Impacto do Brexit: o que mudará?

Tratando ainda do tema da economia e do futuro de Gibraltar procurou-se saber o que os/as entrevistados/as pensam sobre como será o impacto do Brexit, uma vez que a maioria da sua mão-de-obra provém do outro lado da fronteira, ou seja da Espanha. Até que ponto o Brexit poderá afetar Gibraltar, uma vez que o Reino Unido ficará fora da Europa e do mercado comum europeu?

Tentou-se averiguar se o Brexit será bom ou mau para Gibraltar. Muitos dos entrevistados acreditam que não será nada bom para Gibraltar, mas que tudo dependerá da negociação do governo britânico com a União Europeia e, sobretudo, com o governo espanhol.

Alguns nativos parecem confiar na capacidade de negociação dos ingleses:

*“Mau, muito mau, mas o problema é que não sabemos como vamos ficar, nós não queremos sair da UE porque nós votamos para ficar na UE, porque temos um regime aduaneiro diferente. Não te esqueças que entrámos na UE antes da Espanha, e a Inglaterra colocou um veto na UE para abrir a fronteira com Gibraltar para poder entrar na UE. Mas a Inglaterra foi sempre tão potente, eles têm sempre tem uma saída, eles têm a comunidades deles que é Commonwealth na época do império, agora estão fazendo acordos económicos com eles para fazer comércio com eles.”* (Homem, 68 anos, reformado, gibraltarinu, pai gibraltarinu de origem portuguesa, mãe gibraltarina).

Outro nativo também confirma que a intenção da maioria da votação dos gibraltarinu era ficar na União Europeia, mas ao mesmo tempo também confia que os ingleses vão acabar por encontrar uma solução.

*“Nós não queríamos sair, Gibraltar votou que não, porque recebemos muitos benefícios da UE, mas se a Inglaterra decidiu que devemos de sair, temos de sair, mas nesse problema, se sairmos eles têm de nos ajudar. Mas os ingleses, eu digo sempre isso, eles fazem política sempre a pensar no amanhã e no depois de amanhã. Eles sempre estão a pensar em algo mais à frente.”* (Homem, 70 anos, reformado, gibraltarinu, pai espanhol e mãe inglesa).

Para outro nativo, a saída do Brexit dependerá mais das decisões políticas que tomará o governo espanhol, e acredita que talvez Bruxelas não consiga retirar a cidadania europeia porque foi dada de forma individual e não adquirida pelo Reino Unido.

*“Que seja bom ou mau para Gibraltar vai depender do governo de assuntos estrangeiros espanhol. A Espanha poderá tolerar-nos como vizinhos fora do Brexit ou tentar continuar a incomodar-nos, se já fazem dentro da Europa, podem ainda fazer mais fora da Europa. Se o Brexit será bom ou não dependerá do nosso vizinho, que é o único vizinho que temos. Que seja bom ou não, por um lado, vai depender de nós também, porque a cidadania europeia, como já falei antes que pertence a nós de forma individual a cada europeu. Talvez, o Reino Unido não consiga tirar-nos a cidadania europeia. Bruxelas deu-nos a cidadania, e se é como uma cidadania nacional, não pode nos retirar.”* (Homem, 73 anos, arquiteto, gibraltarinho, pai origem judaica, mãe espanhola).

Ainda outro entrevistado nativo acredita que, embora tudo esteja incerto, poderá ser problemático, uma vez que a estabilidade económica em Gibraltar trouxe pouca distinção de classe, e o Brexit poderá fazer com que os pobres hoje que conseguiram enriquecer um pouco não queiram mais voltar ao seu estatuto de antes.

*“Sabes, antes havia os ricos e os pobres aqui, agora os pobres ficaram mais ricos e se acostumaram-se não vão querer ficar pobres de novo, entende! E isso, acredito, que pode ser um problema muito grande. Não sabemos, estamos na perspetiva para ver como as coisas vão acontecer.”* (Homem, 61 anos, advogado, gibraltarinho, pai gibraltarinho origem francesa, e mãe gibraltarina origem judaica).

Quanto aos residentes, uma delas acredita que poderá ser algo positivo a longo prazo, dependendo de como deverão proceder as negociações entre Inglaterra e Espanha.

*“Não se sabe como vai ficar, acho que nem o governo de Gibraltar e nem a União Europeia sabem e acredito que desconhecem como vai ficar. Eu sei que o governo está a trabalhar para isso, para que não tenha tanto impacto em Gibraltar, mas acho que não é tão preocupante. O Brexit pode ser algo bom, mas também pode ser algo mau, depende, há muitas coisas em jogo e muitos interesses em jogo.”* (Mulher, 26 anos, arquiteta, iraniana, pai iraniano, mãe iraniana).

Outro entrevistado entre os residentes, que trabalha na Câmara do Comércio de Gibraltar, afirma que há muitos riscos, embora acredite que a população gibraltarina está sempre preparada para mudanças e que sentir-se inseguro é algo a que o gibraltarino está acostumado.

*“Como sabes 96% da população votou para ficar na UE, mas a decisão não está nas nossas mãos. Mas independente do que vá acontecer com os regulamentos esta população sempre adaptar-se sempre. Quicá no processo de adaptação seja muito austero, difícil e de insegurança. Mas a insegurança sempre fez parte da vida deles, há 10 anos eles também se perguntavam como seria em relação aos impostos quando a UE exigiu uma política igualitária de impostos. Há 20 anos também existia uma insegurança sobre a reputação de Gibraltar em relação ao contrabando de tabaco etc., e o problema quando a Espanha começou a fazer parte da UE também existiam muitas incertezas e inseguranças. Foi sempre assim e encontraram sempre formas de adaptação. Os gibraltarinos sabem adaptar-se, faz parte da sua história, sempre foi assim. A vantagem para Gibraltar é que é um território pequeno e a maioria está sempre em comum acordo, e se eles têm um governo que os guia bem eles e eles têm tudo na mão para dar certo.”* (Homem, 53 anos, funcionário da câmara do comercio, inglês, pai inglês, mãe inglesa).

Na opinião de outro residente, embora nem tudo pareça tão incerto, a relação política com a Espanha poderia ser problemática, tratando-se da fronteira. Acredita que o Brexit poderá ser uma grande oportunidade para Gibraltar, considerando a capacidade de flexibilidade de procurar outras alternativas, como futuras negociações com Marrocos.

*“O Brexit é uma incógnita, a maioria de Gibraltar votou para ficar na Europa, chegou a quase 90%, acredito que foi mais a angústia do problema que poderia desencadear em relação a Espanha, sobretudo a questão da fronteira. Mas talvez seja algo bom, pelo menos é minha opinião, porque poderá proporcionar outras oportunidades, como futuras negociações com o Marrocos. Acredito que uma das capacidades de Gibraltar é a de se reinventar, com a sua condição tão flexível.”* (Homem, 35 anos, israelita, advogado, pai francês, mãe francesa).

Considerando a situação incerta entre negociações futuras entre Inglaterra, União Europeia e Espanha, e conforme o depoimento de quase todos os entrevistados/as, incluindo

nativos, residentes e não-residentes, percebe-se que alguns acreditam que o Brexit seja uma grande oportunidade para Gibraltar, outros, sobretudo os nativos, preocupam-se mais com as consequências com a relação política entre Espanha e Inglaterra, e poderá trazer sérios prejuízos com a ameaça do controlo da fronteira, prejudicando o comércio e os negócios em Gibraltar.

### **9. Sentimentos de identificação com Gibraltar: orgulho em ser gibraltarinu**

Sendo Gibraltar um território marcado pela diversidade cultural que se encontra em constante mudança e adaptação, tivemos interesse em conhecer quais eram as expectativas dos entrevistados/as em relação ao território e à sociedade gibraltarina e o sentimento de identificação com o território. Primeiramente, abordou-se a questão do gosto ou não gosto em relação a Gibraltar, conforme as perspetivas pessoais, e indagou-se se haveria algo a mudar. Na mesma sequência de perguntas, procurou-se saber se se sentiam bem a viver em Gibraltar e se pretendiam continuar a viver no território. Quanto aos trabalhadores que não vivem em Gibraltar, auscultou-se a vontade ou não de continuar a trabalhar em Gibraltar.

No que diz respeito ao que mais gostam, e o que menos gostam, e se algo deve mudar, as narrativas foram bastante diversificadas, incluindo tanto os nativos, residentes e não-residentes. Alguns salientam as pessoas, os próprios gibraltarinos, a qualidade de vida, a boa vida, o clima. Um residente que vive há muitos anos em Gibraltar e que é de origem indiana afirma:

*“- O que mais gosto de Gibraltar são os gibraltarinos, são boas pessoas, e aqui tem-se muito boa vida, qualidade de vida, bom clima.*

*- O que não gosta de Gibraltar?*

*-O que vou dizer, não sei, não tenho nada, nunca tive problema aqui.”* (Homem, 49 anos, comerciante, indiano, mãe indiana de origem portuguesa, pai indiano).

Para outro entrevistado nativo, o que mais aprecia em Gibraltar é a liberdade e a proximidade entre os residentes, o viver quase em família com pessoas oriundas de vários países do mundo, e a tolerância e o respeito por várias práticas e crenças religiosas.

*“O que mais eu gosto é quando sinto que vivo numa grande família, e que essa família é diversa e que possui diferentes crenças e religiões, e que os ateus também podem viver aqui perfeitamente e não acontece nada, e que há liberdade.”* (Homem, 73 anos, arquiteto, gibraltarinho, pai origem judaica, mãe espanhola).

Ao mesmo tempo, o mesmo entrevistado refere como aspeto negativo, a falta de divulgação e de estudos sobre a história de Gibraltar para os jovens para que conheçam melhor as suas origens, assim como a falta de consciência do património arquitetónico mourisco que se está a perder em Gibraltar.

*“Sobre a questão de que penso que algo deveria mudar em Gibraltar, agora mesmo posso falar-te do meu pequeno mundo, penso que devemos dar mais curso de história de Gibraltar aos jovens gibraltarinos, para que tudo o que eu te falei eles também saibam (...) Necessitam saber de onde vêm, e isso não está se a dar nos colégios em Gibraltar. É muito pequeno o detalhe, mas importante! O que menos gosto é a possibilidade de perder a estrutura arquitetónica da cidade antiga, é o que está nesse momento ameaçado. Temos uma cidade que tem o mesmo aspeto de planeamento desde o tempo dos espanhóis nos de 1490, deveríamos tentar manter essa arquitetura, porque tem o seu charme, está baseada num planeamento mourisco anterior ao espanhol.”* (Homem, 73 anos, arquiteto, gibraltarinho, pai origem judaica, mãe espanhola).

A tranquilidade parece ser uma referência e um fator positivo para o convívio familiar. Uma residente também menciona a tranquilidade de Gibraltar e a facilidade de viver num lugar pequeno que permite ter uma convivência melhor entre as pessoas, mas salienta a *“Falta de espaços verdes, não existem muitos em Gibraltar.”* (Mulher, 40 anos, diretora de empresa, indiana, mãe indiana, pai indiano).

Um outro entrevistado que também é residente faz a mesma referência em relação à tranquilidade e acrescenta que é um fator positivo para a educação das crianças e para a vivência familiar:

*“Aqui é um lugar ideal para ter uma família, não temos medo para educar as crianças, seria diferente se estivéssemos em Nova Iorque ou Londres, há um sentimento de coesão de que estamos sempre unidos e próximos. Todas as pessoas se conhecem, por outro lado, não há nenhum anonimato.”* (Homem, 53 anos, funcionário da Câmara do Comercio, inglês, pai inglês, mãe inglesa).

Uma outra entrevistada nativa também se refere ao mesmo aspeto, tratando-se de tranquilidade: *“Gosto da tranquilidade e da maneira como se vive aqui. Podes sair à rua sem medo, às vezes vou com os meus filhos de madrugada aos concertos em “casemate”<sup>27</sup>, e às vezes, volto sozinha para a minha casa. Na idade que eu tenho, aqui nunca ninguém me perseguiu aqui e ninguém me ameaçou, nunca ninguém me roubou nada.”* (Mulher, 69, enfermeira, gibraltarina, pai gibraltarinho de origem judaica, mãe espanhola).

Outra entrevistada não-residente aprecia as facilidades que se tem junto dos organismos do governo como trabalhadora autónoma (Mulher, 52 anos, empresária, inglesa, pai inglês, mãe inglesa).

Os aspetos positivos mais referidos que sustentam a identificação com Gibraltar são a situação geográfica privilegiada, custo e qualidade de vida, tranquilidade e facilidades de trabalhar num ambiente anglo-saxónico. Estes aspetos são ressaltados por um dos entrevistados não-residente.

*“O que mais gosto de Gibraltar é a situação geográfica, acho que é uma situação privilegiada estar entre dois continentes, perto de Portugal, mas trabalha-se num ambiente anglo-saxónico, e está-se perto da Espanha, que é um ambiente latino, com um clima ótimo na maior parte do ano. Há muita qualidade de vida, o custo de vida não é tão alto, comparando a outros lugares da Europa. Acho que a vida não é tão stressante como nas grandes cidades, nesse sentido vive-se bem. Sim, de modo geral, gosto muito de viver aqui e pretendo continuar a viver aqui.”* (Homem, 41 anos, contabilista, português, pai angolano, mãe portuguesa).

---

<sup>27</sup> Praça principal no centro de Gibraltar

Como aspetos negativos, os mais referidos são a falta de espaços verdes, a diminuição da limpeza, poluição, a falta de estacionamento (que é compensado por um bom funcionamento dos transportes públicos).

A preocupação com as questões ambientais e ecologia também é referida por um não-residente: *“Atualmente, Gibraltar está demasiadamente poluída, há demasiados carros, motos, há muito trânsito para a dimensão tão pequena do território. Tem de se apostar mais em trânsito verde, em mais comunidades em que as pessoas possam andar de bicicleta. Acho que deve existir um limite de carros na fronteira, de quantos devem entrar ao dia, deve existir um limite e um controlo, para somente no trânsito de veículos.”* (Homem, 41 anos, contabilista, português, pai angolano, mãe portuguesa).

Outra entrevistada não-residente também ressalva que, sobre a questão do trânsito, e que *“Gostaria de ver menos carros circulando em Gibraltar.”* (Mulher, 52 anos, empresaria, inglesa, pai inglês, mãe inglesa).

Outra nativa também aborda a questão da limpeza como aspeto negativo:

*“- O que eu não gosto muito ultimamente é que estou a ver a cidade muito suja, antes estavam a limpar a toda a cidade e agora não estão fazer.*

*- Também disse anteriormente que não gostava das construções de novos edifícios?*

*- Sim, verdade, estão a fazer muitos edifícios, às vezes de 16 andares, parece uma selva, e isso eu não gosto!”* (Mulher, 69, enfermeira, gibraltarina, pai gibraltario de origem judaica, mãe espanhola).

Para outro nativo, nada deveria mudar, apenas espera que o problema da Espanha seja resolvido: *“Acho que nada deve mudar, eu vivo muito bem aqui e sinto-me seguro aqui, se as pessoas têm acesso à universidade têm tudo aqui, não pagamos nada para a escola, aqui nunca se pagou um livro. O ideal que o que estivesse aí em frente (Espanha) tivesse sido outro país, a França ou Suécia, e não este que nos tocou pela sorte. Mas pelo demais e estou muito feliz.”* (Homem, 68 anos, reformado, gibraltario, pai gibraltario de origem portuguesa, mãe gibraltarina).

Outra residente ainda acrescenta como aspeto negativo o facto de as pessoas não serem muito ambiciosas nem muito corajosas, mas ao mesmo tempo ressalva que se sente

bem a viver em Gibraltar pelas boas condições de trabalho e saúde: *“Bom, a vida em geral é muito boa aqui. Podes trabalhar, e ir ao restaurante, tudo é muito perto e aproveitais mais a vida. E o que menos gosto é que as pessoas não são muito ambiciosas, não são muito corajosas. Dizem sempre que têm muito trabalho e que estão muito cansados, mas não é verdade. Sei lá, deve ser porque sou alemã! Também há muitas coisas que são boas aqui, a educação, a saúde e a medicina são muito eficientes, o governo paga tudo.”* (Mulher, 53 anos, professora, alemã, pai alemão, mãe russa).

Ainda outro aspeto negativo mencionado por outro entrevistado residente é o problema da fronteira e sugere a partilha do aeroporto entre Espanha e Gibraltar, algo sugerido por alguns governos anteriores: *“Se algo deveria mudar, sim, por exemplo, tem que se resolver o problema da fronteira e tentar chegar a um acordo que proteja não só os interesses dos gibraltarinos como de toda a zona do Campo de Gibraltar. A questão do aeroporto deveria ser levada a sério e, partilhados entre os dois.”* (Homem, 74 anos, reformado, marroquino, pai marroquino, mãe marroquina).

Constatou-se que, de um modo geral, todos os entrevistados/as parecem sentir-se bem a viver e trabalhar em Gibraltar, assim como também se sentem orgulhosos por fazer parte da sociedade gibraltarina, tanto nativos, residentes e não-residentes.

Um dos nativos afirma mesmo que se vivesse em qualquer outro lugar continuaria a sentir-se gibraltarina: *“Mesmo que vivesse na Austrália continuaria a sentir-me um gibraltarina. É minha Nação. E claro que gostaria de continuar a viver aqui.”* (Homem, 73 anos, arquiteto, gibraltarina, pai origem judaica, mãe espanhola).

Outro entrevistado nativo refere que não gostaria de viver em nenhum outro lugar e acredita que não há outro lugar que se possa viver tão bem, com tantas vantagens como em Gibraltar. *“Pensa! Em que outro lugar poderia viver-se assim, como dizia o ex primeiro-ministro Caruana. Que outro lugar com 30 mil pessoas tem o seu próprio hospital, temos nossa própria polícia, bombeiros, escolas. Mandamos os nossos filhos a estudar de graça em Inglaterra sem gastar nada. Temos até a nossa própria televisão, e que continue assim.”* (Homem, 61 anos, advogado, gibraltarina, pai gibraltarina origem francesa, e mãe gibraltarina origem judaica).

Uma nativa comenta o quanto se sente orgulhosa em ser gibraltarina, e ressalva sobre o convívio solidário que existe em Gibraltar.

*“Sinto-me muito orgulhosa, e sinto-me cem por cento gibraltarina. Há pessoas que estão em más situações, porque, talvez, se separam ou vivem momentos difíceis. Aqui sempre todos se ajudam sempre, se a pessoa está a passar dificuldades, ajuda-se com comida, com o aluguer. Sempre nos ajudamos uns aos outros, e isso é bonito daqui. Se alguém necessita, aqui estamos todos aqui. Às vezes, alguém coloca no Facebook que alguma família está a precisar de ajuda, e chega um e já pergunta, quem é a família que precisa de ajuda?”* (Mulher, 69, enfermeira, gibraltarina, pai gibraltario de origem judaica, mãe espanhola).

Não somente os nativos mas também alguns residentes se sentem orgulhosos por viver em Gibraltar, como é caso de um residente de origem marroquina que vive há quase 50 anos em Gibraltar:

*“- Eu não me sentiria orgulhoso se não estivesse a viver aqui. Isso para mim é muito importante, essa paz interior que tenho. Sabes o quê? Se eu vou aqui à estação da polícia aqui parece que estou com amigos, mas não posso fazer isso em Marrocos.*

*- Gostaria de continuar a viver aqui então?*

*- Sim, gostaria, e sinto-me gibraltario.”* (Homem, 74 anos, reformado, marroquino, pai marroquino, mãe marroquina).

O orgulho de ser gibraltario manifesta-se também através também dos filhos. Por exemplo, uma entrevistada (40 anos, diretora de empresa) expressa o seu orgulho pelo filho de 6 anos por ele ter o mesmo acento e a mesma pronúncia que os locais. (Mulher, 40 anos, diretora de empresa, indiana, mãe indiana, pai indiano).

Outro residente de origem indiana que vive há muitos anos parece sentir o mesmo orgulho e comenta que pretende continuar a viver em Gibraltar ao lado da sua família que também está estabelecida profissionalmente em Gibraltar.

*“Eu tenho muito orgulho, aqui não se pode ter melhor vida, ganha-se bem aqui, depois pode-se pegar férias para ir em teu país. Quero continuar vivendo aqui, tenho já meus irmãos que vivem comigo, minha esposa, toda minha família está aqui.”* (Homem, 49 anos, comerciante, indiano, mãe indiana de origem portuguesa, pai indiano).

Outra não-residente, inglesa que morou alguns anos em Gibraltar quando era jovem, comenta o quanto se sente orgulhosa por poder trabalhar em Gibraltar: *“No final, eu também me sinto orgulhosa por trabalhar em um lugar desses, porque para essas coisas eles são muito corretos. Gibraltar não tem problema social, não tem miséria, não tem nada, e eles protegem o seu lugar e tratam bem a sua gente, é normal que eles tenham tanto orgulho.”* (Mulher, 52 anos, empresaria, inglesa, pai inglês, mãe inglesa).

Uma das residentes comenta que também pretende continuar a viver em Gibraltar junto dos seus familiares:

*“-Sim, gosto muito. Temos intenções, planos de ficar aqui, pelo menos até que as minhas filhas terminem a universidade. Acredito que não vamos sair daqui.*

*- E o teu marido também gosta de viver aqui?*

*- Sim, e as miúdas também. Um dia falámos que talvez nos mudaríamos para a República Dominicana e elas começaram a chorar. Elas disseram: não queremos! Só para passar férias.”* (Mulher, 37 anos, empresária, dominicana, pai dominicano origem libanesa, mãe dominicana).

Uma entrevistada residente, de origem iraniana, acredita que a palavra *orgulho* não seja uma palavra adequada para atribuir ao lugar onde se vive, pois pode ser atribuída ao nacionalismo, mas reconhece que gosta de viver em Gibraltar, e que se sente mesmo assim orgulhosa das pessoas que construíram a sociedade gibraltarina.

*“Orgulho para mim é uma palavra muito forte. Mas gosto muito de viver aqui, de viver numa sociedade onde não temos tantos problemas em estar juntos. Acho que a palavra orgulho é muito forte, um pouco nacionalista, e não sou uma nacionalista. Acho que as pessoas mais velhas é que devem sentir-se assim, porque para elas as coisas foram muito mais difíceis, viveram muitos problemas, fizeram muitas revoluções e lutaram muito mais para ser o que é hoje. Mas sinto-me gibraltarina sim, e posso sentir-me orgulhosa das pessoas que lutaram para que essa sociedade seja tão multicultural, e que lutam pelos valores éticos. Além disso, gosto de Gibraltar, porque as pessoas aqui além saber viver com muitas culturas diferentes, aqui há muita caridade e muita empatia com os outros, e gosto muito disso.”* (Mulher, 26 anos, arquiteta, iraniana, pai iraniano, mãe iraniana).

Diante dos depoimentos dos entrevistados/as, tanto nativos, como residentes e não-residentes, os conteúdos das narrativas foram bastante variados em relação ao que mais gostam, como a tranquilidade, a liberdade e a tolerância cultural e religiosa, a qualidade de vida, o ambiente familiar, o clima e a situação geográfica de Gibraltar, assim como as boas condições de trabalho e a solidariedade entre os gibraltarinos.

Em relação aos aspetos negativos, ou daquilo que não gostam e acreditam que deveria mudar, foram referidos a falta de espaços verdes e de estacionamento públicos, questões de limpeza e problemas urbanísticos de construção, como demasiados edifícios, problemas com a fronteira e com Espanha, e a falta, às vezes, de ambição dos gibraltarinos em relação ao trabalho.

No entanto, na questão do sentimento de orgulho, o sentimento de identificação parece ser unânime, porém mais evidentes nos nativos e em alguns residentes. Os nativos declararam sentir-se bem a viver em Gibraltar e não pretendem viver em nenhum outro lugar, assim como alguns residentes, que também afirmaram o mesmo. Outros residentes e não-residentes também manifestaram o mesmo, referindo que se sentem também orgulhosos de poder viver numa sociedade com tanta diversidade e, ao mesmo tempo, com tanta empatia em relação ao outro.

## **Capítulo 6 - Discussão final**

Este trabalho de investigação teve o objetivo de explorar o sentimento de ser gibraltarinu por parte dos seus próprios residentes, assim como os seus sentimentos de pertença e as suas formas de mestiçagem cultural. Assim, após a apresentação dos resultados no capítulo anterior, neste capítulo partimos para a discussão final, interpretação dos dados recolhidos e conclusão do trabalho.

Considerando que este projeto se baseou num estudo exploratório, devido à inexistência de estudos publicados anteriormente (Oliveira, 2011), sobre a cultura e a identidade dos residentes de Gibraltar, tentámos construir um registo sociodemográfico dos entrevistados, com o intuito de melhor conhecer as suas características pessoais, as suas origens culturais e familiares e os seus percursos individuais, assim como as suas trajetórias sociais, para ter uma melhor compreensão da complexidade da mistura cultural da sociedade gibraltarina, para além do sentimento comum entre eles. É preciso conhecer a sociedade onde os indivíduos se movimentam para compreender melhor os seus fenómenos sociais (Magano, 2010).

Quanto à recolha de dados, a utilização de entrevistas semi-estruturadas foi uma excelente opção, pois permitiu, por um lado, conhecer os perfis de cada entrevistado, assim como as suas dinâmicas entre os seus distintos grupos e, por outro, saber quais são os vínculos culturais e sociais e o modo como partilham as suas pertença dentro do seu meio social.

De acordo com a caracterização dos perfis dos entrevistados, nos deparámos com uma grande diversidade de origens e procedências culturais, como ingleses, espanhóis, judeus, portugueses, franceses, indianos, alemães, embora a população nativa apresentasse maiores laços culturais com os ingleses e espanhóis, devido ao seu passado histórico relacionado com a sua condição colonial com Inglaterra e fronteira com a Espanha, podendo considerar-se, assim, a identificação cultural como um fator determinante para a formação das identidades (Cavalcante, 2014), porque transmite um sentimento de

pertencimento em relação aos outros, ou daquilo que afirmamos quem somos ou ao grupo a que pertencemos (Santos, 2011).

De acordo com a análise dos resultados, foi possível delimitar três tipos de perfis de entrevistados de acordo com as suas origens, relações quotidianas e condições sociais com Gibraltar. Dividimos, assim, os entrevistados em 3 grupos: 1) Nativos: são aqueles que nasceram no território e se consideram gibraltarinos e praticamente sempre viveram em Gibraltar; 2) Os residentes: aqueles que vivem há muito tempo em Gibraltar e partilham as suas vivências diárias, sendo que alguns chegam a considerar-se gibraltarinos; 3) Não-residentes: que são aqueles que simplesmente trabalham em Gibraltar e compartilham suas trajetórias laborais com os demais residentes.

Em relação aos não-residentes decidimos incluir nesta análise a importância que desses trabalhadores na cultura gibraltarina, não apenas do ponto de vista quantitativo, sendo que esses trabalhadores são atualmente em média praticamente um terço da população<sup>28</sup> em termos proporcionais, assim como do ponto de vista também qualitativo. Constatamos que estes entrevistados, devido ao tempo que estão conectados com Gibraltar por questões laborais, interagem com os demais residentes, criando laços sociais e despertando uma certa identificação com os residentes de Gibraltar.

Independente das origens geográficas dos seus habitantes, também se percebe um forte vínculo social e familiar entre os diferentes grupos culturais. Os vínculos familiares parecem ser evidentes nas relações entre nativos e residentes e até mesmo não-residentes. Não apenas pelas mestiçagens entre casamentos, mas também nas relações diárias entre residentes e também na questão trabalho, que parece ser um elo forte e expressivo para a diversidade cultural e para a convivência social de Gibraltar. Sendo que é no convívio diário e nas interações entre culturas que os processos de socialização vão dando forma à construção dos processos identitários e à mestiçagem cultural, desenvolvendo competências interculturais que permitem que as interações sociais se harmonizem entre indivíduos e culturas (Ramos, 2011; Magano, 2012).

---

<sup>28</sup> Ver capítulo 3.4 O desempenho de Gibraltar.

Informação disponível em:

[https://www.gibraltar.gov.gi/new/sites/default/files/HMGoG\\_Documents/EMP.2\\_16.pdf](https://www.gibraltar.gov.gi/new/sites/default/files/HMGoG_Documents/EMP.2_16.pdf)

Tratando ainda a questão trabalho, constatámos que praticamente todos os entrevistados, sobretudo residentes e não-residentes, afirmaram que o principal motivo de estarem em Gibraltar foi a atrativa oportunidade de trabalho oferecida pela economia de Gibraltar, que esteve sempre voltada para a contratação de mão-de-obra estrangeira, desempenhando também um papel importante não só na diversidade da cultura gibraltarina mas também na integração, influenciando na formação da identidade dos residentes de Gibraltar. A economia, assim como a identidade, é também estruturada e construída a partir das relações de trocas mediadas entre a igualdade e a diferença (Codo, 2002).

Nas questões abordadas sobre o contacto social e a frequência entre os grupos sociais, podemos verificar que praticamente todos os entrevistados confirmaram que não tinham nenhum tipo de atrito ou desconforto em frequentar grupos de diferentes culturas, incluindo os grupos religiosos.

No que diz respeito à convivência e à integração, conseguimos perceber que entre os três perfis de entrevistados onde as narrativas foram emitidas através do percurso pessoal de cada entrevistado, que quase todos reconhecem a existência de uma harmonia e uma integração entre os distintos grupos. Alguns deles chegaram a reconhecer que essa harmonia é algo excepcional, embora alguns afirmem que a comunidade judaica esteja a tornar-se mais condicionada ao isolamento por influências externas, mas reconhecem que ainda há um bom convívio entre as comunidades religiosas.

Também foram mencionadas por um dos residentes as dificuldades de conquista dos direitos sociais da comunidade marroquina, mas ao mesmo tempo considera que atualmente a comunidade está praticamente integrada, devido aos esforços do próprio governo para a sua integração. Logo, podemos dizer que são nos processos de integração social que as normas sociais acabam por incorporar como uma forma de identificação social, onde os atores sociais vão compondo as suas pertenças pelas suas diferentes formas de interação social, ao mesmo tempo que, diferenciam e também automatizam as suas relações com outros grupos e construindo, assim, suas próprias identidades (Abranches, 2007).

Como as sociedades são estruturas de ordem social e são resultado de constantes negociações dos processos interativos (Zanatta, 2011), podemos considerar que as sociedades são processos que estão sempre em transformação. Tratando-se de mudanças e transformações da sociedade gibraltarina, constatámos que, conforme a perspectiva e o

percurso dos nossos entrevistados, as mudanças foram consideráveis no que se refere ao desenvolvimento económico, e social, e sobretudo nestas últimas décadas.

Para alguns, é relevante a distribuição de riqueza e de poder pela parte dos governantes, tornando a sociedade gibraltarina mais justa e igualitária, socialmente falando. Outra mudança foi o aumento do comércio devido à diversificação cultural descrita por vários entrevistados, além do aumento e variedade do comércio e melhorias em qualidade de rendimentos e condições de vida.

Do ponto de vista sobre a construção das identidades e tratando-se da sociedade gibraltarina, podemos dizer que as identidades também estabelecem particularidades de sentimentos, de pertenças de coletividade, como marcos ou fronteiras simbólicas, na tentativa de guiar a percepção da realidade, tecendo assim a diferença e dando sentido a vida social, como uma forma híbrida de percepção, na qual estabelece classificações sociais que direcionam e guiam as construções identitárias (Souza, 2014; Amante, 2014).

Neste sentido, podemos salientar que uma das particularidades culturais dos gibraltarinos é a pertença do yanito, cuja qualificação pode ser vista de duas formas, como uma maneira de se comunicar, ou uma espécie de bilinguismo com o domínio do inglês e espanhol que, muitas vezes, também é utilizado com expressões específicas e uso de dois idiomas ao mesmo tempo, dependendo dos contextos em que se encontram inseridos. Sendo que o espanhol costuma ser mais utilizado em contextos familiares e no que se refere a tudo o que é emocional, e o inglês mais no caso do trabalho e trato com os organismos do governo, considerando que a língua oficial em Gibraltar é o inglês. No entanto, alguns entrevistados apontam que o espanhol está cada vez mais a ser substituído pelo inglês, devido à universalização do idioma e ao impacto da educação universitária gratuita no Reino Unido.

Outra característica do yanito, ou de ser do yanito, é atribuída ao próprio nativo gibraltarino, ou aquele que nasceu no território, e é fluente nos dois idiomas. Mas, alguns residentes pelo facto de dominarem ambos os idiomas chegam a considerar-se também como um yanito, ou seja, mesmo não tendo nascido em Gibraltar, há por parte destes residentes um sentimento muito forte de pertença.

Para alguns, o yanito é algo que está além de ser definido e é apenas sentido. Como afirma um entrevistado que é nativo: “*Como se pode definir o yanito e diferenciar de outras culturas, yanito somos todos, é um nome que nos colocaram e nem sabemos de onde vem*” (Homem, 68 anos, reformado, gibraltarinu, pai gibraltarinu de origem portuguesa, mãe gibraltarina). Um dos residentes entrevistados também chegou a mencionar que yanito é algo diferente e que se poderia escrever muitas linhas para o seu significado (Homem, 53 anos, inglês, funcionário da câmara do comercio, pai inglês, mãe inglesa).

Essa forma tão mista de ser e ao mesmo tempo tão única é descrita por um dos residentes também: “*Acho que é um automatismo ligado a essa forma bicultural deles. Acho que não é uma contradição mas sim uma mistura. Na verdade, é uma expressão dessa mistura.*” (Homem, 35 anos, advogado, israelita, pai francês, mãe francesa).

Além da influência dos idiomas partilhados entre o inglês e o espanhol também quisemos averiguar até que ponto a influência das culturas inglesa e a espanhola interferem na cultura gibraltarina, e qual delas é mais influenciável, se a espanhola ou a inglesa, ou se há simplesmente uma mistura ou mestiçagem das duas. Alguns dos nossos entrevistados acreditam que são as duas culturas, ou metade de cada uma, porém distinguidas em diferentes contextos. Para coisas formais, as leis e governo o inglês, enquanto o espanhol é mais evidente em coisas informais, como o comportamento, o trato entre eles, a comida, de modo geral são mais latinos.

Esse entrelaçado de culturas, ou essa mestiçagem cultural, não podemos considerar apenas como uma confluência das duas culturas, mas sim como um processo de adaptação e ressignificação ou um processo de tradução cultural (Hall, 2006), no qual ocorre uma adaptação às matrizes culturais, no qual se vão diferenciando pelas suas origens e construindo conforme sua representatividade. Na mestiçagem cultural, ou no hibridismo sempre, podemos encontrar duas ou mais referências culturais e, que por mais autônomos que sejam, acabam por se mostrar entre as suas heranças mistas (Souza *apud* Madeira, 2007).

Outro ponto importante que deve ser inserido nesta discussão é a perspectiva do futuro de Gibraltar. Um dos objetivos deste projeto foi tentar apurar quais eram as perspectivas em relação ao futuro de Gibraltar, se deveria continuar a ser britânico, voltar a ser espanhol ou ser independente como uma nação própria.

Devido às constantes tentativas de negociação e de retomada de soberania por parte do governo espanhol em relação ao território de Gibraltar e a alguns conflitos fronteiriços, gerou-se um sentimento de insegurança no gibraltarinu, sendo possível perceber praticamente em todos os entrevistados, tanto nativos, residentes e não-residentes, a convicção de que Gibraltar não deve voltar a pertencer a Espanha.

Assim, no que se refere ao futuro, a maioria dos entrevistados acredita que Gibraltar deve continuar pertencer ao Reino Unido e que seria a melhor opção neste momento, mesmo que alguns entrevistados tenham demonstrado algum interesse numa autonomia, ou independência. Embora o gibraltarinu já tenha construído sua própria identidade social, e os vínculos políticos com o Reino Unido sejam considerados mais no sentido de uma proteção soberana, a ideia de voltar a pertencer a Espanha desperta um sentimento quase de rejeição por parte dos seus residentes. Como afirmou um dos residentes: *“os gibraltarinu se identificam com o Reino Unido mais pela reação da rejeição da Espanha, sobretudo o desejo de forçar os gibraltarinu de serem espanhóis (...), e a reação deles é: somos tudo menos espanhóis!”* (Homem, 35 anos, advogado, israelita, pai francês, mãe francesa).

A questão da existência da fronteira com a Espanha, tendo sempre um papel importante na história dos residentes de Gibraltar, continua a desempenhar a mesma importância para a manutenção da segurança, de acordo com o entendimento dos entrevistados, sobretudo por parte dos nativos. Um dos nativos chegou a mencionar que a fronteira é uma forma de identidade cultural e que se esta não existisse tudo seria diferente. Alguns almejavam uma fronteira mais humanizada e mais fluida. Ao mesmo tempo, outros demonstraram preocupação com o futuro em relação ao Brexit, ou seja, a saída do Reino Unido da União Europeia, sobretudo os nativos que acreditam que poderá ser prejudicial para o comércio, e os negócios. Para outros, esta poderá ser uma oportunidade para Gibraltar se independentizar do Reino Unido.

As questões diferenciadoras sobre os gibraltarinu também são perceptíveis ao nível económico: existe uma certa capacidade de adaptação e de resiliência por parte dos residentes que se conjugam com formas de inovação e de novos sistemas de gestão e de atração de investidores. O que permite perceber a capacidade de adaptação do gibraltarinu em conseguir desenvolver o seu próprio sistema económico como afirmou um dos entrevistados: *“Eles conseguem pegar sempre o melhor dos dois, como foi com a cultura*

*deles, e eles tiveram a escolha, eles tinham a cultura latina, e a cultura britânica, e eles pegaram dos dois o que era melhor para eles. E eles conseguiram quase fazer um sistema de vanguarda.* (Homem, 35 anos, advogado, israelita, pai francês, mãe francesa).

Por último, para finalizar esta análise, decidimos explorar quais eram os sentimentos de identificação em relação a Gibraltar e o que representa o ser gibraltarinu. Primeiramente, tentámos saber o que mais gostam e o menos gostam de Gibraltar, se algo deveria mudar, e se tinham algum vínculo de orgulho com Gibraltar.

Encontrámos respostas tão variadas quanto o próprio perfil cultural diversificado dos nossos entrevistados. Cada um deles teve uma resposta específica dependendo de sua trajetória pessoal e social. Os aspetos positivos foram mais respaldados em aspetos sociais e de identificação social, como liberdade, tolerância cultural e religiosa, ambiente familiar favorável, qualidade de vida e boas condições de trabalho, para além da solidariedade por parte dos gibraltarinu. E os aspetos negativos foram mais voltados para aspetos físicos em relação ao próprio território, como problemas ecológicos, urbanísticos e até mesmo de tráfego.

Quase todos os entrevistados pretendem continuar a viver em Gibraltar. Em relação aos sentimentos de identificação e orgulho, parece ser perceptível não somente entre os nativos, mais também entre alguns residentes que vivem há mais tempo. Outros reconhecem e sentem-se à vontade para falar da existência desse sentimento na população em geral e do modo e forma de se integrar, aceitando o outro como se fosse uma parte de si.

Ou seja, quase todos os entrevistados reconhecem um sentimento de pertença pela parte dos residentes de Gibraltar e transmitem um sentimento comum de convivência e de identificação como integrantes de uma sociedade que, ao mesmo tempo, é única, mas também é diversa, mas que é sobretudo tolerante dentro da sua diversidade. Podemos concluir que a diversidade trouxe ao gibraltarinu um sentimento único de identificação, e esse sentimento parece ser perceptível facilmente também entre os seus residentes, e não-residentes embora com algumas diferenças.

Neste sentido, é na diversidade que o processo de identificação vai moldando o sentimento de pertencimento ao grupo, onde os próprios integrantes destes grupos vão

partilhando suas pertencas, moldando e construindo sua própria identidade mediante a interação com seus grupos sociais (Cuche, 2004; Ferreira, 2010).

Para finalizar a discussão dos resultados, em certos aspetos, os depoimentos dos entrevistados/as estiveram mais próximos e outros mais distanciados. No percurso pessoal, os nativos demonstraram maiores laços familiares e uma maior miscigenação cultural entre os diferentes grupos. A questão trabalho parece ser mais importante para os residentes e, sobretudo, para os não-residentes, considerando um dos principais fatores de aproximação ou residência com Gibraltar.

A frequência e o contacto com outras culturas parecem ser comuns para todos os perfis, embora os nativos tenham assinalado uma maior importância na frequência com os espanhóis e comunidades religiosas e os residentes e não-residentes demonstrado maiores contactos com todas as culturas de modo geral, sendo reconhecida a existência de uma harmonia em Gibraltar.

Houve variedade nos depoimentos também entre os diferentes perfis, conforme as suas trajetórias, tratando-se da resposta à questão como era Gibraltar antes e como é agora. Os nativos parecem reconhecer a positividade nas mudanças sociais económicas, enquanto outros residentes e não residentes parecem estar mais preocupados com as mudanças físicas e urbanísticas de Gibraltar.

A particularidade do yanito parece ter um maior significado para os nativos como uma forma de identificação própria. Embora essa pertença esteja mais distante para os demais perfis, chega a ser perceptível e reconhecem como sendo algo próprio daqueles que nasceram no território e associam a uma forma nativa e autóctone de ser.

Na questão da perspectiva do futuro de Gibraltar, percebemos também algumas diferenças, a preocupação com o destino de Gibraltar, tanto económico como fronteiriço e em relação ao Brexit, parece ser mais evidente nos nativos do que nos demais entrevistados/as.

Em relação ao sentimento de identificação com Gibraltar, embora quase todos os perfis reconheçam o forte sentimento de orgulho entre os seus habitantes, os nativos e residentes parecem associar mais aos aspetos positivos as questões sociais, como a

tranquilidade, a liberdade, a tolerância, enquanto os não-residentes as boas condições de trabalho, a localização e o clima, uma vez que não habitam no território de Gibraltar.

Em relação aos depoimentos entre entrevistados e entrevistadas, ou entre homens e mulheres, não houve diferenças significativas, praticamente todas as mulheres, assim como os homens, estão inseridas e integradas na sociedade gibraltarina, como na questão trabalho e relações sociais.

## **Conclusão**

A proposta deste trabalho de investigação foi tentar explorar a cultura e a identidade dos residentes de Gibraltar no sentido de tentar compreender o que é o ser gibraltarinu.

A sociedade gibraltarina construiu a sua própria identidade por uma série de confluência de vários fatores que foram, pouco a pouco, moldando a identidade dos seus habitantes. Primeiramente, pelas suas características geográficas, pois por ser um território pequeno, limitado de espaço físico e de poucos recursos naturais se aproveitou ao mesmo tempo a oportunidade da sua posição estratégica e da sua condição de porto marítimo, atraindo populações oriundas de outros lugares e, assim, formando uma nova população local que era praticamente inexistente (Constantine, 2009; Archer, 2006).

Construída por sua história colonial, mesmo obrigatoriamente sendo dividida pelas disputas entre Reino Unido e Espanha conseguiu pouco a pouco, pluralizar-se (Constantine, 2009), desenvolvendo uma convivência e uma aprendizagem entre as duas culturas e procurando as suas próprias dimensões coletivas nos seus contextos sociais (Giddens, 2008), como foi o caso do bilinguismo entre o inglês e o espanhol, ou a criação do yanito com a alternância entre os dois idiomas, como uma pertença linguística e também cultural, no qual as utilizam as como uma forma de se diferenciar entre as duas culturas.

Outro fator importante também para a construção da identidade gibraltarina foram as pertenças religiosas. A presença permitida pelo governo britânico de várias religiões no território também provocou um sentimento de tolerância no gibraltarinu, sendo como uma das primeiras manifestações de pertenças, estabelecendo a ideia de plural na sociedade gibraltarina.

Podemos considerar também nesse processo construtivo a dinâmica da sua própria fronteira. A percepção de fronteira para o gibraltarinu foi mais do que um marco físico ou uma questão de segurança, também foi um limite entre a sua própria cultura e sua própria identidade. Se a fronteira com a Espanha não existisse provavelmente a cultura gibraltarina seria muito diferente do que é hoje.

O gibraltarino construiu a sua própria cultura e a sua própria identidade entre esses dois espaços, o dentro e o fora, ou eu e o outro, identificando-se e condicionando-se na questão de querer estar sempre de um lado ou do outro, dando sentido à ideia de grupo, como uma pertença coletiva, como um constante processo entre o estranhamento e a familiarização. A disputa constante entre ambos lados condicionou que os seus próprios limites internos provocassem um sentimento comum no gibraltarino (Amante, 2014, Souza, 2014, Albuquerque, 2010; Miranda, 2008).

O desempenho económico, com sua característica diversificada, talvez tenha sido um dos fatores que mais contribui para dinâmica da construção da identidade do gibraltarino, tendo em conta o seu historial militar, a sua característica física de porto mercante e o constante contacto com populações vindas de outros lugares, a sua condição fronteiriça que sempre se diferenciou de Espanha, permitindo intercâmbios de mercadorias, e um livre comércio e, obviamente, a diversidade da prestação de serviços que sempre permitiu a contratação de mão-de-obra estrangeira migratória que praticamente pouco a pouco foi constituindo a população gibraltarina e formando a sua cultura tão diversa (Archer, 2006).

É sobretudo a diversidade cultural que parece ser o fator final ou principal para a construção da identidade gibraltarina, no sentido de quanto mais as culturas diversificaram nesse território de pequena dimensão, mais se dimensionou, ao mesmo tempo, a sua identidade, despertando um sentimento comum, para além de um sentimento de partilha, de integração e provocando um sentimento de orgulho da sua própria diversidade.

Tendo em conta a imposição das duas culturas, como a inglesa e a espanhola, e a influência das demais culturas, o gibraltarino procurou no limite muito próximo e quase impercebível entre o ser o eu e ser o outro. O ser gibraltarino é ao mesmo tempo uno e múltiplo, não é nem dividido, e nem compartimentado, é apenas formado por essas várias pertenças que foram compondo durante as suas histórias e as suas vivências o seu percurso diverso entre tantas culturas, moldando-o tanto de forma singular como de forma plural.

A reflexão de um dos entrevistados ilustra bem esta complexidade cultural que influencia e se incorpora na identidade cultural de cada gibraltarino.

*“Sinto que faço parte de uma comunidade multicultural, que faz um grande esforço para se integrar, (...), e que aceita viver com pessoas que descendem de outras culturas, classes económicas, ideias políticas, convicções religiosas incluindo aqueles que são muito diferentes de suas próprias convicções, e aceitam a todos como uma parte deles. É como uma grande família, diversificada, que se toleram, mais ainda que se toleram, orgulham-se em estar entre pessoas diferentes.”* (Homem, 73 anos, arquiteto, gibraltarino, pai origem judaica, mãe espanhola).

## Bibliografia

Abranches, M. (2007). *Pertenças Fechadas em Espaços Abertos - Estratégias de (re) construção identitária de mulheres muçulmanas em Portugal*. Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, Lisboa.

Albuquerque, J. L. (2010). As fronteiras ibero-americanas na obra de Sérgio Buarque de Holanda. *Análise Social*, vol. XLV (195), 2010, 329-351. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1276642584P7pWR3yt7Kc33BD7.pdf>

Amante, M. de F. (2014). Das fronteiras como espaço de construção e contestação identitária às questões da segurança. In *Etnográfica*. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia vol. 18 (2) | 2014.

Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/3770>

Amendoeira, F. (2005). Uma língua, uma identidade. In Carvalho, Dulce; Vila Maior, Dionísio; Teixeira, Rui de Azevedo, org. "*Des(a)fiando discursos: Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques*". Lisboa: Universidade Aberta, 2005. ISBN 972-674-456-3. p. 37-43. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/3770#text>

André, J. M. (2012). *Multiculturalidade, identidades e mestiçagem*. Palimagem. Coimbra

André, J. M. (2012). *Multiculturalidade, identidades e mestiçagem: O diálogo intercultural nas ideias, na política, nas artes e na religião*. Recensões. Educação Sociedade & Culturas, nº 38,2013,203-208.

Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/13.Recensoes.pdf>

Archer, E. G. (2006). *Gibraltar, Identity and Empire*. Routledge, London and New York, 2006.

Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Ballantine, J. & Canessa, J.P. (2016). Gibraltarian Oral Histories: Walking the Line Between Critical Distance and Subjectivity, *Life Writing*, 13:2, 273-283. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/14484528.2016.1162262>>

Barbosa, M.H. S. & Gaglietti, M. (2015) A Questão da Hibridação Cultural em Néstor García Canclini. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul – Passo Fundo – RS*, pp.1-11. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0585-1.pdf>>

Barth, F. (2005). Etnicidade e o Conceito de Cultura. *Antropologia Política*, Niterói, n. 19, p.15-30, 2. sem. 2005. Disponível em: <http://www.gpmina.ufma.br/site/wp-content/uploads/2015/03/BARTH-F-ETNICIDADE-E-CULTURA.pdf>>

Boni, V. & Quaresma, S.J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>.

Brantes, H. R.S. (2013). Busca por POR UMA METODOLOGIA DE PESQUISA EM POÉTICAS VISUAIS. Monteiro, R. H. e Rocha, C. (Orgs.). *Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura*. Goiânia-GO: UFG, FAV, 2013. Disponível em: <[https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2013-077eixo2\\_Hélio\\_Renato\\_Silva\\_Brantes.pdf](https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2013-077eixo2_Hélio_Renato_Silva_Brantes.pdf)>

Brites et al. (2016) ECONOMIA E IDENTIDADE: UMA LEITURA DAS PRINCIPAIS ABORDAGENS. Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia. IX ENCONTRO DE ECONOMIA DA REGIÃO SUL. UFSC. 2016. Disponível em: <https://www.anpec.org.br/sul/2016/.../i1-b861667258251e7b688089c6057f5d5e.doc...>

Brito, E. C. R. (2010). *As Diferenças Faces da Interculturalidade no Contexto Escolar*. Universidade da Beira Interior - Ciências Sociais e Humanas. Covilhã. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.6/2512>>

Brugioni, E. (2011). Múltiplos Olhares sobre o Bilinguismo. Transversalidades II. Crista Flores. Universidade do Minho. Centro de Estudos Humanísticos. Português: língua literária e língua das Nações. p. 199.

Cardoso, A. J. G. (2005). AS INTERFERÊNCIAS LINGUÍSTICAS DO CABOVERDIANO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS. Universidade Aberta. Mestrado de Relações Interculturais. Lisboa 2005.

Cardoso, A., Teixeira, E., Spilker, M. J., Silva, M. P. & Oliveira, N. M. (2001). *Análise de Conteúdo de uma Entrevista Semi-Estruturada*. MpeLearning, 2001. p. 1-11. Disponível em: <http://mpelearning.pbworks.com/f/MICO.pdf>

Carmo H. & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da Investigação. Guia para Autoaprendizagem*. Universidade Aberta. 2008. 2ª edição. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/5963>

Castells, M. (1999). O Poder da Identidade. Vol II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Castro, E. V. (2002). O conceito de sociedade em Antropologia: um sobrevoo. São Paulo: Ed. Cosac & Naify. 2002. (297-316).

Codo, W. (2002). Identidade e Economia (I): Espelhamento, Pertencimento, individualidade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa Set-Dez 2002*, Vol. 18 n. 3, pp. 297-304 Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722002000300009>>

Constantine, S. (2009). *Community and identity*. Manchester University Press.

Craveiro, M. C. F. G. (2007). *Formação em Contexto. Um estudo de caso no Âmbito da Pedagogia da Infância*. Tese de doutoramento em Estudos da Criança. Universidade do Minho. 2007.

Cruz, Rodrigo Díaz (1993). Experiencias de la Identidad. In *Revista Internacional de Filosofía Política*, nº 2, pp. 63-74. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/198728>

Cuche, D. (2004). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Lisboa, Fim de Século.

Ennes M. A. (2013). Interacionismo simbólico: contribuições para se pensar os processos identitários. *Perspetivas*, São Paulo, v. 43, p. 63-81, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/5956>>

Ennes, M. A. & Marcon, F. (2014) Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 16, no 35, jan/abr 2014, p. 274-305. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/v16n35/a10v16n35.pdf>>

Faria. E. & Souza, V. L. T (2011). Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP. Volume 15, Número 1, Janeiro/Junho de 2011: 35-42. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n1/04.pdf>

Ferin, I. [et al.] (2008)- *Media, Imigração e Minorias Étnicas*. Lisboa: ACIDI, I.P., (2008). Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/291972287\\_Media\\_Imigracao\\_e\\_Minorias\\_Etnicas\\_2005-2006](https://www.researchgate.net/publication/291972287_Media_Imigracao_e_Minorias_Etnicas_2005-2006)

Fernandes L. A. & Gomes; J. M. M. (2003). Relatórios de pesquisa nas Ciências Sociais. *Universidade Unisions*, Porto Alegre, v. 3, n. 4, 1º semestre 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/direito/article/download/9394/6486>

Ferreira, A. M. M. S. (2005). *Religiosidade em alunos e professores portugueses*. Tese de Doutorado em Ciências da Educação na especialidade de Educação Intercultural. Universidade Aberta, 2005.

Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2427/4/Tese-AnaVerissimoFerreira-PDF.pdf>

Ferreira, M. F. (2013) A ética da investigação em ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 169-191. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/9185>

Ferreira, S.de A. (2010). *A Identidade no processo de construção da nova identidade*. Revista Eletrónica Inter-Legere, 2014.

Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4675>

Fleuri, R. M. (2003). Intercultura e educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/n23/n23a02.pdf>

Franco M. E. W. (2012). PENSANDO SOBRE A RELAÇÃO INDIVÍDUO E SOCIEDADE. SAÚDE MENTAL EM FOCO DO CESUCA - ISSN 2316-3674, [S.l.], v. 1, n. 1, ago. 2012. ISSN 2316-3674. SAÚDE MENTAL EM FOCO DO CESUCA - ISSN 2316-3674.

Disponível em: <http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/saudementalemfoco/article/view/22~>

Giddens, A. (1990) As Consequências da Modernidade. Editora UNESP da Fundação para o Desenvolvimento da Universidade Estadual Paulista, 1990. Disponível em: <http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Giddens,%20Anthony/ANTHONY%20GIDDENS%20-%20As%20Consequencias%20da%20Modernidade.pdf>

Giddens, A. (2008). Sociologia. Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Educação e Bolsas. 2008.

Godoy, M. G. G. (2012). Mestiçagem: um novo olhar sobre a diversidade cultural. Resenha. LAPLANTINE, F.; NOUSS, A. 2012. Mestiçagem. São Paulo, Terceira Margem, 110 p.

Gold, P. (2010), Identity Formation in Gibraltar: Geopolitical, historical and cultural factors. Geopolitical, historical and cultural factors. Geopolitics, 15 (2). pp. 367-384 University of the West of England. Bristol.

Gusmão, N. (2008). Antropologia, Estudos Culturais e Educação: desafios da modernidade. Pro-Posições, v. 19, n. 3 (57) - set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n3/v19n3a04.pdf> >

Hall, S. (2006). A identidade cultural na pós-modernidade, DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006.

Háskóli, I (2016). Gibraltar. Un territorio bilingue. Ritgerð til B.A. -prófs Fjóla Lára Ólafsdóttir. Leiðbeinandi: Erla Erlendsdóttir Janúar 2016.

Jackson, W.G.F. (1987) *The Rock of the Gibraltarians*. A History of Gibraltar. Associated University Presse

Junior, M.B. S. et al.(2010). A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física escolar- 1 Movimento, Porto. 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/11546/10008.junio>>

Kajimoto, Gerbasi & Cavalcante (2014). Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação (EPIM): Caderno de resumos. Londrina:Grupo de Pesquisa “Interfaces: Informação e Conhecimento”, Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2014. Disponível em <http://gicio.marilia.unesp.br/index.php/IEPIM/IEPIM/paper/viewFile/37/51>

Kaufmann, J.C. (2004) A invenção de si: Uma teoria da Identidade. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

Kaurark F da S et, al. (2010). Metodologia de Pesquisa: um guia prático. Itabuna: Bahia

Lalanda, P. (1998). Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. *Análise Social*, vol. XXXIII (148), 1998 (4.º), 871-883. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224154176E1jDU8rb4Nc15SI4.pdf>

Laraia, R. B. (2005) Da ciência biológica à social: a trajetória da antropologia no século XX, *Habitus*, v.3, n.2, jul./dez., 321-345. Disponível em: <<http://www.cliografia.com/wp-content/uploads/2013/04/Da-Ciência-biológica-à-social.pdf>>

Lima, L. D. S. C. & Horta, R. de C. A. (2016). As ciências humanas e sociais no processo de reconstrução da sociedade na perspetiva cidadã. *Revues.org*. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Lopes, A. J. D (2013) Resenha III Os grupos étnicos e suas fronteiras (Fredrik Barth). Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia e Museologia Programa de Pós Graduação em Antropologia. Disponível em: [https://www.academia.edu/5855987/Resenha\\_Os\\_Grupos\\_Étnicos\\_e\\_suas\\_Fronteiras\\_-\\_Barth](https://www.academia.edu/5855987/Resenha_Os_Grupos_Étnicos_e_suas_Fronteiras_-_Barth)

Luvizotto, C. (2009). Etnicidade e identidade étnica. Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul. UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, ( 2009.p.93). Disponível em : <http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/364142.pdf>

Maalouf, A. (2015). Les identités Meurtrières. Édition Bernard Grasset, Paris.

Madeira, C. (2005), Recensão. Da mestiçagem e do hibridismo — uma categorização crítica *Análise Social. Recensões.* vol. XL, n.º 177,. 2005.

Madeira, C. (2007). O Hibridismo nas Artes Performativas em Portugal, Dissertação de Doutorado, ICS-UL, 2008. Recuperado de <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/322>

Magano, O. (2010), Tracejar vidas normais. Estudo qualitativo sobre a integração social de indivíduos de origem cigana na sociedade portuguesa. Tese de Doutorado em Sociologia Especialidade Relações Interculturais. Universidade Aberta.

Magano, O. (2012). Pluralidade e reconfiguração da identidade cigana em Portugal. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXIII, 2012, pág. 251-268

Marques, M. E. R. (2006) - A cidade: territórios, linguagens, identidades. *Revista "Discursos [Em linha]: língua, cultura e sociedade"*. ISSN 0872-0738. S. 3, nº 7 (2006), p. 15-30. Recuperado <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/4288>

Marques, M. N. (2012). Pluralidade Religiosa e Assistência Hospitalar – Estudo de caso: Projeto Inter-Religioso no Hospital de São João. Dissertação de Mestrado em relações interculturais. Universidade Aberta. 2012  
Recuperado <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2136>

Martins H. H. (2004). Metodologia qualitativa de pesquisa. Universidade de São Paulo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004 /89

Matos, M (2014). Metodologias qualitativas e quantitativas: de que falamos? Fórum Sociológico 2014, *Revues.org*. Repuerado <https://journals.openedition.org/sociologico/1061>

Milot, M. (2012). A educação intercultural e a abertura à diversidade religiosa. *Visão Global*, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 355-368, jan./dez. 2012. Disponível em: <<https://editora.unoesc.edu.br/index.php/visaoglobal/article/download/3430/1529>>

Miranda, J. (2008). PORTUGAL construção e re-invenção da nação. *Vivência: Revista de Antropologia*, n.34.2008.p. 153-166. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia>

Mocellim, A. (2008). A questão da identidade em Giddens e Bauman. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol. 5 n. 1 (1) agosto-dezembro/2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1806-5023.2008v5n1p1>>

Mohand, A, S, (2010). INGLÉS Y ESPAÑOL EN GIBRALTAR: USOS Y ACTITUDES LINGÜÍSTICAS ENTRE LA POBLACIÓN JOVEN. *REVISTA ELECTRÓNICA DE ESTUDIOS FILOLÓGICOS*. New Jersey City University. Número 19- julio-2010

Nunes, F.G. & Silva, S. R (2002). FRONTEIRA E CONSTRUÇÃO DO “OUTRO” concepções de alunos sobre povos indígenas. *Mercator*, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 93-106, jan./abr. 2014. ISSN 1984-2201. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mercator/v13n1/1676-8329-mercator-13-01-0093.pdf>>

Oliveira, M. F. (2011). *Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração* / Maxwell Ferreira de Oliveira. -- Catalão: UFG, 2011. Disponível em: [https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual\\_de\\_metodologia\\_cientifica\\_-\\_Prof\\_Maxwell.pdf](https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf)

Poletto, J. & Kreutz.L. (2004) HALL, Stuart. *A identidade cultural 12 na pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

Ramos, N. (2011). *Educar para a interculturalidade e cidadania: princípios e desafios. Educação e Formação de Adultos. Políticas e práticas e investigação*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

Ramos, N. (2014). *Conflitos interculturais no espaço europeu. The overarching issues of the european space: the territorial diversity of opportunities in a scenario of crisis*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Pp. 225-245

Ramos, N. (2014). *Conflitos Interculturais no Espaço Europeu – Perspetivas de Prevenção e Intervenção*. Universidade Aberta, Lisboa Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais.

Raupp, F. M., & Beuren, I. M. (2006). Metodologia da pesquisa aplicável às Ciências Sociais. In I. M. Beuren (Ed.), *Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade: Teoria e Prática* (3rd ed., pp. 76-97). São Paulo: Atlas. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000288&pid=S0080-2107201200020000400038&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000288&pid=S0080-2107201200020000400038&lng=pt)

Rodrigues D. (n.d). *Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica*. Universidade da Beira Interior, Lisboa. Disponível em: [www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-rodrigues-donizete-patrimonio-cultural-memoria-social-identidade-uma%20abordagem-antropologica.pdf](http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-rodrigues-donizete-patrimonio-cultural-memoria-social-identidade-uma%20abordagem-antropologica.pdf)

Said-Mohand, A. (2010). INGLÉS Y ESPAÑOL EN GIBRALTAR: USOS Y ACTITUDES LINGÜÍSTICAS ENTRE LA POBLACIÓN JOVEN. REVISTA ELECTRÓNICA DE ESTUDIOS FILOLÓGICOS. New Jersey City University. Número 19- julio-2010.

Disponível em:

<http://www.latindex.ppl.unam.mx/index.php/browse/browseBySet/26335?sortOrderId=1&recordsPage=7>

Santos L. (2011). *As Identidades Culturais: proposições Conceituais e Teóricas*. Revista Rascunhos Culturais. Coxim/MS v2. P. 15.jul/dez.2011. Disponível em: <http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2012/06/Rascunhos-Culturais-V2-N4.pdf>

Santos, B.de S. (1993). Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo*, 5(1-2): 31-52,1993 (editado em nov. 1994).32, Nº 38, 1993. <[http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Modernidade%20Identidade%20Fronteira\\_TempoSocial1994.pdf](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Modernidade%20Identidade%20Fronteira_TempoSocial1994.pdf)>

Santos, B.de S. (2004). *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Edições Afrontamento, Porto.

Santos, C. (2014). O lugar do consumo na problemática identitária contemporânea. *Fórum Sociológico* [Online], 23 | 2013, posto online no dia 01 Janeiro 2014, consultado o 01 Outubro 2016. Disponível em: <<http://sociologico.revues.org/821>>

Santos, M. E. B. (2006). Religião, elemento fundamental na identidade do grupo dos alunos do Colégio Islâmico de Palmela. Dissertação de Mestrado. Universidade Aberta. 2006. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/647>

Silva, J. O. (2005). A Educação como fator de integração social na sociologia de Èmile Durkheim, 2º seminário nacional estado e políticas sociais no Brasil. Unioeste. Campus Cascabel. Disponível em:  
<http://cac.php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario2/trabalhos/educacao/medu03.pdf>

Silva, T. T. (2000). A produção social da identidade e da diferença. Identidade e diferença. Organizado por Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000 p. 73-102. Disponível em: [http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2003/ep403/a\\_producao\\_social\\_da.ht](http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2003/ep403/a_producao_social_da.ht)

Sousa, L.L. (2012). O processo de hibridação cultural: pros e contras. Revista Temática. Ano IX, n.03 – Março/2012. Disponível em:  
<[http://www.insite.pro.br/2013/janeiro/processo\\_hibridacao\\_cultural.pdf](http://www.insite.pro.br/2013/janeiro/processo_hibridacao_cultural.pdf)

Souza, L. B. (2014). Hibridação: Um Conceito e Vários Discursos. Revista Áskesis | v. 3 n. 1 | janeiro/junho - 2014| p. 136 - 158 | 136 Recuperado  
<http://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/129>

Souza, M. J. (2014). FRONTEIRAS SIMBÓLICAS - ESPAÇO DE HIBRIDISMO CULTURAL, UMA LEITURA DE DOIS IRMÃOS, DE MILTON HATOUM. Letrônica, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 475-489, jan./jun., 2014

Strauss, C. I. (1973) Raça e História In UNESCO Le Racisme devant la Science. Paris, pp. 9-49. Strauss, A. L. Espelhos e máscaras. São Paulo: Edusp, 1999. Disponível em:  
[https://www.academia.edu/11150345/Passages\\_de\\_Paris\\_N.7 -  
2011\\_Revue\\_Scientifique\\_de\\_lAssociation\\_des\\_Chercheurs\\_et\\_Etudiants\\_Brésiliens\\_en  
France](https://www.academia.edu/11150345/Passages_de_Paris_N.7_-_2011_Revue_Scientifique_de_lAssociation_des_Chercheurs_et_Etudiants_Brésiliens_en_France)

Taylor, C. (1994). Multiculturalismo: Examinando a Política de Reconhecimento. Lisboa: Instituto Piaget. Disponível em: <http://unisinós.br/blogs/ndh/2014/12/15/a-politica-de-reconhecimento-de-charles-taylor-para-uma-cultura-de-direitos-humanos/>

Zanatta, M. S. (2011). Nas teias da identidade: contribuições para a discussão do conceito de identidade na teoria sociológica. *Perspectiva*, Erechim. v.35, n.132, p.41-54, dezembro/2011.

Disponível em: <[http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/132\\_232.pdf](http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/132_232.pdf)>

## **Anexo 1- Guião da entrevista em português**

### **Ser gibraltarinu**

#### **Estudo exploratório sobre a cultura e identidade dos residentes em Gibraltar**

#### **Guião de entrevistas semi- estruturadas**

#### **Objetivos a alcançar com as entrevistas**

- Conhecer as relações pessoais e familiares com Gibraltar, se são nativos, nasceram em Gibraltar, ou mudaram-se mais tarde, ou ainda se são trabalhadores transfronteiriços.
- Conhecer quais são os distintos grupos sociais residentes e quais são as suas especificidades e semelhanças. Quais são os seus sentimentos de pertença e como conjugam as várias pertença.
- Abordar a questão linguística e o significado de ser (yanito) e quais são suas influências culturais.
- Abordar as questões políticas e económicas, desde fronteira, Brexit, e situação económica.
- Quais são os seus sentimentos de identificação em relação a Gibraltar.

**1. Motivos para viver em Gibraltar:** nasceu aqui, ou porque veio viver para aqui. Sente-se bem em viver aqui? Como é o seu convívio no dia-a-dia com Gibraltar: família, trabalho. Há quanto tempo vive aqui?

**1.1. Questão familiar:** Tem familiares que vivem aqui? Trabalham aqui? Quem são? Gostam de viver aqui?

**2. Contacto e convívio social:** Com quem costuma conviver mais, com gibraltarinos, ou com outro tipo de grupo de pessoas que não são do mesmo convívio que o seu, com que frequência? Aonde costuma frequentar aonde? Alguma vez já teve algum problema com alguém por questões culturais ou religiosas em Gibraltar?

**3. Convivência e integração Gibraltar:** Pensa que em Gibraltar há harmonia entre todos, ou com os distintos grupos sociais? Como ingleses, espanhóis, trabalhadores transfronteiriços? Acha que as comunidades religiosas costumam se relacionar-se bem? Acredita que em Gibraltar há uma integração?

**4. Gibraltar: o antes e o depois:** Como era Gibraltar quando chegou (ou era de criança)? Acha que muita coisa mudou de lá para cá? Acha que foi para melhor ou pior? O que mudou?

**5. Língua mais falada mais no dia-a-dia:** Costuma falar o espanhol, inglês ou yanito? (trabalho, família e amigos). Quando usa mais um ou mais o outro idioma e com que frequência?

**6. Significado de Yanito para si:** Há diferenças em ser Yanito para as outras pessoas que não nasceram aqui? Acha que ser Yanito é apenas uma maneira específica de falar, ou acredita que isso influencia em seu comportamento? Se nasceu aqui, sente-se mais britânico ou mais yanito?

**7. Perspetiva sobre a cultura de Gibraltar:** Acha que há mais influência espanhola ou inglesa ou acha que é muito miscigenada?

**8. Perspetiva sobre o futuro de Gibraltar:** como deveria ser Gibraltar, ser independente, continuar a pertencer ao Reino Unido ou deve voltar a ser espanhol? , Porquê?

**9. A questão da fronteira:** Acredita que deveria continuar a existir? Acha que a fronteira não deve existir mais, e porquê? Sente-se seguro em viver aqui, apesar do problema fronteiriço? E se a fronteira já não existisse, acredita que algo mudaria tratando-se de segurança?

**10. Perspetiva Económica:** O que pensa da economia de Gibraltar? Acredita que algo deveria mudar? Acha que a economia é bastante diversificada? E o que pensa do facto de considerarem Gibraltar como paraíso fiscal e a questão do contrabando de tabaco? O que sabe sobre isso? Acha que Gibraltar tem boas condições de trabalho? Porquê?

**11. Brexit:** Pensa que será bom ou não para Gibraltar, porquê?

**12. Perspetiva pessoal de Gibraltar:** Algo deve mudar? Tenciona viver em Gibraltar? O que mais gosta e o que menos gosta? Sente-se orgulhoso por viver aqui, sente-se gibraltarinho? Pretende continuar vivendo aqui?

**Registo de dados pessoais**

<b>Dados Pessoais</b>	
<b>Nome:</b>	
<b>Sexo:</b>	
<b>Idade:</b>	
<b>Estado civil:</b>	
<b>Filhos:</b>	
<b>Escolaridade:</b>	
<b>Profissão:</b>	
<b>Local de nascimento:</b>	
<b>Origem dos pais:</b>	
<b>Religião:</b>	

**Anexo 2- Guião de entrevista em espanhol****El guión de la entrevista**

**1. Motivos de vivir en Gibraltar:** nació aquí, o porque vino a vivir aquí. ¿Se siente bien viviendo aquí? Cómo es su convivencia en el día a día en Gibraltar: familia, trabajo. ¿Cuánto tiempo ha estado viviendo aquí?

**1.1. Cuestión familiar** ¿Tiene familiares que viven aquí? ¿Trabaja aquí? ¿Quiénes son? ¿Te gusta vivir aquí?

**2. Contacto y convivencia social:** ¿Con quién suele convivir más: gibraltareños, o personas de otras procedencias, y con qué frecuencia? ¿Adónde suele ir? ¿Alguna vez ha tenido algún problema con alguien por cuestiones culturales o religiosas en Gibraltar?

**3. Convivencia e integración en Gibraltar:** Piensa que hay armonía en Gibraltar entre, y dentro de todos los distintos grupos sociales? Ingleses, españoles, trabajadores transfronterizos, etc... ¿Cree que las comunidades religiosas suelen relacionarse bien?

**4. Gibraltar, el antes y el después:** ¿Cómo era Gibraltar cuando llegó (o era de niño)? ¿Crees que ha cambiado mucho de allá para acá? ¿Crees que fue para mejor o peor? ¿Qué ha cambiado?

**5. Lengua hablada más en el día a día:** ¿Suele hablar español, inglés o yanito? (trabajo, familia y amigos). Cuándo se usa uno más que el otro, ¿con qué frecuencia?

**6. El significado de Yanito:** Hay diferencias en ser Yanito con las otras personas que no nacieron aquí ¿Crees que ser Yanito es sólo una manera específica de hablar, o cree que eso influye en su comportamiento? Si nació aquí, se siente más británico o más yanito?

**7. Perspectiva sobre la cultura de Gibraltar:** ¿Más influencia española o inglesa o encuentra una cultura más mestiza?

**8. Perspectiva sobre el futuro de Gibraltar:** ¿Cómo debería ser Gibraltar: independiente, seguir perteneciendo al Reino Unido, o volver a ser español, y por qué?

**9. La cuestión de la frontera:** ¿Crees que debería seguir existiendo? ¿O cree que no debe tener más frontera, y por qué? ¿Se siente seguro de vivir aquí a pesar del problema fronterizo? ¿Y si no tuviera más la frontera, cree que algo cambiaría tratándose de seguridad?

**10. Economía:** ¿Qué piensa la economía de Gibraltar? ¿Crees que algo debería cambiar? ¿Cree que la economía es bastante diversificada? ¿Y qué piensa acerca tanto de la cuestión de considerar Gibraltar como paraíso fiscal como del contrabando de tabaco? ¿Qué sabe sobre esto? ¿Cree que Gibraltar tiene buenas condiciones de trabajo? ¿Por qué?

**11. Brexit:** ¿Piensas que será bueno o no para Gibraltar, por qué?

**12. Perspectiva personal de Gibraltar:** Algo debe cambiar, piensa vivir en Gibraltar. ¿Qué es lo que más le gusta y lo que menos? Se siente orgulloso de vivir aquí, se siente gibraltareño? ¿Desea seguir viviendo aquí?

**Registro de datos personales**

<b>Datos Personales</b>	
<b>Nombre:</b>	
<b>Sexo.</b>	
<b>Edad:</b>	
<b>Estado civil:</b>	
<b>Hijos:</b>	
<b>Trabajo:</b>	
<b>Nivel de estudios:</b>	
<b>Lugar de nacimiento:</b>	
<b>Orígenes de los padres.</b>	
<b>Religión:</b>	

### Anexo 3 - Guião de entrevista em francês

#### Sujets dans le script d'interview

**1. Raisons de vivre à Gibraltar:** est né ici, ou est venu vivre ici. Ça fait du bien de vivre ici? Comment est votre vie quotidienne avec Gibraltar: famille, travail. Depuis combien de temps vivez-vous ici?

**1.1. Question de famille:** Avez-vous des membres de la famille qui vivent ici? Travaillez-vous ici? Qui sont-ils? Aimez-vous vivre ici?

**2. Contact et contact social:** Que savez-vous habituellement de plus avec Gibraltaien ou un autre type de groupe qui n'est pas la même personne que vous, à quelle fréquence? Où allez-vous où? Avez-vous déjà eu des problèmes avec quelqu'un pour des raisons culturelles ou religieuses à Gibraltar?

**3. Vivre et intégrer Gibraltar:** Pensez-vous qu'il y a une harmonie à Gibraltar, ou avec les différents groupes sociaux? En tant qu'anglais, espagnols, travailleurs frontaliers? Pensez-vous que les communautés religieuses ont souvent de bonnes relations? Croyez-vous que Gibraltar est une intégration?

**4. Gibraltar: l'avant et après:** Comment était Gibraltar quand il est arrivé (ou était-ce un enfant)? Vous pensez que beaucoup a changé d'avant en arrière? Pensez-vous que c'était pour le meilleur ou pour le pire? Qu'est-ce qui a changé?

**5. La langue la plus parlée dans la vie quotidienne:** parlez-vous espagnol, anglais ou yuan? (travail, famille et amis). Lorsque vous utilisez un ou plusieurs de l'autre, à quelle fréquence?

**6. Signification de Yanito para si:** Il y a des différences dans le fait d'être Yanito avec d'autres personnes qui ne sont pas nées ici Pensez-vous qu'être Yanito est juste une manière spécifique de parler, ou croyez-vous que cela influence votre comportement? Si vous êtes né ici, vous sentez-vous plus britannique ou plus jeune?

**7. Perspective sur la culture de Gibraltar:** Pensez-vous qu'il y a plus d'influence espagnole ou anglaise ou pensez-vous que c'est très mélangé?

**8. Perspective sur l'avenir de Gibraltar:** à quoi devrait ressembler Gibraltar, être indépendant, continuer à appartenir au Royaume-Uni ou devrait-il redevenir espagnol, pourquoi?

**9. Perspective politique de Gibraltar.** The Frontier Question: Croyez-vous que cela devrait continuer à exister? Pensez-vous qu'il ne devrait plus y avoir de frontière et pourquoi? Vous sentez-vous en sécurité ici malgré le problème de la frontière?

**10. Économie:** Que pensez-vous de l'économie de Gibraltar? Pensez-vous que quelque chose devrait changer? Pensez-vous que l'économie est très diversifiée? Et que pensez-vous de la question de considérer Gibraltar comme un paradis fiscal et la question de la contrebande de tabac? Que savez-vous à ce sujet? Pensez-vous que Gibraltar a de bonnes conditions de travail? Pourquoi?

**11. Brexit:** Pensez-vous que ce sera bon ou pas pour Gibraltar, pourquoi?

**12. Perspective personnelle de Gibraltar:** Quelque chose doit changer, vous avez l'intention de vivre à Gibraltar. Qu'est-ce que vous aimez le plus et le moins? Es-tu fier de vivre ici, te sens-tu gibraltarin? Voulez-vous continuer à vivre ici?

**Informations personnelles****Votre nom:****Sexe:****Âge:****Statut de la relation:****Enfants:****Éducation:****Occupation:****Lieu de naissance:****Pays d'origine:****Religion:**

## Anexo 4 – Guião de entrevista em inglês

### Interview script

**1. Reasons to live in Gibraltar:** were you born here, or did you come to live here? Do you like living here? How is your daily life in Gibraltar: family, at work. How long have you lived here?

**1.1. Family Question:** Do you have family members living here? Do you work here? Who are they? Do you like living here?

**2. Contact and social contact:** With whom do you usually live the most, with Gibraltarians, or other types of people who are not in the same circle as you, how often? Where are you going where? Have you ever had problems with someone for cultural or religious reasons in Gibraltar?

**3. Coexistence and integration Gibraltar:** Do you think there is a harmony in Gibraltar or in different social groups? With English, Spanish, cross-border workers? Do you think religious communities often have good relationships? Do you believe that there is integration in Gibraltar?

**4. Gibraltar:** Before and After: How was Gibraltar when you arrived (or as a child)? Do you think that much has changed compared to now? Do you think it was better or worse? What changed?

**5. Most spoken language:** Do you speak Spanish, English or Yanito? (at work, family and friends). Do you speak several of them, how often?

**6. What does Yanito mean to you?** Are there any differences between Yanitos and people who were not born here? Do you think being "Yanito" is only a specific way of

speaking or do you think it influences your comportment? If you were born here, do you feel more British or more "Yanito"?

**7. Perspective on the culture of Gibraltar:** Do you think there is more Spanish or English influence or do you think it is very mixed?

**8. Perspective on the future of Gibraltar:** how should Gibraltar be, be independent, continue to belong to the United Kingdom or should it become Spanish again, why?

**9. About the Border:** Do you believe that it should continue to exist? Do you think there should be no border and why? Do you feel safe here despite the border problem? And if there was no border, do you think something would change in security?

**10. Economic Perspective:** What do you think of Gibraltar's economy? Do you think something should change? Do you think the economy is very diverse? And what do you think of considering Gibraltar as a tax haven and tobacco smuggling? What do you know about this? Do you think Gibraltar has good working conditions? Why?

**11. Brexit:** Do you think it will be good for Gibraltar or not, why?

**12. Personal Perspective of Gibraltar:** Does something must change, do you want to continue living in Gibraltar. What do you like the most and the least? Are you proud to live here, do you feel Gibraltarian? Do you want to continue living here?

**Personal Information****Your name:****Sex:****Age:****Civil status:****Children:****Education:****Occupation:****Place of birth:****Parents native country:****Religion:**

## Anexo 5 - Ficha de registo de realização das entrevistas

Ficha do registo de realização das entrevistas						
Nº E	Tempo de gravação	Transcrição gravação	Local e aspetos físicos	Origem do contacto	Idioma	Limitação da entrevista
E-1	25 min	Gravada e escrita na íntegra Traduzida do espanhol para o português	A entrevista feita em Gibraltar na loja do entrevistado e gravada no final de tarde. Pouco ruído e sem interferências. O entrevistado parecia a vontade. A entrevista foi feita entre entrevistado e entrevistadora.	A entrevista foi marcada após uma compra da entrevistadora que estava acompanhada com um familiar falando em idioma português	A entrevista foi feita na língua espanhola, o entrevistado era de origem indiana mas dominava o espanhol.	O entrevistado limitou-se mais em responder as perguntas embora parecia se sentir a vontade. Fez alguns comentários pessoais e de sua trajetória e sua vida pessoal após a entrevista, mesmo sabendo que estava sendo gravado ele parecia mais a vontade.
E-2	37 min	Gravada e escrita na íntegra. Traduzida do espanhol para o português	A entrevista foi realizada em uma cafeteira em Gibraltar. Houve algum ruído de fundo mas não chegou a comprometer a qualidade do áudio. A entrevista foi feita entre entrevistado e entrevistadora.	O entrevistado já tinha contacto com a entrevistadora anteriormente por conhecidos e também pelas redes sociais.	A entrevista foi feita no idioma espanhol. O entrevistado era gibraltariano e dominava bem o espanhol, embora tenha utilizado uma linguagem mais coloquial, como uso expressões locais.	A entrevista foi feita por tópicos, sendo melhor que a anterior. O entrevistado pareceu mais a vontade, no entanto, centrou-se demais nas questões políticas menos nas questões familiares e pessoais, sobretudo na questão com a fronteira com a Espanha.
E-3	1h 52 min	Gravada e escrita na íntegra. Traduzida do espanhol para o português	A entrevista foi feita em Gibraltar em uma cafeteira de um supermercado pela manhã sugerido pelo próprio entrevistador. A entrevista foi feita somente entre entrevistado e entrevistadora. Não houve muito barulho e interrupções.	O entrevistado já tinha contacto com a entrevistadora anteriormente por conhecidos e também pelas redes sociais.	A entrevista foi feita no idioma espanhol. O entrevistado era nativo dominava o espanhol embora utilizasse uma linguagem bastante coloquial e o uso de expressões locais.	A entrevista pareceu mais fluida que as anteriores. O entrevistado tão pouco abordou muitos aspetos pessoais tratando-se de família e convívio com outros grupos culturais, embora nesta entrevista houve muito mais dados a acrescentar para a análise de conteúdos.
E-4	1h 57 min	Gravada e escrita na íntegra. Traduzida do espanhol para o português	A entrevista foi realizada em um café pela manhã em Gibraltar. Havia algum barulho mas não muito, o áudio ficou claro e nítido. O local foi sugerido pelo próprio entrevistado.	O entrevistado já era conhecido pela entrevistadora, e o próprio entrevistado se prontificou a colaborar, uma vez que está envolvido em projetos de resgate da cultura e identidade de Gibraltar.	A entrevista foi feita toda em espanhol. O entrevistado tinha bastante domínio do idioma, e era gibraltariano. Também tinha um bom vocabulário, o que contribuiu para uma entrevista mais longa.	A entrevista foi bastante longa, quase duas horas. O entrevistado sentiu-se bastante a vontade, e parecia conhecer muito não somente a história de Gibraltar mas aspectos políticos económicos e sociais. A entrevista foi bastante proveitosa, embora tenha sido cansativo, sobretudo tratando-se da transcrição.
E-5	1h 02 min	Gravada e escrita na íntegra. Traduzida do espanhol para o português	A entrevista foi realizada em Gibraltar num restaurante, sugestão do próprio entrevistado. Foi feita ao meio dia. Havia algum barulho de pratos mas a gravação registou bem a entrevista.	O contacto com o entrevistado foi feito no mesmo dia da anterior entrevista. O entrevistado anterior apresentou a entrevistadora e que cedeu gentilmente a entrevista no dia seguinte.	A entrevista foi feita no idioma espanhol. O entrevistado era gibraltariano mas não tinha tanto domínio do idioma espanhol, utilizava muitas expressões locais.	A entrevista foi satisfatória, embora o entrevistado falou muito de si. Foi bastante cordial e simpático e falou muito de suas origens e antepassados e menos das questões culturais.

Nº E	Tempo de gravação	Transição gravação	Local e aspetos físicos	Origem do contacto	Idioma	Limitação da entrevista
E-6	38 min	Gravada e escrita na íntegra. Traduzida do espanhol para o português	A entrevista foi realizada em Gibraltar em um café sugerido pela própria entrevistada. Não houve muita interferência de ruído e o áudio ficou bem registado.	A entrevistada já era conhecida há bastante tempo pela entrevistadora por contacto do trabalho de seu conjugue.	A entrevista foi feita em espanhol, no idioma nativo da entrevistada.	A entrevista fluiu bem, embora a entrevistada não tinha tanto tempo disponível. É a primeira entrevistada não nativa, mas que vive há bastante tempo em Gibraltar.
E-7	33 min	Gravada e escrita na íntegra. Traduzida do espanhol para o português	A entrevista foi realizada em Gibraltar em um parque sugerido pela entrevistada. Foi agradável e havia muito pouco ruído e praticamente nenhuma interrupção. Foi feito na parte da manhã.	A entrevistada foi indicada pelo um dos entrevistados, que prontificou-se imediatamente a fazer a entrevista. Foi bastante simpática.	A entrevista foi feita em espanhol. A entrevistada dominava bem o espanhol.	A entrevista foi boa, embora o ambiente era favorável a entrevistada limitou-se apenas em responder as perguntas, não aprofundou muito as questões culturais.
E-8	46 min	Gravada e escrita na íntegra. Traduzida do inglês para o português	A entrevista foi realizada em Gibraltar em um cafeteria sugerida pela entrevistada. Houve um pouco de interferência e barulho de fundo. A entrevista foi feita entre a entrevistada, a entrevistadora e seu esposo, para ajuda com o inglês na tradução.	A entrevistada era colega de trabalho do esposo da entrevistadora. Foi bastante amável em ceder a entrevista.	A entrevista foi feita praticamente em inglês.	Esta entrevista teve algumas limitações. Primeiro porque foi feita em inglês. Também houve um pouco de ruído de fundo e a entrevistada falava muito baixo. Havia pouco tempo, a entrevistada estava em intervalo de trabalho.
E-9	43 min	Gravada e escrita na íntegra. Traduzida do francês para o português	A entrevista foi realizada em Gibraltar dentro de um café. Havia bastante ruído, mas o áudio ficou compreensível. O local foi sugerido pelo entrevistado e foi feito na manhã.	O entrevistado já era conhecido pela entrevistadora, era responsável por um projeto social em Gibraltar (Understing Gibraltar).	A entrevista foi feita em francês e traduzida para o português. Foi realizada somente entre entrevistado e entrevistadora.	De modo geral a entrevista foi muito boa. O entrevistado dominava muito bem as questões sociais porque é um dos coordenadores de um projeto socio cultural que estuda a dinâmica da cultura de Gibraltar. O único inconveniente era o excesso de ruído por parte de algumas crianças que se encontravam no recinto.
E-10	58 min	Gravada e escrita na íntegra. Teve partes da entrevistas que houve muito diálogo para tentar explicar melhor as perguntas.	A entrevista foi realizada em Gibraltar em café numa praça. Havia algum ruído mas o áudio ficou compreensível. O local foi sugerido pelo entrevistado e foi feito na manhã.	A entrevistada foi apresentada por conhecido da entrevistadora, e se prontificou amavelmente para a entrevista.	A entrevista foi feita em espanhol, mas a entrevistada não dominava muito e alguns questões a entrevistada não se estendeu muito nas respostas.	A entrevista foi boa, mas houve limitações com o idioma. A entrevistada se sentiu a vontade mas custou um pouco a expressar suas respostas.

Nº E	Tempo de gravação	Transição gravação	Local e aspetos físicos	Origem do contacto	Idioma	Limitação da entrevista
E-11	1 hora	Escrita quase toda na íntegra. Teve partes da entrevistas que houve muito diálogo, pela falta do domínio do espanhol.	A entrevista foi realizada no escritório da empresa da entrevistada. Não houve interrupção e sem nenhum ruído. Os aspectos físicos foram muito bom. Feita somente entre entrevistadora e entrevistada.	A entrevistada foi sugestão de um dos entrevistados, porque fazia também parte de um projeto de resgate cultural em Gibraltar.	A entrevista foi feita em espanhol embora a entrevistada colocava algum vocabulário em inglês.	A entrevista em geral foi satisfatória, o ambiente estava sem nenhuma interferência. O único limite que a entrevistada não dominava bem o espanhol, embora parecia se esforçar bastante em responder as perguntas.
E-12	1:30 min	Gravada e escrita na íntegra. Traduzida do espanhol para o português, e foi realizada em duas etapas.	A entrevista foi realizada em duas partes, primeira foi feita em um café, e a segunda dentro da câmara do comércio de Gibraltar na sala de reuniões. Foi feita assim, porque uma parte da entrevista foi interrompida pela falta de bateria na gravadora. Feita somente entre entrevistadora e entrevistado. O som da áudio ficou claro.	O entrevistado já era conhecido pela entrevistadora quando havia contactado com a câmara do comércio para informações e dados estatísticos para este trabalho.	A entrevista foi feita em espanhol. O entrevistado embora era de origem inglesa dominava bem o espanhol.	A entrevista foi muito boa, o entrevistado, como presidente da Câmara do Comércio de Gibraltar dominava muitos aspectos, como economia, história e cultura.
E-13	1:10 min	Gravada e escrita na íntegra. Traduzida do espanhol para o português	A entrevista foi realizada na casa da entrevistadora. A entrevista foi feita em entrevistadora e entrevistado de manhã. Não houve interrupção e nem barulho.	O entrevistado era conhecido da entrevistadora e seu esposo há muitos anos por este ter trabalhado juntos. O entrevistado se prontificou gentilmente a colaborar com o projeto.	A entrevista foi feita em espanhol. O entrevistado não dominava muito bem o espanhol, teve algumas dificuldades em expressar-se mas pode realizar a entrevista em boas condições.	A entrevista foi razoável, mas o entrevistado não parecia muito interessado sobre a cultura de Gibraltar. Não possuía muitos vínculos e interesse com a cultura de Gibraltar.
E-14	56 min	Gravada e escrita na íntegra. Traduzida do espanhol para o português	A entrevista foi realizada na casa da entrevistadora. A entrevista foi feita em entrevistadora e entrevistado de manhã. Não houve interrupção e nem barulho.	A entrevistada já era conhecida da entrevistadora por trabalho. Se propôs gentilmente a colaborar com o projeto porque tinha muitas relações com Gibraltar	A entrevista foi feita também em espanhol. A entrevistada tinha um bom domínio do idioma.	A entrevista foi muito boa, a entrevistada parecia ter conhecido Gibraltar há muito tempo, como também chegou a viver em Gibraltar e tem família. Não houve praticamente nenhuma dificuldade.
E-15	1:45 min	Gravada e escrita na íntegra. Traduzida do espanhol para o português	A entrevista foi realizada em das Mesquitas de Gibraltar. O aspecto ambiente era silencioso e não houve nenhuma interrupção.	O entrevistado foi indicação de uma das entrevistadas que faz parte de alguns projetos culturais em Gibraltar. O início foi apresentado por outra pessoa e depois foi feito a entrevista somente entre entrevistadora e entrevistado.	A entrevista foi feita em espanhol. O entrevistado dominava bem o idioma.	A entrevista foi muito boa. O entrevistado pertencia a um grupo religioso de Gibraltar e também fez parte de movimentos de sindicato. Parecia estar a vontade em mencionar sua experiência. A entrevista foi longa, o entrevistado estava muito interessado em contar sua experiência.

E-16	25 min	Gravada e escrita na íntegra. Entrevista realizada em português	O entrevista foi feita em um café na Espanha, sugerido pelo entrevistado. Havia algum ruído, mas o áudio ficou compreensivo. Embora a entrevista tenha sido feita entre entrevistadora e entrevistado, este estava acompanhado da esposa e filho.	O entrevistado já era conhecido pela entrevistadora. O entrevistado também foi amável em colaborar com este projeto.	A entrevista foi feita em português. O entrevistado era português de origem angolano.	A entrevista foi muito boa, embora curta. Realizada em português e foi bastante fluída, e conseguiu-se perceber aspectos importantes do guião. O entrevistado parecia a vontade.
E-17	40 min	Gravada e escrita na íntegra. Traduzida do espanhol para o português	A entrevista foi realizada na casa da entrevistada. Não houve ruído. Houve apenas uma pequena interrupção para um café.	A entrevistada era conhecida da entrevistadora por ser companheira de trabalho de do esposo da entrevistadora.	A entrevistas foi feita em espanhol, como a entrevistada era espanhola não houve nenhuma dificuldade em responder as perguntas.	A entrevistada foi boa. A entrevistada é trabalhadora tranfronteiriça e possuía muitos contactos com gibraltarinos e pessoas de outras nacionalidades. Parecia estar a vontade ao abordar certos assuntos sobre Gibraltar.

**Anexo 6 - - Excerto de modelo utilizado para a análise de conteúdo**

Análise de Conteúdo		
Razões para viver em Gibraltar	Nasceu aqui, ou porque veio viver aqui. E sente bem viver aqui. Quanto tempo vive aqui?	E-1
		E-2
		E-3
		E-4
		E-5
		E-6
		E-7
		E-8
		E-9
		E-10
		E-11
		E-12
		E-13
		E-14
		E-15
		E-16
		E-17

Tópico 1 Tópico 2 Tópico 3 Tópico 4 Tópico 5 Tópico 5 Tópico 6 Tópico 7 Tópico 8 Tópico 9 Tópico 10 Tópico 11

## Anexo 7- Excerto de análise das entrevistas: transcrições

Categoria	Subcategorias	Transcrições das entrevistas que reíram esses aspetos
<b>Motivos para viver em Gibraltar. Questão familiar</b>	Nasceu aqui, ou porque veio viver aqui. Se sente bem em viver aqui? Como é seu convívio no dia-a-dia com Gibraltar: família, trabalho. Há quanto tempo vive aqui? Tem familiares que vivem aqui? Trabalham aqui? Quem são? Gostam de viver aqui?	<i>Vivo aqui porque tenho minha família e trabalho aqui também. Sim, me sinto bem vivendo aqui, porque é um lugar pequeno e faz lembrar o lugar de onde eu vivia antes com meu pai em uma pequena comunidade na Índia, uma espécie de condomínio privado e tenho esse mesmo sentimento de segurança. É muito prático viver aqui, tudo é muito perto, principalmente quando se tem filhos como as escolas, tudo é muito perto. Vivo aqui há 10 anos, e é muito agradável para que tem família, porque depois do trabalho se tem mais tempo de estar em família. O dia-a-dia é muito bom, porque posso passar o fim de semana com meus filhos e em família. Não tenho nada a reclamar, trabalho das 9 a 6 da tarde o qual permite-me ter muito tempo livre. Estou trabalhando a 5 minutos de minha casa. A vida é muito mais fácil e prática de que viver em uma cidade grande.</i>
	Tem familiares que vivem aqui? Trabalham aqui? Quem são? Gostam de viver aqui?	<i>A minha família, meu pai e meus irmãos vivem na Índia. A família do meu marido vivem todos em Portugal e aqui vivo somente com meu marido e meus dois filhos.</i>
<b>Contacto cultural e convívio social</b>	Com que costuma conviver mais, com gibraltarinu, ou outro tipo de grupo de pessoas que não são do mesmo convívio do seu, com que frequência? Aonde costuma frequentar aonde? Alguma vez já teve algum problema com alguém por questões culturais ou religiosas em Gibraltar?	<i>Tenho amigos praticamente de todas as comunidades locais, portuguesas, romenas, e outras comunidades. Eu não tenho nenhum problema com nenhuma delas, por razões profissionais sou obrigada a frequentar várias comunidades. Não poderia dizer se frequento mais uma ou outra comunidade, é aleatório. Obviamente, tenho amigos mais próximos e outros nos quais frequento por razões profissionais. Como já faz 10 anos que vivo aqui, é uma pequena comunidade, logicamente acaba-se conhecendo muitas pessoas de diferentes comunidades.</i>
<b>Convivência e integração Gibraltar.</b>	Pensa que há harmonia em Gibraltar em todos, ou com os distintos grupos sociais? Como ingleses, espanhóis, trabalhadores transfronteiriços? Acha que as comunidades religiosas costumam se relacionar bem? Acredita que Gibraltar há uma integração?	<i>Acho que sim, há muita harmonia, as pessoas são muito comunicativas. Aqui eles têm vários eventos sociais, como "la calentita" (uma espécie de comida tradicional). Como é uma pequena comunidade entre 30 a 40 mil pessoas vivendo aqui, se tem uma sensação de segurança. O fato de todos se conhecerem também dá um sentimento de segurança, se cruzas às vezes com as pessoas, eles te dizem: "ah, eu vi teu filho em tal lugar, e isso te dá esse sentimento de segurança". Isso é bom, mas às vezes pode ser ruim também, porque todos se conhecem, neste caso, é bom para mim, e ruim para meu filho (risos). O fato de ser uma pequena comunidade, as evitam atritos umas com as outras, e isso é muito bom! A grande maioria das pessoas que vem viver em Gibraltar se sentem mais limitados pelo espaço que pelas pessoas, e comunidades. Um dos problemas da limitação do espaço e o preço da moradia, mas fora isso não há outro problema de convivência entre as pessoas, somente este mesmo, o problema do espaço físico. É muito difícil não encontrar duas vezes a mesma durante o dia.</i>

